

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

RAFAEL MORAES LIMONGELLI

**HORTA DA VIDA:
UMA CARTOGRAFIA ENTRE ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI E
UMA EXPERIÊNCIA EDUCACIONAL**

**GUARULHOS
2017**

RAFAEL MORAES LIMONGELLI

**HORTA DA VIDA:
UMA CARTOGRAFIA ENTRE ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI E
UMA EXPERIÊNCIA EDUCACIONAL**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em
Educação na
Universidade Federal de São Paulo
Programa de Pós graduação em Educação
Orientação: Prof. Dr. Alexandre Filordi de
Carvalho

**GUARULHOS
2017**

Limongelli, Rafael Moraes.

Horta da Vida : uma cartografia entre adolescentes em conflito com a lei e uma experiência educacional / Rafael Moraes Limongelli. Guarulhos, 2017.
97 pg.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2017.

Orientação: Prof. Dr. Alexandre Filordi de Carvalho.

1. Adolescentes em conflito com a lei 2. Deleuze 3. Guattari. 4. Cartografia. 5. Fundação CASA.

I. Prof. Dr. Carvalho, Alexandre Filordi de. II. Garden of Life: a cartography in between the teenagers in conflict with the law and an educational experience.

RAFAEL MORAES LIMONGELLI
HORTA DA VIDA:
UMA CARTOGRAFIA ENTRE ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI E
UMA EXPERIÊNCIA EDUCACIONAL

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em
Educação Universidade Federal de São Paulo
Programa de Pós Graduação em Educação

Aprovação: ____ / ____ / ____

Prof. Dr. Alexandre Filordi de Carvalho
Universidade Federal de São Paulo

Profa. Dra. Silvana Maria Corrêa Tótora
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Profa. Dra. Marieta Gouvêa de Oliveira Penna
Universidade Federal de São Paulo

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é a produção de uma cartografia com a paisagem constituída em torno do *adolescente em conflito com a lei* agenciado pela função-educando e disparada pela experiência “Horta da Vida” realizada em 2012, na Unidade de Internação - Leopoldina da Fundação CASA entre adolescentes, famílias, funcionários (as) e educadores (as). Para tanto, é preciso referenciar uma genealogia dos enunciados e forças discursivas que compõem e tramam o menor e o adolescente em conflito com a lei (PASSETTI, 1990, 1995; OLIVEIRA, 2005; AUGUSTO, 2013), bem como posicionar essa genealogia para operar uma cartografia da paisagem – campo de agenciamentos e território de observação – que compõe a ação socioeducativa e educativa da Fundação CASA. Essa cartografia se torna possível através de um arquivo constituído pelo pesquisador no período de 2010-2012, em que atuou como professor da rede pública de São Paulo junto aos jovens (escritos e desenhos entre cartas, diários, trabalhos, avaliação, músicas, etc.) e suas conexões com normativas institucionais, orientações pedagógicas, orientações técnicas e legislações. A fundamentação teórica deste trabalho se apoia na abordagem que Foucault (1979, 1988, 1999, 2004 e 2010a, 2010b) esboçou por *arqueologia* e os apontamentos de Guattari (2013), Deleuze (1992, 2012a, 2012b, 2014) e Kastrup (2007) sobre *cartografia e devir*. A hipótese do trabalho sustenta que as ações que operam em linhas de fuga forçam escandir o campo de agenciamento em que se trama a educação na Fundação CASA, fazendo insurgir não-lugares, bolsões de novos possíveis, afectos e perceptos até então indizíveis (COSTA, 2000; TÓTORA, 2005; CARVALHO, 2014). Práticas menores, como a “Horta da Vida”, podem operar por desmontagem no maquinário que as envolve e as produz, fazendo ruir posicionamentos e representações estanques.

Palavras-chave: Adolescente em conflito com a lei; Deleuze; Guattari; Cartografia; Fundação CASA

ABSTRACT

The objective of this study is to produce a cartography of the teenagers in conflict with the law related with function-educator and incited by the experience “Garden of Life” realized at Unidade de Internação - Vila Leopoldina of Fundação CASA with teenagers, families, officials and teachers. For that, it's necessary to make reference to a genealogy of discursive forces that compose the lowest (menor) and the teenager in conflict with the law (PASSETTI, 1990, 1995; SILVEIRA, 2009; AUGUSTO, 2013), as well as position that genealogy to build a cartography of the scenery which compose the social education action of Fundação CASA. That cartography is possible due to an archive built by the researcher between 2010-2012, period in which he acts as a teacher at Fundação CASA Vila Leopoldina. This study works with the theoretical reference of Foucault (1979, 1988, 1999, 2004, 2010a, 2010b), Guattari (2013), Deleuze (2006, 2007 and 2010) and Kastrup (2007). Delving into the possibilities emerged from a function-educator, we intend to posit reflections about the hypothesis of the existence of non-places within an educational experience, producing territories to the affirmation of creation and inventiveness.

Key-words: Teenagers in conflict with the law; Deleuze; Guattari; Cartography; Fundação CASA.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. PRIMEIRO MOVIMENTO: FUNDAÇÃO CASA	7
2.1 <i>Visão geral da Fundação CASA</i>	7
2.2 <i>Unidades de Internação Provisória – UIP’s</i>	10
2.3 <i>Unidade de internação Vila Leopoldina (parque dos monstros)</i>	14
3. SEGUNDO MOVIMENTO: ECA, JOVENS E SITUAÇÃO-PROBLEMA	21
3.1 <i>Situação-problema</i>	21
3.2 <i>O menor infrator</i>	23
3.3 <i>O adolescente em conflito com a lei</i>	27
3.4 <i>Uma carta: brevíssima etnografia</i>	34
3.5 <i>Plano Politico Pedagógico 2012</i>	38
4. TERCEIRO MOVIMENTO: COMO CULTIVAR FUIROS EM MUROS	46
4.1 <i>A função-educador, uma poética-patética e outras aberturas para uma. experiência múltipla em educação</i>	46
4.2 <i>Trilhas e rastros para pensar uma educação disruptiva</i>	51
4.3 <i>A horta da vida: narrativa seca sobre sua existência</i>	53
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: SOTERRAMENTOS, RAÍZES E RAMIFICAÇÕES	66
6. REFERÊNCIAS	70
7. LISTA DE ANEXOS	74

1. INTRODUÇÃO

A liberdade não será dada pelos opressores,
mas conquistada pelos oprimidos.¹

A Fundação CASA Vila Leopoldina, que tem sua portaria normativa ao ano de 2006, faz parte de um processo histórico-político de reconfiguração do atendimento à chamada população delincente. Tal redimensionamento dos dispositivos ocorre depois de inúmeros escândalos relatados nas grandes mídias, rebeliões incendiárias e as denúncias de tortura e maus-tratos de que a FEBEM foi estigma e alvo.

Durante o período de 2010 a 2012 fui professor de educação básica II (PEBII) da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, regido pela contratação “Categoria O”. Fui designado pela Diretoria de Ensino Centro-Oeste para lecionar na Pasta Especial “Fundação CASA”, que abrange a Unidade de Internação Vila Leopoldina e o complexo de internação Raposo Tavares. Essa seção da diretoria de ensino atribui as aulas para os professores por áreas. No período em que fui professor nesta pasta me foram atribuídas as disciplinas de História, Geografia, Filosofia e Sociologia para o Ensino Médio e História e Geografia para o Ensino Fundamental.

Essa pesquisa é um desdobramento de um exercício de conclusão de curso realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo para o bacharelado em Ciências Sociais (2009/2013). Neste período tive a oportunidade de ser orientado pelo Prof. Dr. Edson Passetti (Nu-sol), que contribuiu de forma muito generosa para o amadurecimento da pesquisa com sua verve questionadora e indomesticável diante de tais questões.

Ao longo do período de trabalho na Fundação CASA acumulei uma série de documentos: a) papéis soltos com músicas, poemas, desenhos, cartas, conversas, etc.; b) cadernos que alguns adolescentes me entregaram de presente ao sair da Internação; c) alguns cadernos de anotação pessoal deste pesquisador; d) pilhas de avaliações bimestrais e trabalhos de conclusão de curso; e) documentos oficiais utilizados como ferramenta burocrática para o funcionamento da Instituição; f) normativas e portarias oficiais; g) um caderno coletivo com as impressões sobre a Horta da Vida.

¹ Ao longo do texto serão colocados alguns trechos de cartas, falas e desenhos dos jovens. Alguns impressos em papel e caneta em cadernos e livros e outros são anotações do diário do pesquisador enquanto foi Professor de Educação Básica II na Fundação CASA Vila Leopoldina. Para reconhecimento estarão sempre à esquerda, com espaçamento 1,0, tamanho 11 e fonte Book Antiqua. Nenhum nome será citado ou referenciado como autoria com o objetivo de salvar os adolescentes.

A Fundação CASA é criada e desenhada pelo ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) que por sua vez acompanha a nova engenharia política do Brasil com a constituição de 1988. Em linhas gerais a remodelagem do layout institucional da internação – que segundo o ECA deve ser a última medida a ser tomada pelo judiciário – preconiza o *atendimento socioeducativo* em consonância com os pensamentos de reinserção, regeneração e reintegração dos adolescentes, dentro do paradigma *inclusão x exclusão* ou *adolescência x adolescente em conflito com a lei*. Propõe um atendimento mais especializado com unidades menores em espaço físico e contingente de ‘clientes’², viabilizando espaço e tempo para os setores *biopsicossocial-pedagógico* atuarem de maneira individualizada sobre cada *diagnóstico-adolescente* que recebe a medida de internação.

Talvez em todas as sociedades, no entanto indubitavelmente em nossa sociedade, os discursos são distribuídos, selecionados, enunciados e ritualizados dentro de uma densa rede de permissões e interdições. Tais discursos dirigem práticas societárias através de mecanismos e dispositivos de modulação e inculcação. Com esta referência, busca-se nesta pesquisa estudar a produção de discursos que estão em jogo na vivência dos adolescentes internados em *medida socioeducativa* na Fundação CASA Vila Leopoldina no período de 2010-2012. Entendendo que o discurso “*não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar*” (FOUCAULT, 1999, p.30)

O *dispositivo*³ de modulação da pena que as direções das unidades de internação da Fundação CASA possuem apontam claramente, como nos mostrou Foucault no quarto capítulo de *Vigiar e Punir*, para a transposição da pena do *menor infrator* para que esta recaia no *adolescente punido*, ou seja, no *adolescente já em medida socioeducativa*. Esse deslocamento acontece da seguinte maneira: ao ser julgado e, tendo recebido a pena de internação, não é estipulado ao adolescente um tempo/pena em relação à sua infração; sua internação pode variar de 06 meses a 03 anos; essa variação depende do cumprimento dos requisitos de avaliação do psicólogo, do chefe da segurança, dos pedagogos, do diretor, do assistente social, seu PIA (Programa Individualizado de Atendimento), baseado em seu Diagnóstico Polidimensional.

2 O setor administrativo das Unidades de Internação – UI assim se refere aos adolescentes.

3 Nos anos 1970, Foucault se dedicou a investigar as materialidades do poder. No lugar de investigar, como faziam até então as teorias do poder, o Estado, o edifício jurídico de soberania; o filósofo se dedica a investigar os mecanismos do poder, os operadores do poder. Os dispositivos aparecem no curso *Em defesa da Sociedade (1970)* e retorna, com desdobramentos, em *A vontade de Saber (1976)*. Dispositivos são discursos, práticas, instituições, não-discursos, ditos e não-ditos, regulamentações, leis, ditados, que conectados organizam um certo tipo de produção de subjetividade e assujeitamento.

A transformação da medida penal nesta operação penitenciária é uma das forças em luta na construção da figura do delinquente ou do adolescente *em medida socioeducativa*. Segundo Foucault “*o correlativo da justiça penal é o próprio infrator, mas do aparelho penitenciário é outra pessoa; é o delinquente: unidade biográfica, núcleo de ‘periculosidade’, representante de um tipo de anomalia.*” (FOUCAULT, 1975, p. 241). Deste modo, o adolescente que é pego pelas malhas da polícia (tendo ele cometido ou não qualquer ato infracional) passa por uma operação: a partir de uma série de análises (pedagógicas, psicológicas, fisiológicas e ergométricas) ele é diagnosticado como um ‘delinquente’ e por isso ‘deve ser curado’ pela instituição.

A diferenciação da ilegalidade delinquente, em meio às outras ilegalidades, estimula o fortalecimento de uma ilegalidade isolada e organizada. Todos os adolescentes já se conhecem ou já se viram, ou conhecem alguém que já esteve junto deste outro para lhe “passar a caminhada” de cada integrante dessa rede. A “caminhada” é o currículo de ações que esse adolescente teve nas passagens pelas UIP’s (Unidades de Internação Provisória), pelos regimes de semiliberdade, pelos regimes de liberdade assistida ou na região em que este mora. Foucault nos aponta no livro *Vigiar e Punir* que “*a organização de uma ilegalidade isolada e fechada na delinquência não teria sido possível sem o desenvolvimento dos controles policiais. Fiscalização geral da população [...]*” (FOUCAULT, 2010a, p.266).

Começamos a esboçar um circuito perigoso que relaciona a condição de existência da prisão/Fundação CASA à existência dessa população que é alvo de um saber *biopsicossocial-educacional*: os marginais ou os delinquentes. A saber: “*se você é menor e não tem família nem frequenta a escola, você é considerado um marginal*” (PASSETTI, 1987, p.32). Tudo isto com a função e também a condição de existência da Polícia e da Vigilância, que invade esta população. Criando esse conjunto no circuito Polícia-Delinquência-Prisão em constante fluxo e movimento, pouco se tem conseguido diferenciar nas terminações de um e início de outro. Passetti resume este circuito ou Fábula (como nomeia o autor):

Menor é aquele quem em decorrência da marginalidade social se encontra de acordo com o Código de Menores [de 1979, código anterior ao ECA] em situação irregular. Esta engendra condições para que ele cometa infrações, condutas anti-sociais que no seu conjunto revelam uma prática delinquencial. O combate a isso exige uma instituição criada para suprir as deficiências de adaptação decorrentes da vida marginal (PASSETTI, 1987, p.33).

Busca-se, como primeiro e segundo movimentos de pesquisa, construir uma cartografia dos discursos em torno do menor infrator e do adolescente em conflito com a lei e das instituições que lhes correspondem: FEBEM e Fundação CASA.

Em uma primeira perspectiva, a definição conceitual do infrator como portador de uma anomalia, um desvio, uma patologia delinquencial, não altera a permanência da figura do delincente. Em uma segunda perspectiva, o termo que foi renomeado juridicamente para a sujeição dos chamados infratores no Código de Menores (1979), o *menor infrator*; hoje, aos tempos do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), para gerir essa mesma população chamada infratora utiliza-se *adolescente em conflito com a lei*. São mudanças de termos jurídicos para gerenciar e punir a mesma chamada população ‘delincente’ e ativar essa *governamentalidade* a partir dos discursos pedagógicos.

Hoje, sob a democracia, ela é atual sem ser surpreendente. Como a política de tolerância zero que migrou da direita para a esquerda, a Febem migrou da ditadura para a democracia quase inalterada. Hoje, como no passado, antes da promulgação da Política Nacional do Bem-Estar do Menor, promulgada pelos militares golpistas, sinaliza-se para o tratamento bio-psico-social, a reforma das dependências destas prisões passando de depósitos de corpos abandonados à futura criminalidade para centro educacional. Nada de novo a não ser palavras ocas exigindo crença nos políticos, como no passado ditatorial se exigia fé nos técnicos especialistas. No passado ainda se legitimava as rebeliões nas Febems. Hoje em dia se deseja trancafiar os perigosos e jogar a chave fora (HYPOMNEMATA 45, 2004).

O terceiro movimento dedica-se a escavar e cartografar a experiência *horta da vida*. Este movimento se move pela necessidade de inventar outros espaços que favoreçam a produção de conexões inusitadas, que por sua vez possam desobstruir percursos e novas cartografias para um pensar não dogmático nas práticas de educação na Fundação CASA. Essas são intencionalidades encontradas no pensamento de Costa (2000), Tótorá (2005) e Carvalho (2014a, 2014b, 2015). Busca-se conversar com a interrogação: é possível uma educação em desvio, ou práticas disjuntivas, dentro de uma instituição como a Fundação CASA?

Para produzir uma cartografia compreendemos o pensamento de Guatarri e Rolnik em que consideram que a subjetividade “*está em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos: ele é essencialmente social e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares.*” (GUATARRI e ROLNIK, 2013, p. 42). Essa subjetividade no mundo contemporâneo é entrecruzada por determinações sociais, econômicas, tecnológicas, pelas mídias e outras tantas. Uma subjetividade capitalística.

A análise proposta no último movimento, a cartografia da experiência *horta da vida*, se apoia em uma perspectiva micropolítica e processual que “*só pode – e deve – ser encontrada a cada passo, a partir dos agenciamentos que a constituem, na invenção de modos de referência, de modos de práxis.*” (GUATARRI e ROLNIK, 2013, p. 38).

Deste modo, cartografar a experiência *horta da vida* é menos representar esse objeto como uma saída possível para os impasses da Fundação CASA e mais acompanhar um processo que buscou “construir furos em muros” e criar outras relações e conexões possíveis entre adolescente-segurança, adolescente-família, família-instituição, instituição-adolescente, etc. Acompanhar um processo, colocar-se em campo para uma afecção mútua dos corpos, observar e estar junto com os objetos e perceber como o campo de agenciamentos atua sobre eles. Comentam Kastrup e Barros (2015):

Diferente do método da ciência moderna, a cartografia não visa isolar o objeto de suas articulações históricas nem de suas conexões com o mundo. Ao contrário, o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente. (KASTRUP e BARROS, 2015, p.57).

2. PRIMEIRO MOVIMENTO: FUNDAÇÃO CASA

Este movimento se dedica a expor uma visão geral institucional do que é a Fundação CASA, envolvendo a quantidade de unidades atualmente funcionando em São Paulo e a quantidade de crianças e adolescentes internados. Delimitar a Fundação CASA Vila Leopoldina, unidade em que trabalhei como Professor de Educação Básica II nas disciplinas de Sociologia, História, Geografia e Filosofia, utilizando os trabalhos realizados em sala de aula, cadernos, cartas, anotações livres feitas pelo pesquisador.

2.1 Visão Geral

A prisão como forma por excelência de punir ou sancionar uma pessoa dita criminoso ou com comportamentos ditos antissociais emergiu no final do século XIX e começo do século XX, como demonstra Michel Foucault em *Vigiar e Punir*. Alvo de críticas e denúncias de violência, o aprisionamento continua a ser vista no início do século XXI como a melhor (dentre as piores) forma de sancionar uma pessoa na sociedade civilizada, ocidental, estatal e capitalista. “*Conhece-se todos os inconvenientes da prisão, e sabe-se que é perigosa, quando não inútil. E, entretanto, não “vemos” o que pôr em seu lugar. Ela é a detestável solução, de que não se pode abrir mão*” (FOUCAULT, 2010a, p.218).

Amparados por um círculo de repetição entre fracasso-reforma-fracasso, técnicos (psicólogos, sociólogos, assistentes sociais, pedagogos) e juristas, perpetuam o aprisionamento de jovens e crianças insuportáveis para a ordem pública e perigosos portadores de condutas antissociais, contagiosas como uma peste, contra a saudável defesa da sociedade.

Ao contrário do que faz crer o marketing político da Fundação CASA, ela não é a emergência de uma *outra* forma, de uma ruptura com o regime do castigos, para solucionar a dita delinquência que envolve crianças e jovens. Ao contrário, ela é a reforma do tratamento biopsicossocial da Política Nacional do Bem-Estar do Menor acoplada à profissionalização individual e escolarização coletiva dos agora chamados *crianças e adolescentes em conflito com a lei*. O regime dos castigos continua a capturar a chamada *população em situação de risco*: carenciada, pobre e habitante das periferias dos polos urbanos (onde circulam os capitais e mercadorias das quais se deseja apoderar), que anteriormente era caracterizada como vivendo *em situação irregular*.

Os chamados *menores* eram aqueles que viviam em uma “situação irregular” e deveriam ser retirados de circulação para que se pudesse assistir a suas ditas carências

nutritiva-afetiva-psicológica-social e corrigir seu comportamento *delinquencial*. Os redimensionamentos do *menor* para a nova nomenclatura, *crianças e adolescentes*, coloca essa população como em condição de permanente desenvolvimento, passível, constitucionalmente, de proteção integral como responsabilidade da família, da sociedade e do Estado (AUGUSTO, 2013, p.76).

No Brasil, seja sob o regime democrático ou ditatorial, crianças e jovens foram e são alvos privilegiados das políticas assistenciais e inquilinos regulares de instituições austeras, que trocam de nomes ao longo do tempo, mas não deixam de ser prisões (AUGUSTO, 2013, p.56).

O ECA coloca o encarceramento de adolescentes como última decisão a ser tomada pelo judiciário diante de um chamado *ato infracional*, no entanto, a mentalidade autoritária daqueles que vestem as togas das Varas Especiais continua a abastecer, superlotar e reforçar o encarceramento como *sanção* principal aplicada as *crianças e adolescentes* (PASSETTI, 1995; OLIVEIRA, 2005; AUGUSTO, 2013).

As prisões-prédio para o atendimento dessa população hoje se pulverizaram em cada estado da federação com uma nomenclatura diferenciada, no entanto atendendo aos ordenamentos de um mesmo sistema: o SINASE (Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo)⁴. A instituição de encarceramento que está “*sujeita a brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento*” (ECA, 1990: Art. 121), em São Paulo, é a Fundação CASA – Centro de Atendimento Socioeducativo para Crianças e Adolescentes.

Se no ECA o encarceramento é a última providência das *medidas socioeducativas*, o estatuto combina outras medidas, chamadas de alternativas, variando em relação à gravidade do dito *ato infracional*. São as *medidas socioeducativas* em meio aberto, que foram municipalizadas em grande parte do Brasil, tendo as prefeituras como efetivá-las em parcerias público-privadas (ONG's) ou delegando às secretarias de promoção social, em São Paulo aos CREAS (Centro de Referência Especializado em Assistência Social).

Essa continuação das *medidas socioeducativas* de internação em meio aberto, alteram a lógica de estancar a circulação desses indesejáveis jovens ingovernáveis das ruas. Interessa, ainda como resquícius da sociedade disciplinar e mentalidade autoritária da ditadura civil-

4 O SINASE (Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo) (<http://www.conselhodacrianca.al.gov.br/sala-de-imprensa/publicacoes/sinase.pdf> consultado dia 17/08/2015) era o documento que continha os princípios e orientações para a realização das *medidas socioeducativas que se tornou lei federal em 2012, Lei nº 12.594, de 18 de janeiro de 2012* (http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/12594.htm consultado dia 17/08/2015).

militar, encarcerar e retirar de circulação aqueles diagnosticados pelos técnicos biopsicossociais como de alta periculosidade, com conduta antissocial. No entanto, também interessa manter e fazê-los circular pelas ruas, instituições do Estado (Escola, UBS, Centros Comunitários, etc), família; fazer a *criança e o adolescente*, que nessa lógica estão à espera de direitos, participar do regime democrático, sob os ditames da formação do futuro cidadão (ECA, 1990)⁵.

Acácio Augusto (2013), quando expõe as relações das ruas sem governo e das ruas governadas como maneira de atravessar o que era a sociedade disciplinar e hoje é a sociedade do controle, apresenta em sua exposição uma elasticidade dos muros da prisão prédio para se acoplarem como esses dispositivos de controle em meio aberto, auxiliados pelo desenvolvimento de técnicas computo-informacionais como o SIMOVA⁶.

Hoje, as novas tecnologias de poder aspiram se antecipar a esse momento de confronto, instalando os governos por dentro e para fora das prisões-prédios, que, mesmo em um mundo onde o dentro e fora, público e privado, normal e anormal foram desfeitos pelos controles a céu aberto, continuam a existir e encarcerar crianças e jovens insuportáveis para a sociedade (AUGUSTO, 2013, p.84).

O Levantamento Nacional do Atendimento socioeducativo ao adolescente em conflito com a Lei⁷ realizado pela Secretaria de Direitos Humanos em 2011 apresenta alguns dados a

5 “Art. 117. A prestação de serviços comunitários consiste na realização de tarefas gratuitas de interesse geral, por período não excedente a seis meses, junto a entidades assistenciais, hospitais, escolas e outros estabelecimentos congêneres, bem como em programas comunitários ou governamentais. Parágrafo único. As tarefas serão atribuídas conforme as aptidões do adolescente, devendo ser cumpridas durante jornada máxima de oito horas semanais, aos sábados, domingos e feriados ou em dias úteis, de modo a não prejudicar a frequência à escola ou à jornada normal de trabalho. Art. 118. A liberdade assistida será adotada sempre que se afigurar a medida mais adequada para o fim de acompanhar, auxiliar e orientar o adolescente. § 1º A autoridade designará pessoa capacitada para acompanhar o caso, a qual poderá ser recomendada por entidade ou programa de atendimento. § 2º A liberdade assistida será fixada pelo prazo mínimo de seis meses, podendo a qualquer tempo ser prorrogada, revogada ou substituída por outra medida, ouvido o orientador, o Ministério Público e o defensor. Art. 119. Incumbe ao orientador, com o apoio e a supervisão da autoridade competente, a realização dos seguintes encargos, entre outros: I - promover socialmente o adolescente e sua família, fornecendo-lhes orientação e inserindo-os, se necessário, em programa oficial ou comunitário de auxílio e assistência social; II - supervisionar a frequência e o aproveitamento escolar do adolescente, promovendo, inclusive, sua matrícula; III - diligenciar no sentido da profissionalização do adolescente e de sua inserção no mercado de trabalho; IV - apresentar relatório do caso.” (ECA, 1990).

6 “Ao chegar ao Centro de Atendimento, as informações sobre a transferência de adolescente são repassadas através do SIMOVA (Sistema de Movimentação de Adolescente), o qual é consultado, todos os dias, pela Secretaria Técnica e retransmitidas à Direção e demais setores do Centro.” Plano Político Pedagógico 2012 – CASA Leopoldina. O Sistema de Movimentação de Adolescentes – SIMOVA é um banco de dados computadorizado que é abastecido pelas Varas Especiais, Delegacias, Unidades de Internação Provisória (UIP) e Unidades de Internação (UI).

7 Levantamento Nacional do Atendimento Socioeducativo ao Adolescente em conflito com a Lei 2011, <http://www.defensoria.sp.gov.br/dpesp/Repositorio/33/Documentos/LEVANTAMENTO%20ANUAL%20OFICIAL%202010.pdf> (consultado 13/11/2015)

respeito da quantidade de jovens que estão sendo atendidos. O Estado de São Paulo é a unidade da federação que apresenta maior número de programas de internação provisória (11 unidades), semiliberdade (28 unidades) e internação (49 unidades). Deste modo, das 435 unidades espalhadas pelo Brasil, 88 unidades estão centralizadas no Estado de São Paulo.

Em 2010, dos 17.703 adolescentes em medida socioeducativa de internação, internação provisória e semiliberdade, 6.814 adolescentes estavam cumprindo essas medidas socioeducativas no Estado de São Paulo. Desses 6.814 jovens, 5.107 estavam cumprindo medida socioeducativa de internação, 1.168 estavam cumprindo medida socioeducativa de internação provisória e 539 estavam cumprindo medida socioeducativa em semiliberdade.

Apenas esses números já revelam a mentalidade autoritária com que os juízes continuam a utilizar amplamente a internação como medida socioeducativa principal nos casos executados, negando o ECA e suas transformações, tendo esse número aumentado na passagem de 2011-2012 para 19.595 jovens e 448 programas de atendimento.⁸

Os programas de atendimento socioeducativo como grande empreendimento do Estado Brasileiro tiveram sua clientela atendida aumentada de 4.245 jovens no ano de 1996, para 8.579 em 1999, 9.555 em 2002, 13.489 em 2004, 15.426 em 2006, 17.703 em 2010, para enfim, em 2011, atingir o número de 19.595 jovens privados ou restritos de liberdade.⁹

2.2 Unidades de Internação Provisória – UIP's

A UIP (Unidade de Internação Provisória) da Fundação CASA utiliza em grande parte de seu corpo funcional a gestão colaborativa de organizações não governamentais. As áreas pedagógicas como escolarização obrigatória, cursos técnico-profissionalizantes e cursos técnico-culturais são realizadas por ONGs, sendo as de mais destaque: *Ação Educativa*, *CENPEC* e *Associação Horizontes*. Existe uma corresponsabilidade entre a ONG e o poder estatal na realização das medidas socioeducativas, especialmente individualizadas para cada adolescente-diagnóstico. São requeridos das ONGs constantes relatórios sobre comportamento interpessoal dos chamados adolescentes durante as atividades pedagógicas, sua assiduidade (quando, por ordem da gestão da unidade, não há obrigatoriedade) e seu desenvolvimento técnico-educacional.

8 Levantamento Nacional do Atendimento Socioeducativo ao Adolescente em conflito com a Lei 2011, <http://www.anajure.org.br/wp-content/uploads/2013/04/LEVANTAMENTO-NACIONAL-2011.pdf>

9 Cf. *Levantamento Nacional do Atendimento Socioeducativo ao Adolescente em conflito com a Lei 2011*, <http://www.defensoria.sp.gov.br/dpesp/Repositorio/33/Documentos/LEVANTAMENTO%20ANUAL%20OFICIAL%202010.pdf> (última consulta em 13/11/2013).

Os jovens podem ficar até 45 dias internados nestas UIPs (Unidade de Internação Provisória), sendo depois encaminhados para as UIs (Unidades de Internação), se receberem como sanção do juiz a medida socioeducativa de internação¹⁰. Os relatos dos adolescentes sobre as UIPs variavam nas denúncias de superlotação:

Lá na uip-9 era foda! 12 moleque dormindo de valete¹¹ no chão enquanto uns ficava de pé, só no aguardo... puta cheiro escroto de cigarro com coruja¹²(conversas em sala de aula);

Intransigência dos agentes de apoio socioeducativos (os novos carcereiros);

Os bico da uip era foda... Lá na uip não tinha boi¹³ não, a fita era coco baixo e mão pra atrás, se não o chicote estralava nervoso (conversas em sala de aula).

Sentir-se humilhado e dominado. Raiva. Diziam os jovens. Essa posição de ‘coco baixo e mão pra trás’ é estar parado e caminhando, olhar somente para o chão e pedir *senhor, por favor*, para falar com algum *agente de apoio socioeducativo* para ir ao banheiro; não se aconselha assobiar, cantar, falar com alguém, gritar; não se pode dizer nada, silêncio. E mãos e braços sempre coladas junto ao corpo, para trás, braços em que se veem as muitas homenagens que eles fazem tatuadas para pessoas que amam. Essa era a posição de quando, como diziam os funcionários, a “*casa tava na mão dos funça*”, e completavam, “*não é o ideal, mas é o único que funciona!*”.

Na Unidade de Internação Vila Leopoldina, a *Norma de Convivência* institui essa prática categoricamente no Plano Político Pedagógico de 2012, a saber:

Dado o período em que o Centro passou por dificuldades com as antigas populações, onde houve confrontos entre adolescentes e funcionários, não tivemos a oportunidade de implantarmos teoricamente normas de convivência, mas / Adolescente deverá reportar-se aos funcionários (as) e visitantes, tratando-os por Senhor (a) seguidamente do nome; Deverá utilizar termos formais de educação antes de suas solicitações, como “por favor”, “posso”, “Obrigado”, etc, obtendo reciprocidade do servidor; / Convém ao adolescente, dentro de sua capacidade, esforçar-se por não utilizar gírias; / O adolescente não deve

10 “Art. 121. A internação constitui medida privativa da liberdade, sujeita aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento. Art. 123. A internação deverá ser cumprida em entidade exclusiva para adolescentes, em local distinto daquele destinado ao abrigo, obedecida rigorosa separação por critérios de idade, compleição física e gravidade da infração. Parágrafo único. Durante o período de internação, inclusive provisória, serão obrigatórias atividades pedagógicas.” (ECA, 1990).

11 Ainda uma vez mais, interioriza-se uma linguagem-do-cárcere, dormir de valete é dormir em duas pessoas, uma com o pé na cara da outra, como carta do baralho, o *valete*.

12 Em muitos momentos, quando eles explicitavam os acordos que rolavam entre eles, dentro da *fundação*, com trocas e poderes, a Coruja, significava Cueca. Havia, dentre um dos acordos, a relação do *pai* e *filhote*, o filhote é iniciado pelo pai na *visão*. *A visão, só quem tem é que sabe!* E pode ser, talvez: um conjunto de valores estabelecidos dentro de um universo chamado *munho do crime*, que envolve referências de normas do Primeiro Comando da Capital; dizeres populares; e, uma linguagem tradicional penitenciária, copiada e remodelada, da FEBEM e das penitenciárias de adultos.

13 “Ter boi” na *visão* é ter tolerância.

interromper o funcionário enquanto fala e nem deve reportar-se ao mesmo com tom de voz agressivo; / Caso o jovem não compreenda determinada ação, o mesmo deverá aguardar para tirar suas dúvidas individualmente e reservadamente com algum funcionário que possa esclarecê-la, na presença de dois ou mais profissionais; Os jovens não devem manifestar suas incompreensões coletivamente sem ter o espaço concedido pelos funcionários para este tipo de manifestação, pois os funcionários estão frequentemente orientando todos os jovens coletivamente e individualmente;

Caso o adolescente venha a proferir palavras de baixo calão, brincar maliciosamente, questionar ou comentar aspecto relativo à vida pessoal de funcionário, proferir palavra ou cometer atitude de galanteio e cobiça a mulher componente do ambiente de internação, pontualmente será orientado, advertido e avaliado pelos servidores, para não motivar outros comportamentos semelhantes, nem gerar qualquer circunstância que possa causar transtornos disciplinares futuros, visando a responsabilização do adolescente e efetuar o procedimento disciplinar conforme o Regimento Interno da Fundação. (PPP2012-UI Vila Leopoldina).

Podemos observar nesta passagem que o redimensionamento da FEBEM para Fundação CASA carrega, na sua produção de subjetividade, dispositivos de modulação de comportamento importados do universo penitenciário: o interno é um prisioneiro!

Também uma pá de muleque, os bico se não bate não controla o bagulho (conversas em sala de aula).

A irregularidade sobre a quantidade de tempo que passavam na internação provisória era evidente quando os jovens contavam o tempo de caminhada¹⁴, para relacionar entre eles quem tinha mais ou menos tempo de caminhada e para forçar e persuadir as psicólogas sobre a duração da medida socioeducativa e sua extinção. Sempre escreviam isso quando pichavam seus nomes e datas em cadernos, paredes, mesas, estojos de giz, roupas, cartas, etc.; é uma forma de deixar a própria marca na pele e em objetos. Muitos adolescentes quando chegavam à UI Leopoldina diziam estar já com dois meses e até três meses de caminhada. Pareceres técnicos e o desenvolvimento dos processos eram negados aos jovens que não sabiam em que ponto estavam seus processos, se haviam sido ou não julgados, para qual unidade de internação seriam levados depois de julgados, ou quando seriam transferidos para outra unidade de internação.

Putá veneno da porra aquela merda. Ninguém sabe de nada, ninguém fala nada, você não vê nada, nada de nada... E fica lá! (A.A. 2011 – conversas em sala de aula)

São Paulo, 02 de maio de 2012 – Hoje mais uma vez estou aqui nessa casa chamada fundação, estou me expressando mais todos meus sentimentos. Semana passada não tive atendimento técnico, pensei que na sexta-feira teria reunião em grupo e em seguida teria atendimento técnico mais não teve nenhum, estou a uma semana sem falar com minha família, meu final de semana foi péssimo, pois

14 Tempo de caminhada na *visão* significa quanto tempo você já está nas malhas do cárcere.

estou ainda aqui, meu relatório já subiu [foi enviado para o juiz] mas não sei qual foi o dia, sábado foi mais um adolescente embora ele chegou depois de mim, foi mais um que eu vi chegar e mais um que vi ir embora, não chega a hora de minha liberdade cantar. (J.S. Diário pessoal que me foi dado de presente)

A própria Fundação CASA erigiu um departamento para realizar sua internação provisória fora do espaço de internação (que segundo o artigo 121 do ECA está sujeita a brevidade), que mantém inalteradas as condições de vivência das antigas instalações da FEBEM: superpopulação, violência dos agentes de apoio, negligência de informações, irregularidades no tempo de permanência. Mesmo que nestes espaços, como determina um documento da Supervisão Técnica da Fundação CASA, 2011, já exista a “Gestão Compartilhada” que define a “parceria entre a sociedade civil organizada e a Fundação, na gestão dos centros de atendimento socioeducativos”; ainda segundo o documento: “Essa parceria, já se mostra eficaz, quando demonstra aos demais centros, que permanecem em gestão plena da Fundação a possibilidade de um modelo diferente ao adotado até então, e que produz excelentes resultados.”¹⁵

As unidades de internação provisória dão continuidade à práticas de tortura e maus tratos, reminiscências das unidades da FEBEM ou, simplesmente, continuidade e desdobramento das práticas prisionais. As ONGs, que poderiam exercer os contra controles e denúncias, mantêm o inescrupuloso silêncio para garantir a continuidade de contratos e parcerias e licitações, a saber “As renovações de contrato serão analisadas, a partir do cumprimento das metas estabelecidas, entre **outros** parâmetros.”(Supervisão Técnica da Fundação CASA , p. 10, grifo meu). O uso de *outros* deixa claro que não apenas as metas, como também posicionamentos políticos podem impedir ONGs de renovar seus contratos. Ou reproduzem em seus relatórios e coordenações os discursos conservadores e moralistas de fazer conformar a figura do adolescente delinquente, ou perdem suas licitações.

Vixi, aqui [referindo-se à UI Leopoldina] é um lixo, mas é bem melhor que aquele inferno [Unid. De Internação Provisória]. (W.B. 2011 – conversas em sala de aula)

15 Documento da Supervisão da Fundação CASA São Paulo: 5. In http://www.pucsp.br/ecopolitica/documentos/penalizacao_a_ceu_aberto/penalizacao.html

2.3 Unidade de Internação Vila Leopoldina (parque dos monstros)

O Plano Político Pedagógico de 2012 da Casa Leopoldina¹⁶ escreve um *Breve Histórico* (PPP2012: 7-8) da Unidade de Internação (UI). A construção da prisão-prédio localiza-se na Avenida Estados Unidos, S/N, no cruzamento das duas marginais (Tietê e Pinheiros), ainda vizinha da *Linha Esmeralda* da CPTM e vizinha de muros com o Centro de Detenção Provisória de Pinheiros (ANEXO I). O objetivo da UI em 2006 era receber 152 jovens chamados reincidentes¹⁶ oriundos do complexo da FEBEM do Tatuapé (UI-19), que fora desativada.

Em São Paulo, dentro da instituição FCASA, existe uma *Gerência de Segurança Interna (GSI)* que atende as direções de UIs e UIPs que passam por revoltas e rebeliões. É composta por técnicos, negociadores e uma unidade de intervenção nomeada pelos funcionários e jovens internados como ‘choquinho’, em referência à tropa de choque, pois se utilizam dos mesmos equipamentos e das mesmas táticas e práticas. O período de 2007-2009 foi marcado por grandes revoltas e rebeliões, tornando a intervenção da GSI e do choquinho constantes na UI. A unidade foi esvaziada em 2010 restando apenas 14 jovens.

Na virada do ano 2009-2010 a CASA Leopoldina recebeu uma variedade de jovens, entre primários (que pela primeira vez estavam passando pela medida socioeducativa de internação) e reincidentes, alguns identificados como *lideranças negativas* (PPP 2012, p.7). É uma prática comum na gestão dos CASA (Centro de Atendimento Socioeducativo) na DRM-IV (Diretoria Regional Metropolitana – IV): quando uma UI está ingovernável pela direção e seus funcionários, esvazia-se o espaço, os jovens são transferidos para outras unidades e são *acolhidos* jovens de primeira internação, que, sob a ótica da gestão da FCASA, são mais fáceis de se direcionar, governar, gerir, cuidar, tratar.

Quando cheguei para trabalhar pela primeira vez, em fevereiro de 2010, na CASA Leopoldina, era uma quinta-feira pós-carnaval. Somente me dei conta de onde estava quando ouvi o pesado barulho da porta de ferro, a *gaiola*¹⁷, fechando nas minhas costas e um sujeito exigindo revistar o corpo e a mochila (isso passaria a ser um hábito nos próximos três anos).

Os professores que estavam iniciando aquele dia na UI não foram recebidos ou

16 Os adolescentes chamados de reincidentes são aqueles que já passaram por outra internação, seja ela provisória ou de semiliberdade.

17 Gaiola parece ser um apelido, mas é um nome instituído em normativas e regimentos. Trata-se de um cubo de grades lacrado e apenas com duas aberturas. Nunca, sob hipótese alguma, o funcionário designado para esta função pode deixar as duas aberturas expostas ao mesmo tempo. Abre-se um lado, entram as pessoas, fecha-se esse lado. Abre-se o outro lado, saem as pessoas. Nós professores, brincávamos pela manhã que era o nosso elevador para o inferno.

esclarecidos sobre muita coisa. Apenas pediram para deixarmos nossas bolsas e mochilas na sala do pedagógico, junto com cigarros, celulares, carteiras, dinheiro, fósforos e isqueiros. A sala do setor pedagógico, onde não houve recepção, encontra-se no prédio administrativo da CASA Leopoldina (ANEXO II). Um único corredor, apenas dois banheiros (em que raramente havia papel higiênico e em separado os banheiros da direção, sempre limpos e com papel). Cada porta do corredor correspondia a um setor da UI: direção, lavanderia, pedagógico, administrativo, psicossocial, coordenação técnica, prontuários, materiais pedagógicos, cozinha de funcionários, cozinha dos adolescentes, copa. Às vezes, dependendo do humor e da competência da direção da UI, havia ou não uma sala de professores, que nunca teve um espaço maior do que 2x3m para 13 professores e um armário de ferro com a porta quebrada.

Chamaram-nos para conhecer a população. Havia muito barulho, que ainda se ouvia a distância, de músicas, risadas, gritos, portas batendo e um sol tenebrosamente quente. Para chegar do prédio administrativo até o pátio coberto ou interno do convívio deve-se atravessar 3 gaiolas e em 2 delas passar por revista dos materiais que se está levando e uma rápida revista no corpo (homens revistam homens e mulheres revistam mulheres; esses homens e mulheres são contratados pela empresa de segurança privada e patrimonial *Albatroz*, sendo responsáveis por todas as gaiolas da UI, exceto a gaiola do pátio interno).

Quando entrei no pátio interno do convívio (ANEXO III) pela primeira vez, fui recebido por muitos jovens, todos eles estendendo as mãos, com sorrisos, dizendo “seja bem vindo, senhor” e rapidamente fechando a cara quando esbarravam com algum funcionário direto da FCASA. Era possível começar a prever a diferença entre o tratamento dado aos professores (que não possuem vínculos com a FCASA e são servidores da SEE – Secretaria Estadual de Educação) e os *funça* (servidores da FCASA). Tentei abrir algumas conversas com alguns jovens, mas fui rapidamente retirado do meio deles para seguir pelo brevíssimo *tour* pelas instalações da UI.

A FCASA é amarela. Tudo é pintado de branco, cinza e amarelo. Sempre senti muita fome, assim como os jovens dentro da UI. As salas de aulas tinham nas janelas gradeados de ferro e telas de acrílico, riscadas e pichadas com nomes e datas. As portas eram grandes, de ferro, acopladas às paredes por batentes também de ferro¹⁸, que quando arrancadas em

18 As portas eram desconfortáveis, quase nunca nos permitiam fechá-las para ter um pouco de privacidade durante a aula. Alguém estava sempre na porta observando o comportamento dos jovens e dos professores; esse alguém podia ser um funcionário da unidade ou um jovem *irmão do PCC* pertencente à *faxina*. No entanto, as portas, eram extremamente úteis para a revolta dos jovens. Quando requeriam algo, sentiam-se desrespeitados,

rebelião foram úteis para derrubar grades e muros de concreto. A lousa, dificilmente chamaria aquilo novamente de lousa, era um bloco de cimento queimado na parede pintado com uma tinta verde. Sempre foi impossível apagar aquela lousa, a não ser com esponjas úmidas com água que eles, os jovens, sempre se disponibilizaram para umedecer no banheiro comum no térreo. Carteiras com braços embutidos de plástico. Canos à mostra, amarelos (tinta e umidade), quase nunca funcionaram e constantemente pingavam em nossas cabeças durante as sessões de aula, formando até pequenas estalactites daquele líquido que escoava do esgoto do piso superior. O cheiro de mijó e merda era constante com períodos mais amenos (quando havia alguma manutenção) e outros insuportáveis, forçando a cancelar as atividades escolares (por vezes propositalmente como forma de protesto dos jovens, e por vezes devido à falta de manutenção da UI).

Ainda no piso térreo, fica a quadra poliesportiva. Quando a *casa estava na mão dos muleques*¹⁹, realizei algumas aulas com eles na quadra e as que eles mais gostavam era o *futebol geográfico* (jogo comum de futebol, no entanto, o gol só é válido se o time responde uma pergunta de geografia corretamente). Ainda, depois de algum tempo na unidade, realizávamos umas partidas de futebol: professores e alguns funcionários contra os jovens, apostando como prêmio refrigerantes Dolly, caso perdêssemos, e sucos de soja *Mupy* que os jovens recebiam da UI, caso ganhássemos.

O refeitório também se localiza no piso térreo. Ele é utilizado para refeições, palestras, sessões de aula (principalmente após rebeliões em que salas de aula, carteiras e lousas eram destruídas), eventos comemorativos com familiares (dia das mães, das crianças, dos pais, Natal, *etc*). Bancos e mesas de concreto, desconfortáveis para se sentar e comer, no entanto, extremamente úteis quando arrancados em rebeliões para destruir paredes, muros e grades.

Ainda no piso térreo, temos a *sala da tela* (sala da televisão). Quando a *casa estava na mão dos muleques*, era lugar disputadíssimo e frequentado por muitos jovens. Passavam horas

ou estavam simplesmente de *pote bolado* (cabeça quente, putos da vida), pegavam essas grandes portas de metal e arremessavam-nas contra o batente também de ferro. Fazia um barulho ensurdecedor para quem está no mesmo ambiente e era ouvido com clareza pelo diretor e seus técnicos no prédio ao lado. Essa prática chama-se *estralar a capa*. Normalmente quando isso acontecia durante as aulas, elas eram interrompidas e nós saíamos do convívio, tranquilamente acompanhados pelos jovens, que muitas vezes até sorriam para nós professores enquanto saíamos, dizendo: *relaxa, senhor, não é com vocês*.

¹⁹ Existe uma tensão por parte de quem controla, gere, distribui, decide, limpa, os espaços e pessoas nas unidades de internação, podendo - com gradações - variar entre dois polos: a *casa na mão dos moleques* e a *casa na mão dos funça*. Na polaridade dos jovens a radicalidade está no uso da rebelião (e não foram poucas que presenciei) e na polaridade dos servidores da FCASA está o uso da GSI e do Choquinho (caso o pequeno seja insuficiente, é chamada a Tropa de Choque da Polícia Militar).

em frente a uma televisão pequena, apoiada sobre duas mesas com duas cadeiras em cima, com botões todos remendados e com três programações principais: mulheres (em videoclips ou programas que acontecem nas tardes feitos para mulheres), noticiários espetaculares e sensacionalistas (*Datena, Polícia 24hrs*, etc) e desenhos animados (principalmente pelas manhãs). Lá também assistíamos a filmes, escolhidos por mim como parte dos nossos processos de aprendizado²⁰. Eram divertidas nossas sessões de cinema, sempre justificadas com muita retórica pedagógica para o coordenador de segurança, para o coordenador do pedagógico, em documento devidamente carimbado em três laudas (uma para cada setor e uma para a portaria) e com muita pipoca (que os *agentes de apoio socioeducativo* morriam de vontade de comer e os jovens às vezes dividiam, muito a contragosto).

O piso superior foi proibido para os professores durante os primeiros anos de trabalho na UI. Depois foi liberado para conhecermos (ANEXO IV). As janelas dos *barracos* (quartos) levavam ao pátio central. Sempre que entrávamos no convívio eu ouvia gritos: “*Salve, Professor Rafael!*”. No começo, demorei a identificar as vozes, afinal, a população da FCASA é flutuante, os adolescentes cumprem medidas que variam de 06 meses até 03 anos, variando conforme seu chamado comportamento durante a medida. Quando fui demitido da unidade, em 2012, (ANEXO V) já percebia com mais facilidade quem estava me saudando o dia e respondia, *Salve!*

O *Salve!* é uma expressão do Primeiro Comando da Capital – PCC, no entanto, como não domino uma etnografia da linguagem do PCC, tentarei apontar como essa linguagem aparecia no cotidiano dos jovens internados. Dentro da gestão do cárcere pelos jovens existem alguns cargos copiados dos presídios de adultos (já que a maioria tem pais, mães, irmãos, primos, amigos que estiveram ou estão presos nos presídios de adultos). Existe a *faxina* e a *população*. Quem lidera e comanda a *faxina* é o *piloto da nave*, que normalmente era o jovem mais velho, com mais tempo de encarceramento, com mais conhecimento da *visão*, e deste modo, ele poderia solucionar os conflitos internos (entre jovens) e negociar com diretores, coordenadores e técnicos. Vale ressaltar que o piloto da nave só mantém seu cargo se não deixar a *nave bater*, ou seja, se mantiver a estabilidade e a ordem segundo os parâmetros da *igualdade, justiça e liberdade* e do *proceder*; dois parâmetros e condutas que provêm de

20 Os jovens gostavam mais de filmes de ação, com grandes explosões, tiros, sangue, guerras, mortes, mulheres ditas incríveis usando armas de grande calibre e sempre me pediam filmes neste sentido, já que os agentes de apoio socioeducativo levavam esses tipos de filme para os jovens assistirem antes de dormir. Eu levei filmes diversos, sempre os trouxe da rua, já que a UI não possuía uma videoteca pedagógica, entre os títulos destaco: *Cidade de Deus* (2002), *Tempos Modernos* (1936), *5XFavela* (2010), *Pixote* (1981), *Justiça* (2011).

ditames, músicas, conversas, vivências, tribunais, UIPs e experiências dos jovens no e do Primeiro Comando da Capital – PCC.

Aqui é só menor postura, nós mantem a conduta. Pode pá que qualquer complicação o senhor pode fala com os faxina da casa. (J. Piloto da nave, 2010).

Abaixo do *piloto da nave*, existem os *encarregados*, que são pessoas de confiança do *piloto* que comandam setores da UI, como: escola (*faxina da escola*), comida (*faxina da boia*), segurança dos jovens (*faxina da visão*), dos horários, locais e jovens de cada atividade da UI (*faxina da comunicação*), banheiro (*faxina do boi*), etc. Sempre criavam e destituíam *faxinas* para outras atividades conforme as necessidades de cada momento. Abaixo dos *encarregados* havia os *faxineiros*, que eram jovens que cumpriam as funções operacionais de cada setor, tais como: **na escola**, o *faxineiro* de cada sala deveria varrer a sala antes e depois da aula; manter os jovens obedientes aos professores; garantir a presença de carteiras, cadernos; contar a quantidade de lápis e canetas e borrachas no início das aulas e confirmar essa mesma quantidade ao término das aulas; **na hora de comer**, os *faxineiros* deveriam garantir que todos os jovens recebessem a *boia*; garantir a efetividade de trocas, dívidas, transações de comida entre os jovens (quando permitido pela Gestão oficial da UI); etc.

Todos devem seguir o proceder, exceto os *neutros*. Os *neutros* eram raros, aliás, nos 3 anos de trabalho somente conheci dois. São jovens que não estão afim de ser nem *faxina* e nem *população*. Não querem seguir o proceder e apenas *tirar os seus dias suave*, ou seja, cumprir a medida socioeducativa sem se envolver com o PCC e com o mundo do crime. Um dos neutros que conheci foi acusado de *caguetar a faxina* para a Direção e foi espancado. O outro, com o susto, pediu para a *faxina* para sair do convívio, o *piloto* negociou com a direção e ele foi transferido.

Com todos seguindo e obedecendo ao proceder (que está acima da *faxina* e da *população*) ser da faxina possui riscos e benefícios. O risco era cumprir medidas socioeducativas mais longas, se você é da *faxina* você não está cumprindo com o seu PIA e por isso deve permanecer internado. Os benefícios eram muitos, como ter acesso a maconha (trazida por funcionários, familiares e outras formas), comer doces (negociados e trazidos por funcionários), não participar, caso escolhesse, das atividades pedagógicas, esportivas e culturais, cortar o cabelo com o *corte do mundão* (laterais e nuca raspadas e com a parte superior com altura baixa e com detalhes feitos com giletes, como riscos, linhas, trançados, quadriculados, etc).

Como sempre fui cumprimentado com um *salve!*, sempre respondi com um *salve!*, talvez também como forma de mostrar que sempre estive mais ao lado deles, dos jovens (e não do *partido*²¹), do que da gestão oficial da UI.

A primeira vez que subi nos barracos foi cruel e ao mesmo tempo tinha a sensação de conhecer a intimidade de um amigo; não que considere que aquele lugar fosse casa de qualquer um daqueles jovens internados, pois a CASA não é a casa deles, a CASA Leopoldina é onde eles estão presos. Fui recebido em alguns quartos com risadas, mostraram-me fotografias, livros, cartas ou a maneira como dobravam suas roupas de cama. Cada um com uma maneira mais interessante e nova de dobrar um cobertor de feltro fedido, um lençol quase limpo e um colchão azul de borracha (que quando queimado solta muita fumaça, uma fumaça preta densa). Os quartos são abafados e úmidos feitos para 04 jovens, com dois beliches de concreto, uma lâmpada no meio do quarto, controlada do lado de fora pelos funcionários e uma janela que avista o pátio interno; os quartos são pequenos para viver, respirar, andar, dormir e são fechados pela mesma porta amarela de metal que trancam as salas de aulas.

Quando cheguei à unidade os jovens a chamavam de *parque dos monstros*, já que a *casa estava nas mãos deles*. No final de 2010 houve uma grande rebelião. Os jovens quebraram a unidade toda e ficamos os últimos dois meses do ano sem entrar no convívio, sem ter notícias e ouvindo muitos gritos e *capas estralando*. A GSI e o choquinho fizeram valer sua intervenção de isolamento durante 30 dias (permitidos por regimento interno da FCASA); “(...) junho de 2010, passando para 150 adolescentes e após uma rebelião, em novembro de 2010, conseguimos, com muito trabalho de todos, colocar a disciplina do Centro em ordem” (PPP2012, p.8).

Em 2011, começou a produção do PPP2012 e a UI colocou sob pena de liberdade assistida 120 jovens, 8 jovens em semiliberdade, 7 jovens considerados como *lideranças negativas* foram transferidos e extinguiu a medida socioeducativa de apenas dois *adolescentes*.

A FCASA, seus agentes, seu internos, suas normativas, suas unidades, suas medidas de segurança, repetem linguagens e práticas dos presídios para adultos. Mantêm práticas de tortura e violência da FEBEM, não caracterizando uma ruptura com os pensamentos que arquitetaram o *menor infrator*, produzindo antagonismos com as prerrogativas citadas do

21 *Partido* é um apelido usado pelos jovens para o PCC, tal como *1533* ou *o quinze*.

ECA, SINASE e Supervisão da FCASA/SP como: a) a *proteção integral* dos direitos dos adolescentes e crianças internados e b) o caráter pedagógico da medida socioeducativa.

3. SEGUNDO MOVIMENTO: ECA, JOVENS E SITUAÇÃO-PROBLEMA

Salve quebrada, logo estou de volta!

Quem riu com a minha ida, Vai chorar com a minha volta

Este movimento se dedica a expor o redimensionamento das redes de dispositivos de encarceramento que investiram na produção dos *menores infratores* – tal investidura se deu no marco jurídico-político do Código de Menores (1979), para os poderes que conjuram ao tempo do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) e da Fundação CASA os *adolescentes em conflito com a lei*.

Para analisar a série *menor-adolescente* buscou-se reconstruir as proveniências que conduzem a batalha em torno do *menor infrator*. Tal percurso se delinearà a fim de permitir às forças em luta problematizar o presente do que se chama *medida socioeducativa e adolescente em conflito com a lei*. Fazer essa breve história dos discursos que emergem neste campo, buscando não uma origem em que se encontre unidade e essência desses sujeitos e sim os baixos começos, que emergem na dispersão, no disparate, na discórdia, no acaso (FOUCAULT, 1979, p.18).

Apresentar, ainda, o conceito de Hulsman (2004) de *situação-problema*, como escapatória à reprodução da linguagem carcerária de crime, castigo, criminoso, pena, punição, etc. e apresentar, deste modo, algumas práticas sociais que estão em luta na sociedade.

3.1 Situação-problema

A situação-problema é fato. Ela acontece com cada pessoa em seu cotidiano. Batemos o carro e fazemos um acerto com a pessoa em que batemos; quebramos o vidro do vizinho e acordamos uma solução; arranjamos uma desavença com um desconhecido e com ele nos conciliamos sem a necessidade da intervenção estatal da justiça criminal.

A pesquisa *Violentados: crianças, adolescentes e justiça*, em consonância com o pensamento de Hulsman (2004), aponta algumas noções do que se entende como *situação problema*. Conceito que opera para um conjunto de pessoas que podem viver dentro de cidades conformadas por prédios, ruas, avenidas, casas, carros, fábricas, empresas, restaurantes, bibocas, praças, ônibus, metrô. Observando esse território (cidade) para além dos limites jurídicos, perpetuam-se e se conduzem algumas práticas socioeconômicas (fluxos de mercado, compra e venda, trabalho, escola, polícia, família, etc). Em nosso caso a prática socioeconômica hegemônica é o regime capitalista, pós-industrial, fundado na propriedade privada e estatal.

Conduitas que se atrevam a questionar e se colocar na contramão da organização de tais práticas societárias do regime da propriedade e da racionalidade neoliberal, serão chamadas de perturbadoras da ordem. Ações e situações são chamadas de perturbadoras, antissociais e criminosas de acordo com as leis, costumes e normas que são estabelecidas em cada momento histórico; deste modo, é possível afirmar que não existe uma realidade ontológica do crime e sim uma ontologia histórica da Lei.

Afinal, como nos coloca Hulsman (2004), em sua simplicidade brutal,

violência na família, violência em um contexto anônimo nas ruas, arrombamentos, diversas formas de receber mercadorias ilegalmente, diferentes condutas de trânsito, a poluição do ambiente, algumas modalidades de atividade política. (...) Tudo o que esses fatos têm em comum é que o sistema de justiça criminal está autorizado a intervir contra eles. (HULSMAN, 2004, p.43).

O que na atualidade é considerado crime, não necessariamente foi considerado em outro momento da história, no entanto a necessidade de condutas consideradas criminosas permanecem fundamentais para a organização e exercício do poder, assim como foram para as sociedades disciplinares o são também para as sociedades com modulações de controles²².

Hulsman (2004) aponta que a justiça criminal se utiliza de uma linguagem específica para a punição de modo a esconder, camuflar, apaziguar os processos e lutas que se apresentam em curso na sociedade, entre pessoas e entre as pessoas e as coisas. Aponta, ainda, como o sistema penal e o regime do Estado Penal se utilizam da sanção/pena como forma de manter uma sociabilidade autoritária e hierárquica, dependendo de poderes superiores e punitivos para solucionar situações-problema, não produzindo soluções, percursos, restaurações para aqueles que vivenciaram uma situação problemática, perpetuando o regime do castigo. Assim, não considera

a justiça criminal como um sistema destinado a dispersar punições, mas sim um sistema que usa a linguagem da punição de modo a esconder os reais processos em curso e produzir consenso através da sua errônea apresentação (HULSMAN, 2004, p.36).

Na esteira do conceito de *situação problema*, a pesquisa *Violentados* aponta que os adolescentes vivem e perpetram situações-problema carregadas de pulsões de vida, impregnadas de sentidos políticos implícitos ou explícitos (PASSETTI, 1995, p.65). Os adolescentes internados na Fundação CASA são enquadrados em sua larga maioria em dois

22 Como exemplo, o homossexualismo, que já foi uma conduta proclamada como perigosa, antissocial, criminalizável, punível, repugnante. Hoje, no início do século XXI, os homossexuais (não sem lutas e sangue e combates) são incluídos em todas as formas cidadãs de consumo de bens, consórcios de seguro, testamentos, e são considerados com um *nicho* consumidor com altíssimos potenciais de lucro para grandes empresas de marketing.

‘crimes’: tráfico de drogas e atentados à propriedade (roubo e furto).²³ Em uma sociedade baseada na propriedade privada, o roubo é perpetrado primeiro pelo Estado que garante o primeiro dos roubos: a propriedade. O Estado, ao garantir a propriedade como bem inalienável cria o criminoso que irá expropriá-la ou utilizá-la sem o consentimento do detentor legal. A assimetria socioeconômica do regime do capital coloca em evidência a necessidade de alguns muitos realizarem atitudes consideradas antissociais contra a propriedade de alguns poucos. A regulamentação estatal de mercado que dita o que deve e pode ser comercializado e, portanto, consumido pela sociedade é questionado nas ações de jovens que recebem e revendem certas mercadorias consideradas ilegais, taxadas sob o rótulo de drogas (maconha, cocaína, extasy, LSD, crack, etc).

O conceito de situação-problema choca-se com os conceitos ontológicos do crime da linguagem da justiça criminal. É uma linguagem abolicionista, voltada aos acontecimentos e ao que há de mais inesperado neles: as pessoas. A situação-problema pode ser definida como “maneira abolicionista de enfrentar circunstâncias trágicas, inesperadas e indesejáveis na vida de uma pessoa ou grupo social sem criminalizá-las, considerando-as acontecimentos equacionáveis por meio de respostas-percurso” (Verbetes do Nu-sol²⁴).

3.2 O menor infrator

Os chamados *delinquentes* ou as crianças e adolescentes – sujeitos que exercem um conjunto de práticas vistas como condutas antissociais, cometidas contra a sociedade (PASSETTI, 1987, p.27) – foram investidos no Brasil de diversos dispositivos de moralização e adestramento. O *menor* é produzido por saberes que o Estado (que se encontrava sob o governo de uma ditadura civil-militar) agenciando um conjunto de técnicos especialistas da sociologia, da psicologia e da biologia conjuraram e conduziram à construção desse sujeito em seu nascimento, sua razão de ser e meio em que vive. E, como cientistas que observam a doença, a degeneração, a anormalidade, também apontam para sua cura, adestramento, controle e direção.

Há a construção de uma diferenciação entre o *correto (jovem)* e o *incorreto (delinquente)*. O livro *O que é o menor?* (PASSETTI, 1987) aponta – como uma das

23 Segundo pesquisa publicada pelo site virtual da Fundação CASA, os ‘crimes’ contra a propriedade estatal, privada e do corpo somam 65% dos casos; os crimes de média gravidade (Extorsão, Descumprimento da medida, Dano, Ato obsceno, Violação de domicílio, Tráfico de drogas, Ameaça, Receptação, Porte ou uso de drogas) somam 19% dos casos.

<http://www.fundacaocasa.sp.gov.br/images/midia/PesquisaInternos.pdf> (consultado em 30/09/2015)

24 <http://www.nu-sol.org/verbetes/index.php?id=19> (consultado em 13/11/15)

proveniências da produção do *menor* – os teóricos estadunidenses da década de 1920 que buscavam compreender desvios de comportamento das práticas *delinquentiais*. O choque de padrões culturais foi a resposta e

estudos feitos por psicólogos, assistentes sociais, sociólogos, psiquiatras, historiadores, economistas e advogados, concluíam que o efeito do conflito entre as culturas, ao incidir na personalidade do indivíduo, acabava criando o homem marginal: aquele não totalmente integrado na sua situação presente de vida (PASSETTI, 1987, p.35).

No Brasil, o *menor* era aquele que vivia em *situação irregular* e estava predisposto a vivenciar e executar as práticas ditas *marginais*. A *situação irregular* causa uma defasagem na formação desse cidadão que, sob o ponto de vista dos técnicos do Estado, tem sua origem em *famílias desestruturadas*, não absorvendo os valores sociais ou uma qualificação de mão-de-obra para o mercado legal. Fica à mercê dos circuitos da economia ilegal (roubo, furto, tráfico de narcóticos ou outras mercadorias ilegais) e evadido do ensino regular, hegemonicamente estatal. O *menor* se torna perigoso e ameaçador para a sociedade baseada na propriedade privada e no estímulo ao consumo, com base na moralidade da norma: os conservadores de plantão clamam a resolução deste problema.

O Estado possui, então, a caracterização do inimigo e a capacidade de solução dentro da ótica dos técnicos correcionais: a criação de instituições competentes para tornar esse sujeito infrator, inadaptado à situação de vida que lhe apresenta, em sujeitos corrigidos. Sob a égide da Política de Segurança Nacional da ditadura civil-militar institui-se a FEBEM (Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor). O que os mandatários de postos governamentais e burocratas do poder não ponderaram é que em toda relação de poder existe uma relação de resistência.

Enquanto houver opressão por aqui, haverá o terror.

Situaremos a FEBEM como instituição pela qual o controle se exerce intramuros, das grades para dentro, mas também já introduzindo medidas em *meio aberto*. Os poderes correcionais daqueles que vigiam e os poderes insurreccionais daqueles que estão encarcerados se confrontam dentro das instalações. E fundamentam a medida de internação enquanto está em sanção ou enquanto aquele que é vigiado não foge ou escapa da trama da Prisão-FEBEM.

Michel Foucault dedica a terceira parte do livro *Vigiar e Punir* a destrinchar a disciplina. Situa o autor:

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco

aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente (FOUCAULT, 2010a, p.133).

Foucault aponta que o corpo entrará em uma mecânica do poder ou uma anatomia política. Seus gestos, movimentos, respirações serão alvo de uma política de normalizações sobre o corpo, decompondo-o para recompor um corpo dócil, adestrado e útil. Em uma perspectiva na qual tanto mais o corpo tem sua aptidão aumentada mais se forma uma dominação acentuada.

Além desse investimento celular no corpo, as disciplinas também acoplam investidas no tempo e no espaço social. O exercício cronometrado das atividades nas fábricas, escolas, hospitais, presídios, faz com que o tempo penetre o corpo e com ele as minúcias do poder com uma atenção aos detalhes. Importa extrair do tempo a maior quantidade de instantes disponíveis em forma de força útil. Atando o corpo ao objeto que opera, formando um corpo-arma, corpo-instrumento, corpo-máquina.

A relação com o espaço opera coletivamente a coerção da disciplina. A localização de cada soldado na fileira (linha e coluna) em que se encontra, a localização do estudante em sala de aula, qual fileira e carteira de acordo com o nível em que se encontra na seriação do aprendizado, a localização de cada detento nas atividades cotidianas de uma penitenciária, na série sucessiva e incessante de atividades que ocupam seu tempo, maximizam sua utilidade e acentuam sua obediência.

A disciplina não é uma simples arte de repartir corpos e extrair o máximo de tempo e utilidade desses, mas procura compor as forças direcionadas para construir um aparelho-máquina eficiente e produtivo.

A Era Clássica viu nascer a grande estratégia política e militar segundo a qual as nações defrontam suas forças econômicas e demográficas, mas viu nascer também a minuciosa tática militar e política pela qual se exerce nos Estados o controle dos corpos e das forças individuais (FOUCAULT, 2010a, p.162).

No período da FEBEM, está em questão a *prevenção geral* da sociedade contra a *situação irregular* que coloca crianças e adolescentes em contato com a dita *marginalidade*, por não terem absorvido os dotes *biopsicossociais* que uma criança comum recebe de sua família estruturada, escola regular, amigos de boa conduta e do Estado de Bem-Estar Social; a criança sofre o risco de tornar-se um *menor*, caindo nas redes da polícia ou da assistência social ou do crime organizado. A FEBEM não deteve apenas os chamados menores infratores, também aprisionou os chamados menores abandonados e carenciados, ou seja, os que estavam em *situação irregular*.

As relações de poder, nas sociedades de disciplina, produzem sujeições e dominações que atravessam toda a sociedade principalmente no ato de manter os corpos vivos, úteis, dóceis, normalizados e exauridos de qualquer potência política de insurgência.

O que estava em jogo nas instalações da FEBEM é também um duplo que complementa a disciplina: a vigilância.

A engrenagem específica do poder disciplinador é a vigilância, funcionando numa relação de cima para baixo; por um lado, submete funcionários à estrutura da instituição, por outro, coloca os reclusos interiorizando a hierarquia e, respondendo entre si, a partir da constituição de um poder da hierarquia que se estende a alguns reclusos disciplinados (PASSETTI, 1982, p.122).

O encaixe das disciplinas e da vigilância atravessa não apenas o corpo funcional das unidades de internação e acolhimento, mas atravessa todos os envolvidos na trama, vigias e vigiados, podendo também os vigias serem espiados, julgados, punidos, pelos vigiados, conforme tribunais e hierarquias que seguem a mesma lógica punitiva da hierarquia-sanção.

A política de Estado, cultivada no seio da ditadura civil-militar com a Política Nacional do Bem-Estar do Menor (PNBM), declara guerra contra parte da população em defesa da sociedade. Não se trata de uma guerra que prevê o extermínio ou a morte de parte dessa população, mas objetiva um gerenciamento da vida, um gerenciamento das forças que estão no campo de batalha: *“As guerras já não se travam em nome do soberano a ser defendido, travam-se em nome da existência de todos, da necessidade de viver”* (FOUCAULT, 1988, p.148).

A FUNABEM (Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor) teve como objetivo, como aponta Passetti (1982), a construção dos homens para uma nação e que esses perpetuassem e conservassem os valores nacionais de segurança. Deste modo, qualquer construção que fosse de encontro com essa máxima seria um desvio, um problema de segurança nacional que em crianças e jovens deve ser corrigido.

A suspeição lançada pelas políticas de segurança nacional do Estado recaíram sobre as camadas mais pauperizadas dos polos urbanos industriais do Brasil. Após o golpe de 1964 tudo aquilo que se opuser à ordem (desenvolvimento das forças industriais, inculcação da racionalidade liberal e organização da segurança para a futura institucionalização da Democracia) será considerado problema de segurança nacional.

Se o *menor* era o que vivia em situação irregular e por isso poderia ser levado a condutas ditas antissociais, esse passa a ser um problema maior, um problema que

desestabiliza a nação, tendo a nação que reagir contra essa população e os elementos que permitem sua constituição na sociedade.

Perante a lei são menores que deverão ser educados para se tornarem adultos respeitosos. Socialmente, são menores oriundos de famílias desorganizadas, incapazes de lhes dar a educação elementar. Psicologicamente são considerados imaturos e portam personalidades com desvios de conduta. Estas características levam o Estado, através da legislação (Código de Menores) e de instituições (Fundações Estaduais de Bem-Estar do Menor), a defini-los como perigosos (PASSETTI, 1987, p.54).

A Política Nacional de Bem-Estar do Menor (PNBM) responde assim ao combate ao chamado processo de marginalidade de que as crianças e jovens filhos do proletariado eram alvo, com os objetivos de: primeiro, integrar os programas nacionais de desenvolvimento econômico e social; segundo, elaborar o dimensionamento das necessidades afetivas, nutritivas, sanitárias e educacionais de que essa população esteve carenciada; terceiro, racionalizar os métodos de elaboração e funcionamento e implantação da PNBM.

Após o golpe de 64, os problemas serão dimensionados em hierarquias pelo Estado em *problemas sociais*. Hierarquizadas dentro dos parâmetros da segurança nacional. A problemática dos meninos e meninas que se vincularam ao mundo do crime para obter seus rendimentos atingindo assim o consumo, poderia ser equacionado dentro de outras possibilidades, como a *justiça restaurativa* de Hulsman (2004). No entanto, o enquadramento desta problemática, de meninos e meninas vivendo em situação de vulnerabilidade, dentro dos programas de Segurança Nacional inibiu qualquer forma de associação livre para a solução dos entraves que essa sociabilidade autoritária produziu.

A expansão das burocracias vai se tornando cada vez mais sólida e, assim, vai justificando sua influência em torno da suposta necessidade do Estado resolver problemas sociais de moradia, violência, desajustes, emprego, lazer, educação, saúde, propriedade, etc (PASSETTI, 1987, p.60).

3.3 O adolescente em conflito com a lei

O *menor*, como palavra que está na história, foi investido por saberes que o colocaram como oriundo de uma *situação irregular* e assim localizado como suspeito no interior da *marginalidade*, como vimos no primeiro fluxo desse segundo movimento.

Nos anos 1990, a pesquisa *Violentados: Crianças, Adolescentes e Justiça*, aponta os deslocamentos que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA de 1990) gestou no atendimento à população marginal com idade inferior à maioridade penal. O Estatuto da Criança e do Adolescente redimensiona a pena para a *medida socioeducativa* e reinscreve o

menor infrator como *adolescente em conflito com a lei*, sujeito de direitos e deveres, uma nova categoria jurídico-política para o exercício da sujeição.

Era preciso sair do velho paradigma da situação irregular (Código de Menores) para a Doutrina de proteção integral (...) Era preciso sair do plano conceitual das mudanças para a adoção de práticas inovadoras que de fato colocassem o adolescente em conflito com a lei como sujeito de sua própria história e não mais objeto de intervenção (Supervisão da Fundação CASA São Paulo, 2011).

Captando a palavra *menor* em sua dispersão, esta não deixou de ser enunciada somente pelos mandarins do poder e da técnica criminal, mas foi incorporada por aquele que é o sujeito-menor, que exerce esse poder e por ele é conduzido na trama da delinquência útil, regida, guiada. Há uma diferenciação no significado da palavra, uma potência outra que emerge e se coloca em posicionamento de guerra contra o poder que a instituiu. “*Assim, se para o Estado e setores sociais preconceituosos o menor é um suspeito perigoso, para ele, ser menor passa a ser uma possibilidade de resistir*” (PASSETTI, 1987, p.57).

De quebrada em quebrada, em qualquer lugar

Os verme vira pó, chega mais pode vim, pode pá, nós por nós
Bonde dos menor, atitude disposição, é uma forma de expressão
Sintonia sou eu por você de bonde pra bonde é conexão

Vou falar dos menor bolado que partiu pra guerra portando Ak
Revoltados com o pensamento a intenção de matar, mais Deus me fortalece
Dando esperanças pra não desistir, com meus aliados
vou até o fim
MC da Leste [grifos meus]

O menor se fortalece em seu bonde e se coloca em guerra. Menor são os amigos. Menor são aqueles que estão vivendo juntos a violência das grades ou as epopeias das fugas e dos confrontos. O *funk*, o *rap* e as relações entre os jovens operam por meio do “ser menor” um fortalecimento da identidade do *menor*. Os jovens se reconhecem sob o termo *menor* e a partir desse reconhecimento estabelecem as relações de confronto com aqueles que os vigiam dentro e fora do cárcere. Assumir-se como *menor* opera uma relação dupla que se complementa: a) ao passo que alimentam incessantemente o ciclo punitivo, levando-os a ocuparem o lugar de inquilinos frequentes das Unidades de Internação, provisórias ou não, reforçando um regime de *ilegalismos*; b) questionam e recusam o termo *adolescente em conflito com a lei*, preferindo ser *menor*, não como terminologia jurídica, mas como *estilo de vida*.

Esse *estilo de vida* envolve o consumo de marcas de roupas, carros, tênis e acessórios de luxo. Apropriação dos bens de consumo (carro, moto, casa, roupa, comida, balada, mulheres, etc) que a burguesia valoriza e que só podem ser conquistados, quando muito, pelas

duras penas do trabalho honesto e legal. Envolve ainda a reprodução do modelo familiar burguês: o homem provedor, marido, não necessariamente fiel, mas leal aos compromissos da casa (prover moradia e alimento e bens de consumo); a mulher, amante do consumo e dona de casa, necessariamente fiel ao seu marido e compulsiva por gastar dinheiro com futilidades (estética, perfumes, roupas, silicone, etc).

Esse estilo de vida, marcado por frases da cultura do hip hop “agora sou ladrão, artigo 157. As cachorras me amam os playboy se derretem. (...) a polícia bola o plano, sou herói dos pivete” (RACIONAIS, 2009), reforçam as relações com a polícia. Configuram para a polícia como perversos que devem ser eliminados, como perigosos que estão prontos a matar e morrer na defesa do mundo do crime e do PCC, estimulando práticas ostensivas da polícia nas periferias e normalizando a morte desses jovens nos noticiários, já que são exterminados em nome da defesa da sociedade. Em um movimento interno, entre os jovens, os faz incorporar como nomes, apelidos e *vulgos* artigos do Código Penal. Ser 157 (assalto a mão armada), 155 (furto), 159 (sequestro), pode trazer poder entre outros jovens e adultos do mundo do crime. Essa incorporação do artigo do código penal como característica de vida faz conduzir e reproduzir a linguagem da justiça criminal, fortalecendo-a.

5/6/2012 Não peida não Juvelino [diretor da UI-Leopoldina na data] não corre não é o bonde da Leopoldina os menó tá revoltado atividade / Parece cena de cinema mas é a realidade o choque voltou de ré na Leopoldina terça a tarde, alguns menor peido, o bonde fico bolado, mais teve uns aliado que fecho lado a lado / Japonês e butirres participou da operação / Bispo e dentinho, também tava juntão / demo PT no Bloco 'D', só falou o bloco c, o chavão do real parque tava muquiado, peido pro bico anota o nome de quem tava sussugado (GRE. 05/06/2012 - Música feita às escondidas)

Durante a pesquisa no Centro de Atendimento Socioeducativo Vila Leopoldina, em muitos momentos do cotidiano de sala de aula essa canção foi cantada, não só por um, mas por muitos e em conjunto. Quando se canta “*com meus aliados vou até o fim*”, percebo uma relação de cumplicidade entre os jovens, como aqueles com quem se pode contar, como aquele que “*me fortalece*”²⁵ na medida em que também é “*fortalecido*”.

A FEBEM e o Código de Menores de 1979, a organização e isolamento de uma ilegalidade tolerada pelos saberes policiais produziram o *menor infrator*, permitiram o fortalecimento de uma guerra nas favelas e periferias, como estratégia de confinamento

25 ‘Fortalecer’, ‘fechar junto com o bonde’, são expressões que no jogo interno das práticas dos jovens internados relaciona-se com aqueles que estão juntos na guerra contra a opressão atribuída às direções das unidades e as forças policiais e ainda a qualquer técnico ou educador que queria combater o crime e lhes atrasar a liberdade.

parcial na cidade como prevenção geral da sociedade. O *menor* hoje se armou e se organizou, buscou readequar as suas relações com a trama policial e se fortaleceu no combate. Tais redimensionamentos nos embates impuseram mudanças aos acordos e no jogo de forças com a Polícia e com o Assistencialismo Social.

Rapaziada escuta o papo,
 O bonde é estruturado,
 Mira lazer ta na mira
 É caçador de pé de pato²⁶
 Se tenta no pantanal canalha vai se fuder
 Por que nois tamo fechado com a família PCC
 Aqui os armamento é bravo
 Se tenta vai se rajado
 Nois ta portando pistola e também oitão cromado
 (MC E. - 2011, Folha de caderno arrancada, música feita às escondidas)

A maneira como os jovens escrevem, arruinando a gramática, revela, para a instituição Fundação CASA e seus técnicos psicossociais e pedagogos, que são *adolescentes e crianças* que evadiram do ensino regular, levando-os a integrar o corpo populacional que precisa ser reciclado, reformado, reintegrado e alfabetizado, para que possa ter ferramentas de sair da população em vulnerabilidade social. É preciso formar cidadãos que saibam ler, escrever e contar, homens e mulheres utilizáveis. Tragtenberg (2004) situa essa reforma como

Hoje em dia a preocupação maior da educação consiste em formar indivíduos cada vez mais adaptados ao seu local de trabalho, porém capacitados a modificar seu comportamento em função das mudanças sociais. Não interessam, pelo menos nos países industrialmente desenvolvidos, operários embrutecidos, mas seres conscientes de sua responsabilidade na empresa e perante a sociedade global (TRAGTENBERG, 2004, p.45).

Como aponta a pesquisa *Violentados*, os novos miseráveis não são mais os esfomeados, os andarilhos, os ‘meninos-de-rua’, os pedintes que estão excluídos de todas as possibilidades de ganho financeiro e inserção na sociedade capitalista. Os novos miseráveis estão armados em guerra (contra o estado, contra o tráfico, contra o demônio, contra as drogas, a favor das drogas). Os novos miseráveis estão com altos ganhos no mercado ilegal, superiores em média aos ganhos de um salário mínimo ou salário de *aprendiz* no mercado de trabalho legal.

Se acha que alguém rouba pra comer? [risos] olha esse mano [referindo-se ao pesquisador]... nois qué é anda nos Kit²⁷, polo listrada, calça jeans e um nike no pé. (Feijão, 2012 - Conversa em sala de aula)

26 A definição literal de pé de pato é o bandido que se alia com a polícia.

O desejo é pelo acesso rápido a fontes de renda que lhe possibilite consumir as benesses do capitalismo. Um estilo de vida que visa: vestir a roupa de marca, o tênis do lançamento, a moto mais rápida e mais potente, as melhores bebidas, as lindas mulheres, os perfumes mais caros, não importando o cheiro-qualidade ou design-acabamento do produto, mas sim a cifra-valor e a vitrine-moda da mercadoria.

Há uma série de episódios que este pesquisador vivenciou dentro da Unidade de Internação (UI) em que a emergência da importância da marca é comum a todos. A marca entendida nos seus termos visuais imediatos, como logotipos, frases de campanhas publicitárias e também entendida na sua importância simbólica, na ‘quebrada’ em que o jovem vivia, entre seus amigos, entre as jovens.

Gostaria de me ater a um dos casos. Este se passou durante uma semana inteira. Foi uma semana em que se entrou no convívio²⁸ com materiais que normalmente não são permitidos nas aulas regulares²⁹: canetas hidrocolor, cartolinas, lápis de cor, fitas durex, tesouras, colas. O objetivo desta semana era a produção de cartazes e painéis a respeito da comemoração “Descoberta do Brasil”, atividade protocolar das escolas da rede pública, prevista em calendário e currículo.

Durante a produção dos cartazes e painéis alguns jovens começaram a produzir logotipos. Primeiro eram dois, depois quarenta jovens desenhando, pintando, montando, logotipos de inúmeras marcas, marcas que só frequentam (legalmente) os armários das camadas mais abastadas da população: *Brooksfield, Poloplay, Lacoste, Nike, Adidas, Oakley, Eco, Timberland*, entre outras de menor relevância e também menor valor entre eles.

No segundo dia os jovens estavam colando essas logo-marcas nos uniformes-roupas que a UI oferece para os internos. Segundo o regimento interno, qualquer violação do vestuário, roupa de cama ou artigos de higiene oferecidos é uma atitude indisciplinar, que

27 O Kit é um conjunto de roupas, tênis e acessórios (relógios, correntes, bonés, etc). Pode-se usar uma série de tipos de Kit, cabendo a essa nota a ressalva de três: o Kit Postura, o Kit da Xepa e o Kit Jogado. O Kit Jogado é a roupa sem marca, sem estampas, no qual o pesquisador sempre foi enquadrado por eles. O Kit Postura é a ‘roupa de bandido’ na concepção dos jovens, roupas e tênis de marca, correntes de ouro ou imitações de ouro, sempre muito bem passadas e limpas. Há ainda o Kit da Xepa, referindo-se ao que resta das feiras públicas, é a roupa que as Unidades de Internação oferecem aos adolescentes quando estão internados.

28 A circulação só é permitida no convívio, a não ser quando o jovem tem algum tipo de saída técnica para CAPS – Centro de Atendimento Psicossocial, DEIJ – Departamento de execuções da infância e juventude, ou quando o diretor ou seus técnicos requisitam sua presença para atendimento. O convívio é composto pelo pátio interno, 3 alas de dormitórios, 4 blocos para atividades educacionais e profissionais e 01 quadra externa, além de banheiros e 1 refeitório.

29 Durante o chamado *ensino formal* só é permitido o uso de lápis-grafite, caneta, borracha, caderno, giz e apagador. Com algumas pequenas concessões para livros que o professor utilize.

deve ser anotada pelos agentes de apoio socioeducativos e encaminhado para a Coordenação de Disciplina. No entanto, existiu naqueles momentos um ambiente seguro para piadas e brincadeiras entre eles e os *agentes de apoio socioeducativo*. Enquanto colavam uns nos outros as logomarcas cantavam e dançavam, rindo muito alto e lembrando os bailes e festas que tinham ido quando estavam soltos. Comentavam também sobre as quermesses e bailes que ainda iriam quando a liberdade cantasse³⁰ para seus casos.

Ao terceiro dia os jovens começaram a provocar os *agentes de apoio socioeducativo* que por sua vez começaram a pedir a retirada das marcas das roupas. As brincadeiras variavam, no entanto uma se repetia. Essa dizia que os funcionários nunca teriam acesso às marcas de luxo e viveriam somente vestindo imitações dessas roupas, mais baratas e sem marcas. Em um dado momento um *agente de apoio socioeducativo* mais aguerrido às normativas da Unidade pediu com mais austeridade a retirada da marca da roupa de um menino, este olhou o *agente* e lhe disse:

Se você abrir minha gaveta lá de casa, cê vai encontrar três polo dessa, uns dois blusão da Nike, uns dois ou três bonés da Eco, e ainda minha maleta de relógios, tem dez, deve vale ali uns 20 mil. [referindo-se aos agentes] Seus passa-fome! (CH.)

Outro completou

Cês ganham quanto? 1.200? Só! Eu tirava isso no meio da semana, em tempo ruim. (CO.)

Houve um tumulto, os professores da escola regular tiveram que sair do convívio.

Ao quarto dia os professores voltaram para o convívio, proibidos de levar qualquer material que não fosse o lápis, a caneta e a borracha, apenas o material regular. No entanto, eles insistiram. Pintavam com as canetas, nos blusões, camisetas, chinelos, bermudas, as marcas citadas na página anterior. Como não eram casos isolados que permitissem intervenções isoladas dos *agentes de apoio socioeducativo* e sim uma prática que estava atravessando todas as salas de aula que lecionei, os *agentes* apenas instruíram os jovens a pararem com aquela conduta.

30 Cantar a Liberdade significa sair do cárcere. O que se observa com frequência é que eles saem com outras medidas socioeducativas somadas à medida de internação, principalmente a medida de Liberdade Assistida. “Seção V Da Liberdade Assistida Art. 118. A liberdade assistida será adotada sempre que se afigurar a medida mais adequada para o fim de acompanhar, auxiliar e orientar o adolescente. § 1º A autoridade designará pessoa capacitada para acompanhar o caso, a qual poderá ser recomendada por entidade ou programa de atendimento. § 2º A liberdade assistida será fixada pelo prazo mínimo de seis meses, podendo a qualquer tempo ser prorrogada, revogada ou substituída por outra medida, ouvido o orientador, o Ministério Público e o defensor” (ECA).

Ao quinto dia, não havia sinal de logomarcas nas roupas dos jovens, elas haviam sido trocadas. Não houve mais menção em continuar com a confecção das logomarcas ou qualquer outro tipo de estilização dos uniformes-roupas. Dois haviam sido severamente punidos³¹ pela insistência no ato, que serviu de exemplo para todo o resto.

A importância que se dá ao consumo atravessa tanto os jovens como os funcionários de pátio, os *agentes de apoio socioeducativo*. Ambos estavam se divertindo com as imitações das logomarcas que os jovens confeccionavam, os funcionários esboçavam elogios aos artistas mais fiéis aos desenhos das marcas e até colocavam os artefatos em suas roupas.

Eu monto na minha hornet
 Que eu vou pra zona norte
 Planejei foi um assalto vou gruda um carro forte
 O saindo do assalto
 Escuta eu não sou trouxa
Fui direto para o shopping pra gasta tudo em roupa
 A quadrilha ta formada
 Sempre chiq e elegante
 Só pegamos fita dada somos tudo assaltante
 O bonde já ta formado
 Pronto pra fazer a missão
 Nois temo 2 de pistola e 3 de aka trovão
 A quadrilha é inteligente nois chega e faz o rapa
 Depois não deixa pista nos jogamos uma granada
 Somos tudo assaltante Com nois não tem ideia
 Nos somos profissionais roubamos sem dar Guéla
 Na entrada da favela Nois temos dois de matraca
 Porque o armamento é forte e a quadrilha ta formada
Si os verme³² bate de frente eles vão voltar de ré
 [...]
 Sempre chiq e elegante por que nós anda no Kit
 Roflaure, Poloplay, armane e blukfisd
 Quando nois vamo pro Shopping
 Nois gasta muito dinheiro
 Porque a firma é forte só compramos lançamento
 Com o meu cordão de ouro e o Nextel Ferrari

31 Quando encontrei esses dois estudantes, um tinha o rosto completamente roxo de tanta porrada que deve ter tomado na cara; o outro tinha um corte que atravessava sua testa, olho e boca. Por mais que a Fundação CASA tenha criado um Regimento Interno que objetiva a garantia dos direitos dos adolescentes internados e este institua em cada unidade um CAD – Comissão de Avaliação Disciplinar, presidida pelo Diretor da Unidade e composto pelas áreas de segurança, psicológica, social e pedagógica, garantindo neutralidade na aplicação da sanção – a tortura continua como prática usual dos *agentes de apoio socioeducativo* contra os adolescentes em medida socioeducativa.

32 Verme é o policial ou qualquer pessoa ou instituição que alie a policia no projeto de perseguir, prender e reformar os criminosos: as técnicas das unidades, sejam psicólogas ou assistentes sociais, os *caguetas*, os funcionários de pátio das unidades de internação e alguns professores, sendo que este último pode ou não ser um verme.

Mantenho minha disciplina e também a humildade
 Na quebrada é tipo assim eu abalo o sistema
 Pois todo lugar que eu passo eu chego e roubo a cena
 (Mc Léo da B - 2012, músicas feitas às escondidas) [grifos do pesquisador]

O desejo cultivado em nossa sociedade que relaciona a realização pessoal ao consumo de mercadorias de alto padrão – ‘de marca’ e ‘de grife’ – articulado à maneira que os jovens elaboram para ter acesso a esses bens, faz cultivar o fortalecimento de uma ordem conservadora e repressora da sociedade e do Estado. O aprimoramento da articulação e organização das relações de poder entre os jovens faz aprimorar também suas conexões e relações com a guerra contra as drogas, assim nomeada pelo Estado e difundida pelos veículos de comunicação como TV e Jornal. É um discurso de governo e de Estado a necessidade de mais investimentos na área de segurança pública para conter o tráfico de drogas, que ataca diretamente a saúde da sociedade. A esse fenômeno, a mídia, polícia e Estado nomeiam *guerra contra as drogas ou contra o narcotráfico*.

Tais aprimoramentos também operaram no interior dos mecanismos de controle que incidem sobre essa população; as medidas socioeducativas de internação ou em meio aberto são de rotação rápida e fluxo constante, acoplando-se umas às outras, operando menos uma transformação nas condições efetivas de vida dos jovens e operando mais um monitoramento da reincidência³³. Os dispositivos punitivos avolumam-se nas ruas em forma de programas e projetos de inserção social³⁴. Estão conectados às novas redes sociais (facebook, twitter, etc) e são elaborados em parcerias público-privadas, monitorando os cotidianos e as relações comunitárias dos jovens ditos *em conflito com a lei e à espera de direitos* exigindo a *proteção integral* de seus direitos.

3.4 Uma carta: brevíssima etnografia

33 “Art. 119. Incumbe ao orientador, com o apoio e a supervisão da autoridade competente, a realização dos seguintes encargos, entre outros: I - promover socialmente o adolescente e sua família, fornecendo-lhes orientação e inserindo-os, se necessário, em programa oficial ou comunitário de auxílio e assistência social; II - supervisionar a frequência e o aproveitamento escolar do adolescente, promovendo, inclusive, sua matrícula; III - diligenciar no sentido da profissionalização do adolescente e de sua inserção no mercado de trabalho; IV - apresentar relatório do caso.” (ECA, 1990).

34 Em referência aos projetos e programas cito algumas instituições que os executam. As ONG’s: CEDECA (Centro de Defesa da Criança e do Adolescente), CENPEC (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária), Associação Horizontes, entre outras. Dentre essas, ressalto a ONG Associação Horizontes e seu projeto Trilhas, em que jovens voluntariamente participam de conversas com psicólogos e assistentes sociais após a medida socioeducativa; são orientados no mundo do trabalho fora do mundo da criminalidade, tornando-se depois orientadores pós-medida de outros adolescentes.

Em umas das sessões de minha aula, conversando com um aluno a respeito do dito crime organizado, da polícia, dos ditames e normativas do ECA e do Estatuto do PCC (Primeiro Comando da Capital), ele me prometeu uma carta com algumas *ideologias* que ele considerava interessantes. Segue um trecho escolhido

Agente apenas obedece o que o sistema decreta. Por que somos presos então? Se o próprio sistema diz que o favelado é bandido. (R. 08/2012 – Carta ao Professor)

A capacidade de síntese que essas três frases tiveram foi surpreendente ao ler a carta. Segue uma análise por partes:

Agente apenas obedece o que o sistema decreta.

Nota-se a percepção de um sistema, de que sua ação faz ativar uma circulação de ações: decretadas. As suas práticas revelam “*a realidade autoritária da sociedade, que institui juridicamente a reprodução do processo de desigualdade, baseado na divisão arbitrária do direito civil e penal, no direito a propriedade que autoriza a continuidade da condição de riqueza e pobreza*” (PASSETTI, 1995, p.91). Ao mesmo tempo, servem de base de legitimação para todo um conjunto de práticas autoritárias pelos Magistrados do Direito, pelos agentes das polícias especializadas para confrontos e extermínios e por “*organizações paramilitares de extermínio que, em muitos casos, contam com agentes da ordem em suas fileiras e, em todos os casos, com o seu patrocínio*” (PASSETTI, 1995, p.96).

Por que somos presos então?

Essa pergunta interroga e confronta diretamente a política de encarceramentos que o ECA se propôs a reduzir e combater, estabelecendo-a como última opção dentre o leque das medidas socioeducativas³⁵, mas que continua a perpetuar o encarceramento da população jovem pobre e negra. A tentativa foi com a mudança de paradigma do *menor em situação irregular* para o da *proteção integral de direitos*, “*E, então, todos estão autorizados a falar por eles e a fazer de cada criança e jovem um prisioneiro preventivo da chamada responsabilização (...) Chamam a isso de proteção integral*” (OLIVEIRA, 2005). Ou ainda, da terminologia *menor para adolescente em conflito com a lei*, superar “*o espelhamento infração crime que é uma mera tradução da economia política da pena para adolescentes*”

35 Art. 112. Verificada a prática de ato infracional, a autoridade competente poderá aplicar ao adolescente as seguintes medidas: I – advertência; II - obrigação de reparar o dano; III - prestação de serviços à comunidade; IV - liberdade assistida; V - inserção em regime de semi-liberdade; VI - internação em estabelecimento educacional; VII - qualquer uma das previstas no art. 101, I a VI. § 1º A medida aplicada ao adolescente levará em conta a sua capacidade de cumpri-la, as circunstâncias e a gravidade da infração.

(PASSETTI, 1995, p.148), segundo a definição de medida socioeducativa, que até utiliza a palavra *crime* (linguagem da justiça criminal), no ECA³⁶.

Se o próprio sistema diz que o favelado é bandido.

Se na sociedade disciplinar o indivíduo era transferido de uma instituição a outra (família, escola, caserna, fábrica, hospital e, fracassando em todas, levado para a prisão), passando de um espaço fechado para outro, se exercia um poder individualizante e massificador, “*a assinatura que indica o indivíduo, e o número de matrícula que indica sua posição numa massa*” (DELEUZE, 1992, p.222). Isso é o que deixamos de ser. Na sociedade de controle, Gilles Deleuze, aponta para homens e mulheres *dividuais* e as *massas* ganham características de bancos de dados, amostragens de pesquisa, cujo maquinário responsável por realizar o monitoramento e localização de cada um e em seu local de amostragem são as tecnologias computo-informacionais. Na sociedade de controle, nunca se acaba nada, diz Deleuze. Adolescentes hoje encarcerados raramente quando conquistam a tão clamada, lutada, desejada e querida liberdade da prisão-prédio, continuam suas *medidas socioeducativas em meio aberto*, nas *liberdades assistidas e prestação de serviços comunitários* (coletivos ou individuais). Desta forma quando retornam para a ‘quebrada’, para a periferia de onde vieram, continuam sendo monitorados, vigiados, contidos, controlados, inspecionados de várias formas: pelos técnicos orientadores dos serviços de *medida socioeducativa em meio aberto*, pelos agentes policiais, pela UBS, pela escola, pela comunidade, pelo comando (Primeiro Comando da Capital), por todos em nome do adolescente, seja da chamada *defesa da comunidade* ou da chamada *proteção integral* e, paradoxalmente por eles mesmos (AUGUSTO, 2013). Caracteriza-se um *campo de concentração a céu aberto*,

Vivemos sob o governo das polícias. Polícia dos costumes na casa, no condomínio, no prédio, no bairro, na favela, no beco, gueto, biboca e viela. Polícia dos programas de computadores, dos e-mails suspeitos e suspensos. Polícia das violações institucionais, polícia da polícia, dos desrespeitos aos direitos e das aplicações de exceções governamentais. Polícia que porta arma, mouse, telefone celular, escuta de satélites, câmeras escondidas e conversas de coxia. Polícia das ruas e polícia dos planetas, que governam vidas encarceradas em um *campo de concentração a céu aberto* (AUGUSTO, 2013, p.35).

Basta caminhar por entre as chamadas periferias da cidade de São Paulo e municípios adjacentes ou favelas do Rio de Janeiro que alguns pontos em comum são marcantes: a) essas populações são alvo e motivação de inúmeros projetos destinados a populações em

36 “Art. 103. Considera-se ato infracional a conduta descrita como crime ou contravenção penal.” (ECA, 1990)

vulnerabilidade social; programas que visam, no resultado final, a acomodação dessas populações nos territórios em que vivem; b) são o principal foco das políticas públicas sanitárias, de saúde familiar e individual, de escolarização e de segurança pública, todas políticas no sentido de efetivar a manutenção do confinamento dessas populações nas chamadas periferias e favelas; “*Diferente da economia prisional, que sustenta um circuito que se retroalimenta, os campos de concentração, são definidos pela contenção e produção de uma vida em seu interior até o extermínio*” (AUGUSTO, 2013, p.35).

Muitos dos meus alunos nunca saíram das respectivas *quebradas* para o *mundão*, a não ser no momento em que foram fazer suas fitas, tentar seus B.O.³⁷ e foram captados por uma outra rede de controle e segurança, a justiça criminal, levados assim à Fundação CASA. Se antes de serem apanhados pelas malhas do poder judicial eram considerados pela sociedade como lixo do lixo, vivendo no *campos de concentração a céu aberto*, periferias e bibocas de São Paulo, quando penetram a malha delinquência-polícia-prisão-reincidência-prisão, passam a ser considerados apenas o lixo da sociedade, alvos de uma série de modulações, em constante transformação, que lhes reabilite a viver de forma saudável, sã, ordeira e cidadã. É jargão comum por entre os cafés e as reuniões oficiais da Fundação CASA funcionários (pedagogos, psicólogos, assistentes sociais, seguranças e direção) se referirem aos jovens como “aqueles lixos” e “aqueles vagabundos”. Jargões proferidos enquanto se planejam as políticas pedagógicas a serem tomadas pela equipe pelos próximos meses.

Mesmo com a mudança de termos jurídicos políticos (*menor* para *adolescente em conflito com a Lei*), permanece a figura do delinquente, criminoso, perigoso, vagabundo, violento, escroto, lixo humano. Códigos e Estatuto combinam operações de aprisionamento em meio aberto com internações que continuam a forjar uma unidade biográfica criminosa para os jovens internados, que necessitam (segunda a ótica dos técnicos correccionais) de reforma. Esses jovens incorporam o discurso do delinquente, do *menor*, e inflamam as ideologias do crime, que por sua vez reforçam a austeridade da atuação de polícias e milícias nas favelas de São Paulo.

37 É muito comum nas conversas informais entre os jovens e nas conversas com este pesquisador em sala de aula se referir às situações em que se envolveram usando a nomenclatura do código penal, assumindo para si, as caixas fechadas que o código penal tenta (sem sucesso) adequar a situações que homens e mulheres vivem. “Aqui é 157”, “Ah, ai meu quebrada me chamou para meter um B.O. ali na avenida”, ou ainda grafitar nas paredes e livros o apelido (vulgo), o artigo/crime e a data “Brás Latrô Preso: 6.12.10 Hoje: 24.02.12” “Gordão, Grajau, Vila Natal”, entre outras que veremos adiante na pesquisa

3.5 Plano Político Pedagógico 2012

O caráter educativo do ECA orienta que as sanções recebidas de internação, tratamento psicológico, serviços comunitários tenham um caráter educativo na vida do chamado adolescente, rompendo com o caráter punitivo da sanção e redimensionando para características da *proteção integral* destas crianças e adolescentes objetivando a futura cidadania.

No entanto,

A situação-problema nos centros urbanos, caracterizada a partir da sociabilidade autoritária – em que família e escola não conseguem dar conta da formação de futuros cidadãos –, é acrescida por uma nova dimensão. A Justiça, ao não dar conta do que se espera dela enquanto meio para restaurar a sociabilidade perdida, comparece como outro elemento decisivo na formação da sociabilidade autoritária. Julga violentadores e distribui sentenças encarceradoras fundadas na plenitude racional que a lei pretende atingir, sendo incapaz de perceber o óbvio pela obstrução de sua ação pedagógica: não existe cidadão sem infância e juventude. (PASSETII, 1995, p.17).

A Fundação CASA em sua estrutura institucional, somada às chamadas parcerias com a sociedade civil organizada em ONG's, utiliza largamente a importância do setor educativo e da educação na execução das medidas socioeducativas. Segundo o documento da Supervisão da FCASA, os adolescentes internados devem ser colocados como protagonistas da própria história e da sua própria medida socioeducativa (pena). Dentro de uma equação: “a medida deve estar para o adolescente e não o adolescente para a medida.” Para tanto, a diretoria técnica da FCASA agora se subdivide em três superintendências: Saúde, Pedagógica e Segurança.

Para a efetivação desta estratégia (assim define o próprio texto da Supervisão Técnica), cria-se um *modelo de atenção* responsável por elaborar o cotidiano da unidade de internação, em conjunto com parceiros (ONG's), servidores e adolescentes com seus familiares. Dentro do modelo de atenção poderão ser desenvolvidas atividades e metas do Plano Individual de Atendimento (PIA) (ANEXO VI) de cada adolescente internado. Cada unidade de internação (provisória ou não) deve produzir de modo colaborativo um Plano Político Pedagógico para cada biênio, que pode ser modificado e ampliado de acordo com as necessidades dos adolescentes e das FCASA.

Cada PIA é elaborado a partir de um *diagnóstico polidimensional*: questionários, conversas e avaliações aplicados e realizados por cada setor da unidade de internação com o adolescente, que deverão compor um diagnóstico descentralizado e sem a hegemonia dos antigos técnicos psicossociais, alvos de críticas por suas características moralistas e

burocráticas. O conjunto dos PIAs é articulado dentro de uma *Matriz Multiprofissional* (ANEXO VII) que organiza o cotidiano das unidades de internação da hora de tomar banho à quantidade de aulas técnico-culturais. Todo o dia é rigorosamente controlado, esquadrinhado, desenhado, permitido e desaconselhado, carimbado, demarcado, pelos técnicos da pedagogia, da segurança, do psicossocial e da saúde.

Desde quando cheguei aqui nesta fundação eu me encontro todo dia com horas, regras e locais, sendo analisado a cada instante, a cada passo que dou e a cada atitude que eu pratico (N.B. Trabalho de Filosofia).

Bom aqui me encontro mais um dia sobre olhar sanguíneo de um vigia, em busca todos os dias de conquistar minha liberdade, e de maneira torpe busco a compreensão e o respeito para todos que se encontram do meu lado, sendo regado com minhas palavras e atitudes (B.B. 20.06.12 Trabalho de Filosofia).

O PIA é um conjunto de metas de transformação pessoal que é produzido em parceria com o adolescente, tornando-o protagonista da própria medida “buscando que encare a realidade social da forma como essa se apresenta e procurando buscar mecanismos de enfrentar as situações adversas respondendo ao problema de forma satisfatória e não com afastamento das regras.”³⁸ Deste modo as metas são revistas pelos técnicos a cada momento que o jovem consegue, ou não, cumpri-las. Compondo um movimento de múltiplas moldagens modulares que são continuamente remodeladas de acordo com a resposta comportamental dos jovens diante de suas metas, exercendo uma regulação do corpo que não cessa, não para, não interrompe, apenas passa de uma modulação para outra de controle e cerceamento de liberdade do corpo.

Os jovens sempre disputavam seus espaços dentro do cárcere. Queriam também gerir os próprios espaços, o que se chocava com a *matriz multiprofissional* defendida de maneira aguerrida pelos funcionários da unidade, dos mais baixos cargos até a direção da unidade e sua supervisão. Nesta batalha pela gestão do cotidiano, acontecem brigas, espancamentos coletivos (de funcionários e de jovens), greves, revoltas, rebeliões, incêndios, discussões exaltadas e falsas tentativas de diálogo: conversas entre direção e alguns *adolescentes* cercados por grades e mediadas por seguranças.

Depois de um período longo de instabilidade da unidade vila Leopoldina, com revoltas, rebeliões, intervenções da administração (como espancamentos, torturas, chantagens, invasões da ‘tropa de choque’ da Fundação CASA para conter revoltas e fazer revistas), foi

38Documento da Supervisão da Fundação CASA São Paulo. In http://www.pucsp.br/ecopolitica/documentos/penalizacao_a_ceu_aberto/penalizacao.html

nomeado um novo diretor: Juvelino. O Sr. Juvelino, como gostava de ser chamado, tinha reminiscências nos presídios de adultos, fora diretor de alguns deles no interior de São Paulo e carregava um profundo humanismo.

Em sua gestão estabeleceu o PPP2012 (Plano Político Pedagógico de 2012). O modelo de atenção previa uma modulação na sanção dentro de um quadro de progressão de medida socioeducativa, seguindo os seguintes parâmetros:

O trabalho desenvolvido neste modelo socioeducativo de progressão tem por objetivo levar o adolescente a: na fase inicial, ressignificar a identidade, a autoestima, o autoconhecimento e a autoconfiança.

Na fase intermediária, o adolescente é incentivado a construir o “querer ser”, uma visão positiva do futuro, o sentido da vida e o um projeto de vida.

Finalmente, na fase conclusiva, o adolescente é levado a desenvolver autodeterminação, resiliência, autorrealização e plenitude humana **FONTE**

Os *adolescentes* foram divididos em três grandes Alas: A, B, C. Cada ala com uma cor de camiseta diferente, respectivamente, Branca, Azul e Vermelha. Seguindo os seguintes parâmetros, destacados no PPP2012:

MODELO DE PROGRESSÃO

MÉTODOS SOCIOEDUCATIVOS – ALA “C” – FASE INICIAL

Nessa fase, o adolescente deverá desenvolver:

- a identidade: compreender-se e aceitar-se;
- a autoestima: gostar de si próprio, auto aceitar-se;
- o autoconceito: ter uma ideia boa acerca de si mesmo; e
- a autoconfiança: ter estrutura para apoiar-se em sua própria força.

O adolescente dará entrada ao Centro pela ALA “C”, onde deverá permanecer, no mínimo, pelo período de um mês, para que possa ser elaborado o Diagnóstico Polidimensional – caso este não venha pronto do Centro de Atendimento Provisório. O adolescente será acompanhado, divinamente, por sua Equipe de Referência, através da visão apurada de cada um dos seus referências.

Também será trabalhado os métodos e as técnicas socioeducativas (ANEXO VIII) desta fase, fazendo com que o adolescente assimile os conceitos supra citados.

O adolescente ingresso nessa fase também passará por palestras sobre Higiênização Pessoal e DST./AIDS, as quais serão ministradas pelos profissionais do Setor de Saúde.

Para o adolescente progredir à Fase Intermediária, a sua Equipe de Referência fará uma avaliação, onde deverá realizar uma redação, descrevendo a sua pessoa, sua família e como está se sentido no processo socioeducativo. Caso não saiba escrever, seu referente pedagógico o transcreverá aquilo que o adolescente discorrer.

MÉTODOS SOCIOEDUCATIVOS – ALA “B” – FASE INTERMEDIÁRIA

Nessa fase, o adolescente deverá:

- ter visão positiva de futuro: olhar o futuro sem medo;

- ter vontade de querer ser: desejar demasiadamente ser algo na vida (sonho);
- ter projeto de vida: querer algo e saber o que fazer para alcançar; e
- ter sentido da vida: é a linha, o caminho que liga o ser ao querer ser.

Na Fase Intermediária, a equipe deverá trabalhar o adolescente para que o mesmo tenha uma visão positiva de futuro e comece a preparar o seu “Projeto de Vida”, nas áreas: profissional, econômica, religiosa, familiar e outras, pois quando este alcançar as metas instituídas por sua Equipe de Referência, familiares e o próprio adolescente, este deverá apresentar por escrito o seu projeto para progredir para a próxima fase, a conclusiva.

MÉTODOS SOCIOEDUCATIVOS – ALA “A” – FASE CONCLUSIVA

Nessa fase, o adolescente deverá desenvolver:

- a autodeterminação: assumir o controle da sua própria vida;
- a resiliência: resistir à diversidade e utilizá-la para crescer;
- a autorrealização: cada passo na direção do seu projeto; e
- a plenitude humana: encontro do ser com o querer ser.

O adolescente dará entrada nesta fase por meio de avaliação da Equipe de Referência, entretanto, seu desligamento deve ser trabalho em todo o período em que estiver no Centro de Atendimento. É nesta fase que ele terá mais oportunidades, tanto dentro do Centro como também nas saídas externas e observando sempre se o mesmo está dando os passos corretos em direção de seu projeto de vida.

As saídas para atividades externas são, sua maioria, voltadas para esta fase, pois é neste momento em que a Equipe de Referência observa como está a maturidade do adolescente e se este, de fato, não oferece riscos de fugir ou criar situações negativas e se atingiu o nível esperado para chegar ao desligamento (Plano Político Pedagógico 2012 UI Vila Leopoldina: 40-42).

Corriqueiramente, nas avaliações dos técnicos e nas conversas de corredor, identificavam os jovens da ala vermelha – C, como os que ainda são muito indisciplinados e que ainda não compreenderam a medida socioeducativa. São os desordeiros, desobedientes, burros, analfabetos, alheios, e, portanto, passíveis de intervenções mais severas (restrições ao *banho de sol* e aos lugares de convívio coletivo, ficando restritos a suas celas, sala de aula e banheiros) e dignos de benefícios menores durante o cárcere, tais como: corte de cabelo de acordo com a vontade de cada um; chinelos que os familiares possivelmente poderiam trazer; saídas pedagógicas (parques, museus, etc.); cursos realizados fora da unidade; ter voz e ser ouvido para contribuir com construção do ‘PPP’.

A linha que separa os comentários dos mesmos técnicos sobre os jovens das alas B e A era muito tênue, ambas as alas já gozavam de maiores benefícios, como cortes de cabelo do *mundão*, chinelos do *mundão*, saídas para o *mundão*, desfrutavam do mesmo espaço de convívio coletivo, no entanto, com restrições: os da ala A poderiam gozar de mais tempo de sol e esportes, enquanto os da ala B teriam esses tempos reduzidos; os da ala A não eram

obrigados a participar das atividades pedagógicas integralmente, podendo sair das salas de aula quando os professores concordassem (em final de atividades e por decisão conciliável entre jovem e professor).

Os jovens da ala A queriam somente ir embora, o quanto antes. Eram forçados, impulsionados, obrigados a se comportar como exemplares por sua obediência e dita força de vontade para tentar uma vida diferente da vida do crime, como diziam os técnicos da unidade.

Eu não penso em outra coisa a não ser ir embora desse lugar. Todos os dias sonho com minha liberdade. (J. S. - Diário pessoal que me foi entregue como presente).

Os professores da escola formal e os educadores das ONG técnico-culturais serviam como balizadores destas transformações. Eram obrigados a elaborar constantes relatórios sobre o comportamento dos adolescentes dentro de suas atividades pedagógicas apontando se aquele ou esse menino poderia passar de uma ala para outra, progredindo ou regredindo na sua medida socioeducativa (ANEXO VIII).

Na FCASA Leopoldina, professores e professoras eram frequentemente convocados a preencher um *instrumental de avaliação pedagógica*, que nos primeiros anos em que trabalhei na UI, carregava ainda a logomarca da FEBEM (ANEXO IX). Como podemos observar é um documento esquadrinhado, uma tabela, com perguntas prontas sobre o *Desenvolvimento de atitudes, habilidades e interesses* em duas perspectivas: *A – Individual* e *B – em Grupo*. Cabendo aos professores preencher três quadros em resposta a cada pergunta: nunca, às vezes e sempre. Os únicos espaços dissertativos contêm perguntas objetivas: *Curso que frequenta* e *Curso que frequentou*. Esse laudo pedagógico é anexado ao processo que é enviado para o juiz de cada caso.

Os professores sempre reclamaram que os espaços de avaliação pedagógica disponibilizados pelo instrumental eram restritos e antiquados, não cabendo uma análise de fato coerente sobre os jovens.

Em uma das convocações os técnicos-pedagogos apresentaram um novo instrumental (ANEXO X) que parecia estar perdido em meio aos inúmeros papéis que abarrotavam as salas dos técnicos da UI intitulado *Acompanhamento Escolar Registro Trimestral – Fase II*. Uma das primeiras perguntas que surgiu no grupo de professores foi: qual era a fase I? Pergunta que até hoje permanece sem resposta para os professores e, provavelmente, para o técnico-pedagogo, que não demonstrava interesse em mais papéis.

A folha, que ainda era uma tabela esquadrinhada com apenas campos possíveis para o preenchimento, possuía algumas novidades. Primeiro, a logomarca da Fundação CASA. Assim como o Plano Individual de Atendimento (PIA) esse acompanhamento escolar deveria ser modulado e modificado “conforme as necessidades observadas na evolução do aluno”. Cada processo educacional passa por 4 (quatro) fases: *diagnóstico, proposta de trabalho, avanços, alterações necessárias na proposta de trabalho inicial*. Com espaços para o primeiro e segundo semestre, poucas linhas para cada quadro e por fim uma observação do professor. Quando o técnico-pedagogo apresentou o documento instruiu os professores que “as antigas folhas haviam acabado [referindo-se ao instrumental da FEBEM]”, no entanto, algumas haviam sido salvas, e “estas servem de guia para o relatório escrito a mão deste novo instrumental”.

As diretrizes de preenchimento do instrumental demonstram novos operadores do poder: o pensamento pedagógico seguia com bases inalteradas da FEBEM para FCASA, mas produzindo redimensionamentos de um antigo conservadorismo através de premissas socioeducativas e conceitos politicamente corretos da pedagogia.

Os professores da UI, que mantêm muito mais afinidades com os jovens do que com a instituição e seus agentes, permaneceram em silêncio. Quando o técnico-pedagogo deixou a sala que habitualmente utilizávamos para nossas reuniões, conselhos, tarefas, cafezinhos, combinamos fazer uma grande operação que passou a ser a nossa prática como professores da FCASA: elaboramos relatórios fascinantes, apontando para grandes avanços de cada jovem, exaltando suas capacidades de aprendizado e respeito, ratificando que as propostas de trabalho estão completamente adequadas, e que este, aquele e cada adolescente para quem elaborávamos um relatório estava completamente apto para retornar ao meio social e sair da medida de internação. Era uma resistência possível para desinternar os jovens o mais rápido possível.

Passado algum tempo percebemos que nossos relatórios começaram a passar pela suspeição de técnicos com pensamentos mais conservadores, até que um dia, um técnico que tinha afinidades maiores com os professores nos avisou que os nossos relatórios deixaram de ser anexados os processos para os juízes e que serviriam apenas de referência possível para os técnicos enquanto elaboravam os relatórios para os juízes.

Quando atuei como educador da ONG Associação Horizontes, no final de 2012, na UI-Casa Franco, em Franco da Rocha, os adolescentes, sempre que eu saía do convívio depois de realizar a oficina de jardinagem, me pediam:

Senhor, me faz um elogio lá dentro...

Senhor, tá ligado as bicas³⁹, troca uma ideia lá, faz um elogio meu lá tá ligado...

O esquema pedagógico tradicionalmente utilizado pela família, escola, fábrica e prisão que alterna carinhos, carícias, elogios e castigos, broncas, tortura, socos e pontapés é largamente utilizado na FCASA. Na UI Leopoldina, castigos e elogios são previstos estatutariamente em forma de regimento interno e orientados pela supervisão técnica a “aplicar sanções que de fato alcancem ressonância junto a ele [jovem], sem perder o caráter pedagógico. Também, se prevê aplicar elogios (estímulos), quando de ações positivas do adolescente (...) embora tenha participado de ações coletivas receberá intervenção individualizada” (Supervisão da Fundação CASA, S/D, p.30).

Cada jovem para progredir no modelo de atenção da ala C para ala B devia elaborar uma redação (intitulada *meu plano de vida*) que seria apresentada para seus técnicos de referência do psicológico, social, educativo e segurança. Nessas redações constavam sempre temáticas e frases muito parecidas, temas e frases que os jovens sabiam que os técnicos gostariam de ouvir, como: a) abandonar a vida do crime e conquistar um trabalho digno, b) encontrar-se em alguma religião, principalmente a evangélica; c) encontrar a mulher da vida de cada um e formar uma família estável, cuidando do sustento de sua prole.

Ser preso não valeu a pena – a minha vida esta passando pelo um processo de recuperação para a melhora mas esta passando por essa recuperação e ta sendo difícil mas não difícil para mim e sim para minha família quando vem na visita fica jogada na humilhação nesse lugar e la fora com o trabalho com meus irmãos e nisso que eu não fico bem e acabo pensando no que eu fiz para não ta vindo cometer de novo que isso não vale a pena e é por causa disso que eu to aqui mas agora e so seguir enfrente e não aprontar mais isso e trabalhar num lugar sério (W.A.S. rascunho da redação).

Sempre fiquei admirado com a sagacidade dos meus estudantes durante a internação. A solidariedade para a luta contra aqueles que os queriam punir. As redações e entrevistas que eram obrigados a fazer para sair de uma ala inferior eram trocadas e copiados entre eles, as chamadas *ideologias* eram passadas daqueles que já haviam progredido de ala para aqueles que ainda estavam na ala C,

Fessor, se liga nessa ideologia que o menor me passou ali pra redação, vê se tá bom.

Também pediam aos professores com quem tinham mais intimidade para corrigir possíveis erros ortográficos e acrescentar algumas ideologias boas para o texto:

39 É o feminino de bico, que pode ser um policial e um técnico ou técnica da fundação CASA.

Fessor, corrige aqui pra mim a redação pra entrega pros bicos, tá ligado, meu plano de vida.

Riam entre eles quando estávamos fora do olhar dos *agentes de apoio socioeducativos* tirando um sarro das coisas que eram obrigados a escrever para sair da internação. Queriam apenas sair, ver as namoradas, dar umas voltas nas festas, de novo ver o céu. Alguns, ainda adestrados pela ideologia do crime e do PCC, queriam sair pra roubar mais e traficar mais, instaurar o terror, como eles diziam.

Minha madrasta falou no domingo sobre meu sobrinho kelvin e da kemily, ela disse que estão bem atentados, eles estão dando muito trabalho, quando vim preso a kemily nem falava, agora ela já está falando. Eu não vejo a hora de sair daqui para estar do lado deles e sair com eles do jeito que eu saía quando estava no mundão, **eu me arrependo muito do ato que fiz, estou completamente mudado se eu tivesse com a cabeça que eu tenho agora eu não teria vindo parar nesse lugar.** (J.S. Diário pessoal que me foi dado de presente)

E ai, o mundão deve estar estralando, o baile, nossa, varias novinhas, uhhh... Fala ai senhor, conta pá nós como tá mundão? (Constante conversa em sala de aula, dita por vários jovens).

Nossa, lembra aquele baile que nós foi na padroeira [bairro de Osasco]estralado, só o funkão nervoso... Saudade do mundão. (R.L. Constante conversa em sala de aula).

Quando eu sai, não quero nem vê, vou arruma mesmo um 38 e metê o loco na geral. (W.B. Conversa em sala de aula).

Roubaram nosso quartel general e o complexo do alemão é bala na piranha da Dilma sapatão / Nós gostamos da paz mas nunca fugimos a guerra seus policiais seus peidão vocês tudo caga no páu e bala no viado do sergio cabral (funk de anônimo, mas que todos cantavam).

4. TERCEIRO MOVIMENTO: COMO CULTIVAR FUIROS EM MUROS?

A necessidade de inventar outros espaços que favoreçam a produção de conexões inusitadas, que por sua vez possam desobstruir percursos e novas cartografias para um pensar não dogmático são intencionalidades encontradas no pensamento de Costa, 2000; Tótor, 2005; Carvalho, 2014a, 2014b, 2015; Carvalho e Gallo, 2015.

Este movimento se dedica a escavar e cartografar a experiência *horta da vida*. Escavar, amputar a superfície do que se apresenta como totalidade: o chão, o céu, a educação, o menor. Deleuze apresenta por entre as linhas do escrito *Um manifesto do menos* uma operação: “Por operação deve-se entender o movimento da subtração, da amputação, mas já recoberto por um outro movimento, que faz nascer e proliferar algo de inesperado (...)” (DELEUZE, 2010, p. 29). Essa operação, quando pensamos na prática educacional, sobretudo naquela que se pretende desinstitucionalizada, propõe torção, deformação, fricção do que se pretende, ou seja, provoca a emersão de inesperados, acontecimentos, invenções. São essas as linhas de fuga possíveis em variação contínua que podem emergir em uma função-educador (CARVALHO, 2014a), em uma patética-poética, em devir-palhaço na educação (LIMONGELLI e CARVALHO, 2015).

4.1 A função-educador, uma poética-patética e outras aberturas para uma experiência múltipla em educação

A função-educadora interessa-se em experimentar nas fissuras da superfície de um pensamento os acontecimentos como inusitados. Uma experiência do acontecimento em condições improváveis, disparatadas. Nos impensáveis deslocamentos possíveis dos papéis (professor, aluno, caderno, notas, etc.) dentro de um empreendimento de formação se pode, mesmo que por uma rapsódia efêmera, trincar as palavras, ruir os objetos, demolir a forma-sujeito e deslindar, neste percurso infame, múltiplos-vocais, múltiplos-auditivos, múltiplos-motores. Sobretudo naquelas práticas que se pretendem desinstitucionalizadas (CARVALHO, 2014b). Escreve Carvalho:

A função-educador se dispõe a tornar possível outras posições para os sujeitos envolvidos no empreendimento da formação, inclusive para si mesmo. Nela são reexaminados os privilégios dos sujeitos e os elementos condicionantes envolvidos ali. Por meio da relação de apropriação, atribuição e de criação de descontinuidades o educador faz operar funções de libertação de domínios – é preciso enfatizar – a partir de si mesmo. (CARVALHO, 2014a, p.87)

Permitir que cada pessoa soe o ronco de seu estranho poema, permitir que em experimentos de formação de sujeitos se libere da verdade que *objetifica* o sujeito, para uma

atitude de falar franco. Lançar-se em campos de experiências singulares de acontecimentos, diz o autor, “*poderia ser dito que o problema essencial para o educador é o de abrir-se às possibilidades de constituição de novas experiências que saibam interagir com a incalculabilidade das subjetividades que pululam no espaço educativo.*” (CARVALHO, 2014a, p.101).

O palhaço pode ser percebido como um percurso pelo erro e ignorância de cada pessoa. Aberto a ser ridículo diante do mundo e de si mesmo, o palhaço se desapercebe da norma, da castração, da retidão e dos percursos obrigatórios aos quais as pessoas são levadas a servir.

O clown [palhaço] é aquele que "faz fiasco", que fracassa em seu número e, a partir daí, põe o espectador em estado de superioridade. Por esse insucesso, ele desvela sua natureza humana profunda que nos emociona e nos faz rir. Mas não basta fracassar com qualquer coisa, ainda é preciso fracassar naquilo que se sabe fazer, isto é, uma *proeza*. (LECOQ, 2010, p. 216).

Na sociedade dos cartões de ponto, regulamentos, planos de carreira, empreendedorismo de si mesmo, documentos, grades, câmeras de segurança, protocolos, antidepressivos, produtividade em contínuo fluxo, capital internacionalizado e pós-industrial, *reality shows*, comunicação ultrarrápida e ininterrupta: o palhaço vive na bobagem. E esta bobagem, para que não haja equívocos, é a sua maior seriedade na busca da afirmação de uma potência livre, em nome do constante aprendizado de si mesmo, voltado à contraposição da ordem das coisas como são ou devem ser, normativamente.

A bobagem é a maior potência do palhaço. O espaço do não saber, do errar, do desfazer, desconstrução pura: de ideais, normas, modos de vida, certezas. Ele pode não saber, pode para si, pode para o mundo. (SILVEIRA, S/D, p. 3)

Como um desatento e distraído, tropeça na normatividade e erra. O momento do erro é o momento do riso daqueles que o veem, como um reconhecimento de si mesmo no absurdo que é insistir na vida enquadrada-domesticada e a delícia de poder ser bobagem. Em suas peripécias, o palhaço racha a normalidade da ação cotidiana, abrindo-se para o inusitado. Sob seu aspecto risonho, o palhaço é aquele que leva a sério, profundamente a sério, as diretrizes que se coloca e as que lhe são impostas.

Esse caminho percorrido na intensidade de um palhaço faz ruir as estruturas dos regulamentos da vida em seu dia-a-dia. Um corpo do palhaço que borra fronteiras entre o que anuncia e deseja realizar com o que pode e de fato realiza.

O que é enunciado pelo palhaço é apenas um disparador para errar, confundir, perder, tropeçar. O que ele é (um garçom, um grevista, um alto, um gordo, um nadador, um

bailarino...) não o constitui como verdade e sujeito, simplesmente despenca o palhaço em uma situação. A patética-poética desse palhaço pode operar nestes lugares fraturas, fissuras, deslizes, desvios. Esse treino afetivo para dispor-se aos acontecimentos irrisórios é comentado também por Olendzki para a construção de uma poética-patética do palhaço:

Palhaço – atleta afectivo – do poder de afetar e ser afetado, na produção de sentidos múltiplos, em jogo e em relação com outros corpos e forças. (...) Na dilaceração criativa e de multiplicidade da experiência de criação de uma máscara-palhaço. Afrouxamento e colapso da grade identitária e dos valores sobrecodificados onde se colam nossos traços, nomes, rostos, caracteres, predicados e propriedades. (OLENDZKI, S/D, p. 4).

Interessante observar que nesta perspectiva existe um abandono da identidade e dos papéis pré-estabelecidos de uma relação, como nomes, características, rostos. Diferente do personagem e da persona um palhaço não possui unidade biográfica, dramaturgia prévia e lógica linear. Não há uma trama pré-estabelecida a ser desenvolvida para que se realize um movimento interno psicológico do personagem. O palhaço pode ser entendido como um estado em suas características singulares, ritmos, nuance e variações.

É justamente este um dos aspectos mais interessantes para o estudo dos modos de existência. São as possibilidades de um ator, possibilidades desconhecidas ou ainda não criadas por ele, produzidas na experimentação física, no trabalho com as variações de energia, de ações, construídas experimentalmente. E, com o clown, inúmeras possibilidades de relações com outrem, clowns ou não, experimentações com objetos, adereços, produzindo variações em torno de modos de construção de si. (KASPER, 2007, p. 7).

Podemos ver como se entrelaçam aqui uma patética-poética e uma função-educadora. Um educador pode propor novos modos de existência, variabilidades, descontinuidades ao se relacionar com educandos e consigo mesmo. É como se ele encarnasse um devir-palhaço no que faz e para o que faz, justamente porque o palhaço precisa do desconhecido para se alimentar de imprevisibilidades. E talvez, à medida que o educador aceitasse as apostas da imprevisibilidade no seu fazer com as experiências educativas, também aprenderia a potencializar as imprevisibilidades que, sob a rubrica da ordem burocrática do cotidiano escolar, quase sempre são tomadas como indisciplina, bagunça, desvio, falta, desordem, erro, etc.

Não é sem sentido que Jacques Lecoq, em seus estudos, aponta que não existe um *clown* fora do corpo do ator. O palhaço como um possível devir de cada ator/atriz, um devir debruçado sobre o horror de ser humano: uma operação de torção na totalidade *humanidade, ser-homem, o ser, o homem, a arte*.

Nesse sentido, Maria Kasper (2007) desenvolve uma relação entre a palhaçaria e o pensamento desenvolvido por Foucault sobre as possíveis resistências nas sociedades da disciplina. Foucault sugere que as relações consigo-mesmo “*não são relações de identidade; devem ser, antes, relações de diferenciação, de criação, de inovação*” (FOUCAULT, 2004). Talvez, resistir seja criar-a-si-mesmo. Esse percurso singularizado e infame que nos conduz para fora do assujeitamento do qual somos alvo e algoz. Comenta a pesquisadora sobre a criação do *clown*

De processos de subjetivação nos quais aprende-se, experimenta-se variações de si, possibilidades outras, fugindo dos automatismos, dos padrões. O palhaço brinca com isso, tornando visíveis as armadilhas da norma, evidenciando esse jogo. (KASPER, 2007, p. 8)

Confundido com um louco, um maluco, um tonto, um bobo, um tolo, o palhaço posiciona-se neste lugar *menor*. No escrito de Deleuze (2010) ficam distintas duas operações opostas sob os seguintes curiosos termos: *tornar maior* e *minorar*. Tornar maior envolve a seriedade e a estruturação da doutrina, da cultura, da grande História com seus enredos positivistas e evolutivos; envolve também todo o tipo de normalização, uma normopatologização dos afetos, dos gostos, das percepções. Assim Deleuze coloca as coisas: “*de um pensamento se faz doutrina, de um modo de viver se faz uma cultura, de um acontecimento se faz História. Pretende-se assim reconhecer e admirar, mas, de fato, se normaliza.*” (DELEUZE, 2010, p. 37). Maiores são, por exemplo, as línguas nacionais e transnacionais, que comportam em si uma continuidade homogênea e permanente.

Ao contrário, porém, operar no menor, minorar, seria colocar em variação contínua essa língua, como uma gagueira, não da voz, e sim da linguagem e, por conseguinte, de todo modo de ser (estilo de vida) com a linguagem.

Então, operação por operação, cirurgia contra cirurgia, pode-se conceber o inverso: como minorar, como impor um tratamento menor ou de minoração, para liberar devires contra a História, vidas contra a Cultura, pensamentos contra a doutrina, graças ou desgraças contra o dogma. (DELEUZE, 2010, p. 36)

Uma poética-patética do palhaço poderia se compor como processo de minorar o corpo, o trabalho, a norma, a instituição e, por que não, os lugares nos quais e com os quais se aprende: a escola, a sala de aula, mas também os espaços de convivência escolares e não-escolares, os seus cantos e recantos. O encontro do palhaço com o mundo, os objetos, as pessoas, o tempo, o clima, pode provocar uma variabilidade contínua de possibilidades de como se relacionar.

Essa política de afirmação criada pelo palhaço faz surgir as imprevisibilidades, como se o palhaço operasse nesta chave do intempestivo. Eis a farta argumentação de Kasper (2007):

Para se fazer um clown é preciso se fazer um corpo. Não se trata de um corpo dado, mas um corpo produzido nas diversas experimentações que constituem o processo de construção de um clown. (...) A iniciação clownesca torna-se uma experiência de devir-outro, aprendendo a afetar e ser afetado, envolvendo uma atitude de escuta do mundo com o corpo todo, um estado de alerta e ao mesmo tempo de grande entrega e disponibilidade. Nesse sentido, ele extrapola o termo pessoal, pois se trata das ressonâncias dos encontros. Trata-se de algo que ocorre entre o clown e o outro – seja uma laranja, uma pessoa, um vento, uma borboleta que passa. (KASPER, 2007, p. 9).

Se admitirmos que não há procedimento de poder sem suas resistências possíveis, podemos também admitir que a educação, a escola, o aluno, o professor, são termos *maiores*. Aliás, vem de longa data a aspiração por uma emancipação racional, aprendida na escola: tornar-se responsável, tornar-se grande e ajuizado, tornar-se um bom cidadão. Maiores, também, por que desejam ser totais, gerais, homogêneos, históricos: que todos aprendam de modo igual, ajam de modo igual, sejam equivalentes nas atitudes e nos comportamentos, respondam corretamente, aspirem às melhores aspirações inventadas no tecido social em nome da ordem das coisas, etc. Assim, como maiores, podem ser submetidos à dupla operação de amputação e de minoração: subtrair os elementos de poder, de verdade, de linhas molares que a tudo fixa; e torcer, friccionar, atritar, fazer emergir invenções, criações, vidas e devires inusitados, estranhos e errantes, tecer linhas moleculares, linhas loucas a questionar as finalidades interpostas entre modo de ser e territórios para ser.

A função-educador, desenvolvida por Carvalho (2014a), apoia-se no franco-falar – *parrésia* – para desdobrar e disparar um processo de abertura nas práticas educacionais. Entende o autor que *parrésia*

diz respeito à emersão de um tipo de relação específica entre a mestria e a formação, cuja função é a transformação do sujeito, pois numa relação de franco-falar há um transformação do destino da verdade, uma modificação nas pretensões das terminações de forças arranjadas por uma verdade. (CARVALHO, 2014a, p. 96).

Na *parrésia*, com efeito, subverte-se o sentido da verdade, justamente porque se questiona a verdade por um outro tipo de ação, de movimento, de atitude que convocam a franqueza naquilo que está em jogo: o dizer, o fazer, o enunciar, o agir. Consequentemente, o erro, a ignorância, o desvio são possibilidades de criação de novos percursos para as experiências educativas que se pretendem voltar para a transformação do sujeito: verdade de sua singularidade, de seus imprevistos, de seus experimentos subjetivos e de suas afirmações

estéticas; verdades como modo de ser não institucionalizado ou de captura normativa. Trata-se de uma questão ética (da potência), mais do que uma questão moral e moralizante. Essa rachadura possível no que se diz, escuta e vê (e naquilo que não se escuta ou não se quer escutar) pode abrir caminhos na relação entre quem forma e é formado para o múltiplo (múltiplo-vocal, auditivo, escrito), acionando caminhos singulares de cada um para experiências criativas no formar-se a si memo. Como o palhaço o educador se dispõe ao imprevisível para emergir novas possibilidades de ação e relação com sua função.

4.2 Trilhas e rastros para pensar uma educação disruptiva

A produção de espacialidades não esquadrihadas por dispositivos disciplinares, tais como, na escola, filas de carteiras, disposição de salas de aula separadas, homogeneização dos processos de aprendizagem com currículos pré-determinados, horários estipulados para estudo de cada disciplina e possibilidades de distração (o intervalo cronometrado entre aulas), separação por idades, etc. são ressonâncias dos apontamentos de Foucault acerca do maquinário disciplinar materializado na escola. Para existir, como uma obra de arte, arrisca-se à invenção de zonas *heterotópicas*⁴⁰. Regiões transitórias que conjuram forças para criar na situação presente ('aqui e agora') práticas experimentais e desconhecidas para aqueles que a vivenciam. Nos espaços disciplinares os papéis já são conhecidos e esperados: cabe ao professor a manutenção da regra escolar e a transmissão do conhecimento científico-verdadeiro; ao estudante, obedecer e seguir a autoridade professoral, se adequar às normatividades do saber professado.

Tudo parece já estar esperado e pronto para acontecer.

As escolas são ambientes mapeados: as relações interpessoais que cada indivíduo produz com outros são catalogadas, apreciadas, ordenadas e constituem lastro para a produção de políticas participativas. Costa (2000) aponta que mapear envolve reconhecer, portanto, afasta-se diametralmente de criar e inventar. No artigo *Esquizo ou da Educação: Deleuze um educador virtual*, relaciona a condição em que se encontra a educação a um condomínio, conformado pelo pensamento de contiguidade, sociedade com um dono, um senhor. Esse condomínio é necessariamente mapeado com suas regiões (quase) totalmente estriadas. Dentro deste condomínio se segmentam três grandes ordenamentos: a) binários: professor x aluno, aprovado x reprovado, teoria x prática, saber x ignorância, etc. b) circulares: as

40 Foucault, Michael. *Outros espaços – 1984. Ditos e Escritos. Vol.2*. Rio de Janeiro, Ed. Forense Universitária, 2004.

ocupações do aluno, as ocupações da sala de aula, as ocupações dos professores, etc. c) lineares: família-escola-trabalho-casamento-aposentadoria; ensino fundamental-ensino médio-ensino superior, etc. (COSTA, 2000). Essas segmentaridades nos demonstram uma certa produção e que se relaciona com uma certa concepção de produção: a de um educando justo, um cidadão conformado, dócil e produtivo. Combinação essencial para a manutenção da economia capitalista e da democracia representativa.

A alma desse condomínio é animada, diz-se que *desde há muito tempo*, pela concepção de Bom, Divino, Belo e Bem. Por sua vez para conviver neste condomínio é preciso - através de exames, policiamento mútuo de vizinhos, formações permanentes agenciadas por psicopedagogos e métodos socioeducativos – *ser*: ser professor, aluno, diretor, coordenador, ratificados pela alma do condomínio (alma espelhada na imagem do Bom, do Divino, do Belo e do Bem). Incitando um mimetismo, uma repetição, um *assujeitamento por semelhança*, exortando a possibilidade da criação, da inventividade, do diferente como força minoritária e resistente, como, talvez, linhas de fuga.

Trata-se sempre de imitar, de reproduzir, mas não de experimentar. Estranha fórmula, essa, de uma pedagogia que se quer ativa... e que, no entanto, limita a iniciativa e a ação de educadores e educandos ao mero mimetismo. (COSTA, 2000 p.120)

Lançando-se de encontro a essa normatividade estabelecida, aparentemente harmônica e estável, Costa aponta para um *devir esquizo* da educação. Encontrando nos espaços ainda lisos, desse condomínio mapeado e estriado da educação, possibilidades de fluidez e produções moleculares, reclamando a “*Não traçar apenas mapas, mas cartografias dessas multiplicidades que habitam nosso condomínio e a pedagogia que lhe concerne. (...) Elas insistem em promover encontros, combinações inusitadas, misturas, acoplamentos revolucionários que passam ao largo do que desejaria a suprema vontade do síndico.*” (COSTA, 2000: 127).

Tótoro desenvolve em seu pensamento o conceito de pedagogia das sensações que aponta ter extraído dos livros *Francis Bacon – Lógica da sensação* (DELEUZE, 1981) e do livro *O que é filosofia?* (DELEUZE E GUATTARI, 1992). Para a autora,

Uma ética da educação não se afina com os procedimentos da opinião, tampouco da comunicação. Trata-se de um devir, e os devires são sempre minoritários, porque desafiam os códigos e os modelos estabelecidos. Criar não é se comunicar, mas produzir uma outra sensibilidade, tornar visíveis forças invisíveis e inauditas. (TÓTORA, 2005, p.217).

Esse conceito emana, portanto, da sensação como um composto de *afectos* e *perceptos*. *Perceptos* não são apenas percepções. As percepções exigem um sujeito já acabado

e definido em relação a um objeto conhecido e mapeado. As *perceptos* se propõem a fazer emergir e conjurar forças que até então apareciam invisíveis e que desafiam estados vivos (e por isso são ‘reais’). São perceptíveis a outras atribuições dos órgãos, na esteira de Deleuze, por exemplo, no olho se introduz uma nova função que não é somente ótica, mas uma função háptica: um olhar que tateia, toca e apalpa. (DELEUZE E GUATTARI, 1992, p.206).

Os *afectos* não se confundem com sentimentos, que são representações molares dos processos que experimentamos. O *afecto* pode se localizar nas regiões quase intangíveis e zonas de indiscernibilidade entre o homem e o animal (TÓTORA, 2005, p.218). Artistas inventam *afectos* desconhecidos a si mesmos, como uma emergência não humana que constantemente escapa à constituição do sujeito. Possibilidades incessantes da produção de um (e muitos) não-eu.

A sensação, nesta perspectiva, contrapõe-se ao lugar comum, trivial, banal, clichê que se deseja espontâneo. Uma pedagogia das sensações se lança na empreitada, sem métodos rígidos pré-estabelecidos, de produzir espaços de experimentação de gestos, falas, escritas inscritos no desconhecido. As direções se multiplicam e enviam sinais para lateralidades até então não experimentadas. O método é substituído por procedimentos que podem variar a cada nova tentativa, como um jogo entre crianças em que as regras e limites são constantemente refeitos, abandonados e referenciados novamente, de modo livre e investindo na continuação do jogo com prazer.

A hipótese é que o experimento educacional *horta da vida* revolveu e deslocou o posicionamento de uma série de agenciamentos que conectam adolescente em conflito com a lei com: relatórios polidimensionais, programas de atendimento individualizado, aluno da escola pública, infrator, portador de direitos, de anomalias, filho, cidadão, avaliações escolares, namoros, desejos. Durante o seu período de vida, escasso e severamente destruído, a experiência desterritorializou-e-reterritorializou as relações entre familiares, adolescentes, agentes de apoio socioeducativo, policiais, seguranças privados, gestores e técnicos biopsicossociais.

4.3 A *horta da vida*: narrativa seca sobre sua existência

Em 2011, vivíamos em São Paulo e no Mundo sensações diferentes no ar dos movimentos sociais depois das ocupações de ruas e praças, como o Occupy Wall Street, Ocupacion de la Plaza del Sol, Ocupa Sampa, Ocupa Rio, Ocupa Py, entre outros tantos. Constituíram-se novas conexões entre pessoas, instituições, ideias, comidas, acampamentos,

livros, filmes, identidades de gênero provocadas por essas movimentações. Particpei como ativista do movimento em São Paulo, Ocupa Sampa. Uma ocupação do Vale do Anhangabaú que durou 58 noites. Nesta ocasião estive em contato com ativistas, militantes, professores da escola formal e professores universitários e diversas pessoas engajadas em diversas formas de escape, desvio e resistência às capturas das máquinas capitalísticas.

Dentre essas pessoas, uma amiga, ativista e fomentadora de práticas em comunicação não-violenta, a A.T., introduziu-me em experimentos agroecológicos associados com práticas de construção de comunidades autogeridas e autônomas. Essas conversações instigaram uma vontade de realizar algo que ainda não havia alcançado dentro das experiências na Fundação CASA como professor e pessoa. Havia uma vontade de realizar algum tipo de encontro e acontecimento mais intenso com os jovens e com as pessoas que trabalhavam ali na instituição, em que se observasse o céu sem intermédio de grades. Alguma forma de encontrar-se ali a céu aberto. Suspeitava que esse acontecimento poderia fomentar formas de relação que deslocariam os papéis já estabelecidos pela instituição.

Havia iniciado uma sementeira em 2011, com poucos recursos individuais e pouco ou nenhum apoio de professores, técnicos e Direção. Em 2012, comecei uma conversa com professoras, técnicos, seguranças e jovens da Fundação CASA sobre a continuidade e ampliação da sementeira. Um primeiro momento antes de uma horta. As sementeiras existem durante todo o período de um cultivo em horta. Ao mesmo tempo que se está cultivando alimentos na terra, com mudas já criadas, se está também cultivando as sementes na sementeira, para que essas se tornem mudas e sejam transferidas para a horta. Assim, sempre há sementes em cultivo e sempre há mudas em cultivo.

Todos os professores e professoras ficaram muito animados com a ideia de realizar a horta, ao mesmo tempo, ficaram receosos sobre o aceite da Direção da instituição. Estavam acostumados a receber muitos 'nãos' a muitas ideias e vontades de atividades. Eu sabia também que seria difícil para a instituição aceitar que dentro do programa de Sociologia, História, Geografia e Filosofia uma horta tivesse alguma justificativa conceitual. Conhecendo também a rotina da Unidade Vila Leopoldina, sabia que pela manhã a escola formal ocupava todo o horário dos Adolescentes e Funcionários, e pela tarde as atividades se repartiam entre oficinas profissionalizantes e culturais, atividade esportiva, atendimento técnico dentro e fora da Unidade.

Refleti que seria interessante cultivar essas sementes e essas ideias fora do horário da escola formal. Fazer desta atividade como algo fora do currículo e conteúdo. Uma parceria

entre eu, A.T. e a Unidade Vila Leopoldina. Deste modo não precisaria afetar o tempo de aula de outros professores e não precisaria justificar as causas e razões da horta dentro dos meus planos de aula. A sementeira começou a cavar um espaço e tempo que não existia dentro das relações entre instituição, eu, jovens e profissionais da escola e da unidade.

Como a atividade estava em lugar nenhum, fora de todos os projetos ali da unidade, fora das oficinas oferecidas pelas ONGS (Horizontes, CENPEC, Ação Educativa, etc.), fora das atividades oferecidas pela igreja evangélica, pela escola, pela própria unidade, o projeto da horta/sementeira também não possuía recursos para custeá-la. Uma boa maneira que conseguir apoio dos funcionários para realizar a horta era integrando-os em seu embrião. Convidei a todas e todos para contribuir com a vaquinha da horta. Foi uma comoção geral, as pessoas ficaram muito empolgadas. Era como se aquilo fosse movimentar alguma coisa que eles não sabiam o que era, mas era esperada como uma tempestade no sertão.

Quando apresentei o projeto ao Diretor da Unidade, todos os funcionários já estavam comentando sobre o tipo de pimenta que gostariam de plantar, as variedades de manjerição, as mudas que a tia da vizinha iria doar para horta, etc. Foi impossível ele negar o projeto, seria uma medida muito impopular. Aceitou, torcendo o nariz, e negando qualquer envolvimento ou apoio institucional. Eu sabia que havia algumas pás e enxadas guardadas dentro de um depósito mofado na caixa d'água da unidade. Pedi para usar essas ferramentas. Ele nem sabia da existência delas, mas autorizou.

A.T. e eu realizamos as compras preliminares com o dinheiro que conseguimos da vaquinha dos funcionários e professores da Fundação CASA. Alguns quilos de terra adubada com insumo orgânico, algumas sementes de cenoura, manjerição e pimenta, tela plástica trançada semitransparente e uma peneira. Confeccionamos com material encontrado em caçambas e lixeiras uns canteiros pequenos, móveis e baixos para servir de sementeiras.

Os primeiros encontros da Horta foram realizados dentro do convívio. O convívio é o espaço interno da unidade, com salas de aula, pátio, banheiros, refeitórios, alas e dormitórios. Fomos alocados dentro de uma das salas do convívio para nosso primeiro encontro. Todas as sementes, terra, material de trabalho (pás e bastões de madeira), papel, caneta, lápis, etc., foram revistados pela equipe de segurança: sem novidades, entramos com nosso material.

O convite para os jovens foi bem aberto e livre. Anunciei a ideia e perguntei quem estaria interessado em participar e construir essa horta. Alguns se interessaram e outros não. Estávamos vivendo um momento de organização por Alas na unidade. Como anunciei no capítulo anterior. Ala A, os adolescentes com bom comportamento e projeto de vida; Ala B,

os adolescentes em desenvolvimento e construindo um projeto de vida; e Ala C, os adolescentes que ainda não têm um projeto de vida e comportamento indócil às prerrogativas da Fundação CASA. Jovens de diferentes Alas aderiram ao projeto da Horta.

Éramos 27 adolescentes e mais eu e A.T. Juntos somávamos 30% da população de jovens internados. Éramos uma pequena multidão de pessoas mexendo na terra, lendo embalagens de sementes, conversando sobre outras experiências com plantas e observando A.T. comentar sobre como colocar sementes na terra. Foi um encontro muito bom e festivo. Os jovens quando ficavam à vontade nas aulas e neste encontro começavam a cantar e dançar entre uma coisa e outra que se tinha que fazer. Foi uma condução muito fluida sobre como começar a plantar aquelas sementes. Não se tratava na verdade de como plantar as sementes das plantas e sim em como criar nossos vínculos e laços, como plantar a ideia que estávamos desejando realizar.

A conversa aconteceu em torno do tema ‘comida das Mães, Tias e Avós’. Os temperos que elas utilizavam, os aromas, os chás, os unguentos, as bruxarias, etc., além de alguns trabalhos sazonais e informais que alguns haviam realizado em suas histórias capinando mato, arando terra e colhendo frutos.

O segundo encontro e a continuidade do trabalho na sementeira foi realizado três vezes na semana, no contra turno da escola, com duplas de adolescentes. A sementeira foi instalada do lado de fora do convívio, ao lado do prédio da Administração, em um gramado mal cuidado, onde havia uma quantidade de sol interessante para as sementes: sol intenso de manhã com sombreamento à tarde. O Prédio da Administração fica em um setor separado do Prédio do Convívio. O prédio do convívio é cercado por muros em todos os lados. Uma grande caixa retangular de concreto coberta ou por telhas de ferro ou por grades de ferro, cercada por uma outra grande caixa de concreto (os muros), só que sem cobertura. O prédio administrativo é composto por quatro construções: a) prédio central térreo com salas técnicas, sala da direção, banheiros, refeitório para funcionários, cozinha industrial, lavanderia industrial e sala de professores; b) prédio-portaria térreo para carros e pedestres; c) uma cela-solitária térrea separada de todos os prédios para casos emergenciais ou tortura; d) caixa d’água de concreto, uma construção cilíndrica e alta (cerca de 4 andares), em que no térreo havia um depósito para os materiais da horta.

Neste período, estavam acontecendo tensões entre as vontades de governo da instituição e as vontades de poder da ‘visão’ (organização político-discursiva dos jovens). Essa disputa por saber quem se apoderará das técnicas e dispositivos de poder, é jogada

internamente e externamente: a) internamente, com 1) jovens inquirindo jovens sobre a verdade da ‘visão’ e 2) funcionários inquirindo funcionários, sobre a lealdade aos procedimentos e regras de funcionamento da Unidade; b) externamente, 1) jovens inquirindo funcionários, utilizando violência e coação física sobre o que a instituição está organizando como estratégia de dominação e 2) funcionários inquirindo jovens com violência e coação física sobre o que o PCC e a Faxina estão organizando como ataque à instituição. Todos obrigados a falar a verdade por todos os lados sob risco de castigo e premiação, comenta Foucault (2010b):

somos forçados a produzir verdade pelo poder que exige essa verdade e que necessita dela para funcionar, temos de dizer a verdade, somos coagidos, somos condenados a confessar a verdade ou a encontrá-la. O Poder não para de questionar, de nos questionar, não para de inquirir, de registrar; ele institucionaliza a busca da verdade, ele afinal de contas, temos de produzir riquezas, temos que produzir as verdades para produzir riqueza (FOUCAULT, 2010b, p. 22).

A direção anterior, o Sr. Juvelino, citado no texto, necessitava retornar para a Secretaria de Justiça e para o cárcere adulto. Elegeu-se pela superintendência da Fundação CASA outro diretor, Josué Dantas do Nascimento. Um legítimo carreirista! Havia passado por todos os cargos do Setor da Segurança, desde os mais rasos, como agente de apoio socioeducativo - o carcereiro, até supervisão e coordenação da mesma equipe de agentes de apoio socioeducativo. A maioria dos cargos havia exercido dentro da Unidade de Internação Vila Leopoldina. A princípio foi uma grande vitória para a categoria de funcionários, vibraram em ter como chefe e diretor um pária, alguém como eles. Alguém que conhecia a Lei e a Ordem nas suas reentrâncias, alguém que viveu diversos pontos da máquina. Ou que se apodera do saber da Lei e da Ordem para fazer acontecer suas vontades de poder e suas práticas de castigo. Comenta Deleuze e Guattari (2014) sobre:

a lei como pura forma vazia e sem conteúdo, cujo objetivo permanece irreconhecível: a lei não pode, portanto, enunciar-se a não ser em uma sentença, e a sentença não pode se apreender senão em um castigo (DELEUZE e GUATTARI, 2014, p. 81)

Essa tensão, essa disputa pela ordem do discurso, como citamos ao longo do texto inteiro, cria uma série de mesas de negociações sobre horários de banho de sol, proibição e permissão de roupas, cortes de cabelo, comida, cigarro, maconha, cocaína, atividades externas, passeios, atividades extracurriculares, etc.

Neste cenário de negociações e permissões/interdições, foi preciso justificar a continuidade da horta e elaborar um projeto que fomentasse sua discussão pedagógica e

social. A esta exigência, respondi com outra: demandei um espaço ampliado para o cultivo da horta.

Junto com os adolescentes conversamos e expliquei que precisávamos de uma justificativa para continuar plantando naquele chão. Surgiu a ideia de presentear as Mães dos adolescentes com os temperos que eles estavam plantando na Fundação CASA. Essa ideia foi estrondosa e sabíamos que, como diziam eles, ‘com a mãe do outro não se mexe’. Criamos um nome para a horta, já que não havia nenhum: *Horta da Vida*.



41

Ganhar espaços maiores. Ter tempo, ferramentas e recursos humanos para trabalhar. Para criar o canteiro de plantio na foto acima foi preciso dois dias de trabalhos coletivos e horizontais, cada dia com 15 jovens, mais ou menos.

Ao dia 02 de fevereiro de 2012 foi entregue o seguinte projeto e texto para a Direção da Unidade e para a Coordenação Pedagógica:

OBJETIVO

O cultivo da terra trouxe para o homem o aprendizado do tempo e da espera e da compreensão de que para florescer e viver é preciso atravessar diversas etapas na vida, áridas ou abundantes. A

41 Fotografia do arquivo pessoal do pesquisador. O Estatuto da Criança e do Adolescente não permitia fotografar o trabalho em si, acontecendo.

Horta da Vida tem por objetivo conectar o adolescente com esse aprendizado (já que está passando por um momento de transformações em etapas na internação) e ensiná-lo as ferramentas e os caminhos para que possa cultivar suas plantas fora da internação, no seu cotidiano.

MÉTODOLOGIA DE TRABALHO PARA 2012

Para este ano foi pensado por este educador junto à coordenação pedagógica, dois processos simultâneos de trabalho: **A) MANUTENÇÃO PERIÓDICA DA HORTA** e **B) OFICINAS DE PERMACULTURA**.

A) MANUTENÇÃO PERIÓDICA DA HORTA

Para contribuir com o bom andamento dos trabalhos da equipe de segurança e atendendo a sua demanda de tempo colocada em reunião, a manutenção periódica, que é *essencial* para o crescimento e desenvolvimento da horta foi pensada da seguinte maneira: às **segundas-feiras, quartas-feiras e sextas-feiras no período das 11h45 às 12h20** (horário da 6ª aula do ensino formal), seriam retirados **02 adolescentes** (acompanhados do **professor** e do **agente da segurança ou agente educacional**) de forma rotativa para privilegiar todos os educandos envolvidos no processo pedagógico, com lista fixa a ser autorizada previamente pelos departamentos responsáveis (Direção, Segurança e Pedagógico);

B) OFICINAS DE PERMACULTURA

Permacultura é o termo utilizado para exprimir a cultura permanente de um solo ou de um trabalho, assim como o aprendizado sobre suas possibilidades no meio urbano e na atualidade. No retorno das férias escolares fiquei muito contente com a continuação dos trabalhos e a animação por parte de alguns funcionários, tanto do setor pedagógico como da segurança, alguns me requisitando para que retomássemos os trabalhos com o campo novo que está arado e precisa ser tratado.

No entanto, neste momento, precisamos de uma ajuda de *permacultores* que já tenham mais experiência para apreendermos mais e seguirmos adiante, para tanto convidei a *Bióloga e Permacultora A.T.* (R.G.: XXXXXXXX-X SSP-SP) para elaborar **oficinas quinzenais de permacultura** com os adolescentes aos **finais de semana** (especificamente aos sábados) para não atrapalhar o andamento das atividades cotidianas da Unidade Leopoldina.

Seriam **oficinas práticas** – com o **suporte da segurança** para a realização das atividades – para as salas **IIIA e IIIB*** que trabalhariam na horta em **sábados alternados e apenas quinzenalmente**, no período da **tarde**, como escreve o planejamento abaixo:

PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES

Datas: 3, 17, 31 / março; 14, 28 / abril; 12, 26 / maio; 9, 23 / junho; caso os educadores tenham previstos com o indicativo das datas avisarão com uma semana de antecedência.

Horário: 14h00 às 18h00 – com intervalo de 20 minutos as 16h00;

1 – APRESENTAÇÃO E SENSIBILIZAÇÃO;

Local: Bloco C; **Salas:** III A e B.

2 – LEVANTAMENTO DE DADOS: RECURSOS DISPONÍVEIS;

Local: Bloco C; **Salas:** III A e B.

3 – ELABORAÇÃO DO CROQUI/PLANTA DA HORTA;

Local: Bloco C; **Salas:** III A e B.

4 – PREPARO DE SOLO I;

Essa atividade demanda a divisão do local em dois momentos: no primeiro momento, no Bloco C e com os adolescentes das salas III A e B, enao segundo momento na Horta, trazendo os adolescentes em grupos menores de 05 meninos e com o período de 15 minutos.

5 – GERMINAÇÃO;

Local: Bloco C; **Salas:** III A e B.

6 – TRANSPLANTE DE MUDAS;

Local: Bloco C; **Salas:** III A e B.

**a sala IIIA possui 14 alunos e a IIIB 13 alunos;*

Atenciosamente, Professor Rafael Limongelli e A.T.

E, como prometido no projeto, a Lista com os nomes de quais adolescentes participariam da atividade e qual data. Conforme mostra o documento abaixo:

MANUTENÇÃO COTIDIANA DA HORTA

As Segundas e Quartas das 11h45 às 12h35, NÁ SER FEITO EM DUPLAS E ROTATIVO, SONTANDO OS QUE SÁ PARTICIPAVAM DA HORTA COM OS NOVOS PARTICIPANTES.

MARÇO

SEGUNDAS

- 12 ~~11~~ - CRISTIANO APARECIDO e CAOÊ HENRIQUE (I) X
 19 ~~18~~ - DANILO DA SILVA e ~~BRUNO DEO-CRISTON~~ (II)
 26 ~~25~~ - ELVIS ALMEIDA e DIEGO RODRIGUES (III) X

QUARTAS

- 07 - JEFERSON BATISTA e LUCAS CHAVES (IV) X
 14 - JEFERSON SANTANA e MATHEUS RODRIGUES (V) X
 21 - LEONARDO ROBERTO e PEDRO HENRIQUE (VI) X
 28 - MURILO MYLON e WALLACE LIMA (VII) X

ABRIL

SEGUNDAS

- ~~01~~ 02 - RAFAEL ALVES e WANDER KAIKE (VIII) X
~~08~~ 09 - ~~EDUARDO SILVA~~ e WELLINGTON PISSO (IX)
~~15~~ 16 - VINÍCIOS SANTOS e WESLEY WILLIAN (X)
~~22~~ 23 - WESLEY VICENTE e YURI DAS NEVES (XI)
 30 - RODRIGO MENDES e GUILHERME THEODORO (XII)

QUARTAS

- 5 - ~~ANA LUCAS~~ e (XIII)
 12 - DUPLA VII
 19 - DUPLA VI
 26 - DUPLA VIII

MAIO

SEGUNDAS

- 7 - DUPLA VI
 14 - DUPLA IX
 21 - DUPLA V
 28 - DUPLA X

QUARTAS

- 2 - DUPLA IV
 9 - DUPLA XI
 16 - DUPLA III
 23 - DUPLA XII
 30 - DUPLA II

Atenciosamente,
 PROFESSOR RAFAEL
 04.03.2012.

Estávamos vivendo um movimento de *estriamento* pela instituição. Até esse momento, andávamos pela informalidade e fora dos procedimentos formais para se atravessar os espaços dentro da Fundação CASA. Vivíamos um processo de *alisamento* e de criação de espaço liso. Sobre liso e estriado:

O espaço liso e o espaço estriado, - o espaço nômade e o espaço sedentário, - o espaço onde se desenvolve a máquina de guerra e o espaço instituído pelo aparelho de Estado, - não são da mesma natureza (...) o espaço liso não para de ser traduzido, transvertido num espaço estriado; o espaço estriado é constantemente revertido, devolvido a um espaço liso (DELEUZE e GUATTARI, 2012a, p. 192).

A *horta da vida* passou a fazer parte das estruturas pedagógicas e a ter um procedimento normalizado de tempo de fruição, quantidade de adolescentes, quantidade de visitas semanais à *horta*, etc., como pudemos ler no projeto mencionado acima. O aparelho de Estado estriando e domesticando uma prática que deslizava entre as normativas da instituição. No entanto, esses processos não são nunca definitivos, o estriado é entregue novamente ao liso. Comentam os autores:

Nunca nada se acaba: a maneira pela qual um espaço se deixa estriar, mas também a maneira pela qual um espaço estriado restitui o liso, com valores, alcances e signos eventualmente muito diferentes. (DELEUZE e GUATTARI, 2012a, p. 198).

Enquanto as atividades extracurriculares eram dedicadas apenas aos adolescentes da Ala A ou Ala B, para a *horta da vida* participavam adolescentes de todas as Alas, inclusive da Ala C. Deste modo, a *horta da vida* desterritorializou essa codificação atribuída aos jovens, entre Ala A, B e C, ou, Jovens com Bom Comportamento (A), Jovens com Comportamento Mediano (B) e Jovens Sem Comportamento Adequado (C).

Vivemos um período de expansão das fronteiras da horta de fevereiro até junho. Comecei a organizar alguns mutirões de trabalho, com 10 adolescentes, às vezes, 15 adolescentes, na horta. O terreno ocupado pela horta na foto acima ampliou-se 10 vezes. Criamos grandes canteiros de cultivo.

Para criar esses canteiros foi preciso arrancar muitas gramíneas e pedras.

Gramínea é uma espécie de planta, popularmente conhecida como grama. Ela se espalha e ramifica por todos os lugares, sem muito centro, sem muita raiz. Para cultivar a terra que tínhamos, esse comportamento da gramínea é muito nocivo para outras espécies. Deste modo, impedimos que as gramíneas se espalhassem pelo canteiro de plantio. Havia também muitas pedras. O terreno onde foi construída a FCASA (ANEXO I) está localizado ao lado da Marginal Tietê e fica entre 3 linhas de trem CPTM que se cruzam. É um território com extrema ocupação tópica e cenário de diversas obras (marginais, reformas, CPTM, etc.).

Combinamos que a cada vez que uma dupla fosse para a horta deixaria um registro escrito em um caderno (ANEXO XI). Assim teríamos um registro no tempo, para saber do tempo de crescimento das plantas e também ajudaria a guiar o que a dupla seguinte precisaria fazer, para não precisar refazer trabalhos já feitos por outros. Podiam também escrever as impressões e outras coisas que se quisessem; qualquer coisa que lhes viesse à mente.

De fevereiro até junho as idas para a *horta* eram muito prazerosas. Em alguns dias trabalhávamos muito na terra, limpávamos bem o terreno, retirávamos as gramíneas, as pedras. Com as pedras arrancadas construímos caminhos entre um canteiro e outro. Dias de muito suor. Outros dias, íamos para a *horta* para conversar, sentávamos em frente a ela, na sombra da caixa d'água, e conversávamos. Sobre qualquer coisa, sobre tudo, sobre nada. Havia ali um espaço em que eu e eles não éramos mais professor e alunos, éramos uma outra relação. Podíamos olhar para o céu e não havia grades.

Em alguns desses encontros os funcionários terceirizados de segurança (Empresa Albatroz) também passavam alguns momentos sentados em frente à *horta*. Iam, sentavam-se, ficavam às vezes em silêncio, às vezes comentavam sobre alguma espécie que crescia ali em nossa horta. Um tipo de aproximação aos jovens não concebível dentro das funções de segurança patrimonial⁴².

A *horta* passou a ser um lugar de convívio na Unidade. Mesmo quando não havia ali jovens trabalhando na terra, havia funcionários técnicos e administrativos. Às vezes descansando na sombra da caixa d'água, às vezes colhendo alguma salada e tempero, às vezes, apenas estando ali. Havia alguma força em estar apenas ali em meio àquela quantidade interminável de concreto e pedra.

Hoje graças a deus eu podi sair la pra fora na horta e podi respirar um ar diferente (...) eu nunca tive contato com uma horta e isso foi diferente (W.V.)

Há sensação de olhar o ceu sem grade foi muito bom e sentir o cheiro das folhas verdes (L.C.)

Olhando o céu me senti tando lá fora. (M.)

É sempre bom sair da rotina e respirar um ar puro (V.S.)

42 A segurança patrimonial, *Albatroz*, é responsável pelos portões e gaiolas. Eles não entram muito em contato com os jovens internados, não são responsáveis por negociações ou relatórios. São executores dessas funções de portão e portas.

Foi a primeira vez que voltei na horta depois que ajudei a plantar, cresceram estão forte e já estão dando frutos, o tomate por exemplo (W.W.)

Gostei de ter ido na horta, essa foi uma experiência boa para mim, coloquei até palha na terra (L.R)

Passaram a ser frequentes os momentos em que saía com os adolescentes para ir a *horta* e quando lá chegávamos encontrávamos o psicólogo que lhes atendia, ou o médico que lhes receitava remédio, ou a assistente social que lhes garantia documentação e registro, ou o segurança que lhe agredia e xingava. Eram situações completamente novas para todos os lados: os adolescentes chegavam até a horta sem algemas, sem horário marcado, sem um formulário técnico que orientasse a conversa entre técnicos e jovens. Algumas outras conversas passaram a acontecer: futebol, céu, as plantas, comida, o dia, o clima, a roupa, o calor, o frio, etc.

Em meados de junho começamos a incentivar as pessoas, funcionários, jovens, amigos, a levar mudas para a horta. A mãe de um adolescente internado ficou muito interessada em doar algumas mudas para horta, mas não havia como as trazer pois morava muito longe e não possuía carro para transportar tanta coisa. Era a mãe do Alicate. O Alicate era um menino baixinho, negro e muito engraçado. Bem falastrão e cheio das sagacidades para conversar sobre qualquer coisa. Chamavam-no de Alicate pois ele tinha uma deformidade em uma das mãos: havia nascido com menos dedos e os que nasceram tinham a forma de um alicate.

Algumas mães levaram ramos de boldo, pezinhos de manjerição e essa Mãe prometeu levar as bruxarias e as plantas medicinais. Combinamos um horário e uma data e fui até sua casa. Ficava próxima à represa Billings (zona sul de São Paulo). Lugar muito simples. Sua casa era pequena, mas seu quintal e sua *horta* eram enormes. Diversas plantas, árvores, trepadeiras, temperos, chás, etc. Tudo ali com um nome e uma função pra alguma coisa (dor de cabeça, de garganta, de dente, de ovário, de rim, de barriga...).

Ao final da visita, ela me trouxe um CD com a discografia completa dos Racionais MC's; disse que era um presente do Alicate que, quando soube que eu iria até sua casa, pediu que me entregasse isso. Saí da casa dela e dele com duas caixas de terra com mudas e esse CD.

Voltamos para a *horta* e era próximo já do período de férias escolares, final de junho. As mudas foram em sua maioria transplantadas. Saímos de férias, todos os professores e deixamos a *horta* aos cuidados dos funcionários da FCASA.

Ao voltarmos depois de quase um mês de férias o cenário da unidade estava mais conturbado. O período de férias é sempre complicado para as gestões das unidades. Nestes períodos, parceiros como a Escola Regular e ONGs se afastam do trabalho e fica mais difícil para a Direção das unidades ou para os Pilotos da Faxina manter os adolescentes ocupados e como diziam tanto adolescentes como funcionários ‘mente vazia, oficina do diabo’.

Haviam acontecido alguns conflitos que não eram claros para os professores. Os detalhes nunca foram disponibilizados. Alguns jovens foram rebaixados da Ala A para Ala B e outros da Ala B para Ala C. Havia um adolescente na cela solitária, bem próximo à *horta*. De agosto em diante só poderiam participar do projeto da *horta da vida* os adolescentes da Ala A, como forma de premiação pelo bom comportamento na FCASA. Essa mudança foi muito cruel para muitos jovens que estavam muito envolvidos com o processo de cultivo das relações e da horta.

Seguimos trabalhando.

As tensões entre adolescentes e funcionários acirravam a cada dia mais no cotidiano da unidade. Pequenas discussões. Alguns gritos. Algumas ‘capas estraladas’.

Um dia, estava em uma aula de Sociologia quando um agente de apoio socioeducativo invadiu a sala de aula, aos berros, e se atirou em cima de um adolescente. Começou um empurra-empurra. Eu, sem muita reflexão, me atirei no meio dos dois e pedi calma e exigi a retirada do agente de apoio socioeducativo da minha sala de aula, imediatamente. O agente de apoio socioeducativo respondeu com xingamentos e ameaças a mim, ao que eu também respondi com xingamentos e ameaças. Um tumulto se configurou em torno de nós dois. Adolescentes se amontoaram em volta dos dois. Quando o agente percebeu que o humor dos adolescentes estava ficando cada vez mais sanguíneo e ele estava com pouco apoio no pátio interno, ele escapou por uma grade (da qual ele possuía a chave).

Os jovens ficaram possessos e começaram um processo de rebelião. Pediram que nós professores saíssemos da Unidade imediatamente e iniciaram uma rebelião que durou 7 dias.

Durante esses 7 dias, qualquer professor foi impedido de entrar na FCASA.

Tudo foi televisionado.

No 7º dia, a Tropa de Choque mais o Grupo de Operações Especiais da Polícia Militar encerraram a rebelião. No fim da tarde do mesmo dia **a** Superintendente da FCASA, junto com os comandantes da PM, estavam dando declarações de que a situação havia sido normalizada.

Quando retornamos para o trabalho na FCASA, só tínhamos acesso ao prédio administrativo. Recebemos orientações de corrigir trabalhos e provas até que se pudesse retornar para o convívio. Não poderíamos ter contato com nenhum adolescente e não havia estrutura para se ministrarem aulas também.

A *horta da vida* foi soterrada com os entulhos retirados de dentro da unidade: placas de ferro amarela, grades, cadeiras de sala de aula, concreto dos muros, pedras, telhas, colchões e roupas queimados, etc.

Passamos mais alguns dias ali no prédio administrativo. Pouco antes (menos de um mês) do final do ano letivo fomos dispensados das nossas funções e ampliaram nossas férias. Antes disso, como de costume em cada fim de ano, os professores são avaliados pela FCASA. Essa avaliação aborda características técnicas, assiduidade e ética. Caso um professor não se enquadre nos perfis da FCASA ele fica indeferido de lecionar no ano seguinte naquela Unidade.

Fui convidado a me apresentar na sala da Direção, acompanhado da Coordenação Pedagógica e da Coordenação de Segurança. Minha avaliação teve péssimas pontuações na característica ética. Fui avisado que no ano seguinte seria encaminhada uma carta de indeferimento para Secretaria Estadual de Educação (ANEXO V), impedindo que eu continuasse lecionando na FCASA Vila Leopoldina. Ao dar essa notícia o Diretor da Unidade sorria sadicamente e no final da conversa, ao apertar a minha mão, disse: “Faz três anos que eu gostaria de fazer isso, finalmente, eu posso!”

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: SOTERRAMENTOS, RAÍZES E RAMIFICAÇÕES

Senhoras e senhores, olhai-nos.
 Repensem a tarefa de pensar o mundo.
 E quando a noite vem
 Vem a contrafacção dos nossos rostos
 Rosto perigoso, rosto-pensamento
 Sobre os vossos atos.
 (Hilst, Hilda. In Poemas aos homens do nosso tempo.)

Vivemos um tempo de rostos dóceis, conhecidos e seriados. Série indigente, série trabalhador, série dona de casa, série delinquente, série policial, série evangélico, série engajada, etc. Os rostos são todos cadastrados e incentivados a se publicar, diversas formas de uma pangrafia dos sujeitos, atualizada e ampliada: além dos formulários das escolas, hospitais, carteiras de documento, hospícios e prisões; atualizamos essa necessidade de declarar o rosto de nós mesmos nas redes sociais, nas fotos de tipo selfie, bancos de dados de megastores, locadoras de vídeos, carros, hotéis, etc. O sem rosto, o não identificável, o não codificado, são ameaças, escapes, fugas, experimentações indesejáveis e, ao mesmo tempo, pululantes.

Deleuze e Guattari (2012b) pensam as molaridades, linhas duras e segmentadas, operando em conjugação e, ao mesmo tempo, em conexão com fluxos de quanta, moleculares. Campo possível para linhas de fuga inventarem caminhos inusitados em variação contínua. Comentam essa relação:

As fugas e os movimentos moleculares não seriam nada se não repassassem pelas organizações molares e não remanejasse seus segmentos, suas distribuições binárias de sexos, de classes, de partidos. (DELEUZE e GUATTARI, 2012b, p. 104).

Carvalho (2014a) aponta para uma paisagem em que o educador, na *função-educador*, pode inventar um lugar para realizar suas práticas. Essa invenção conecta as posições e funções já constituídas pela escola de forma molecular e inaugura possibilidades de fuga e escape. Comenta:

A função-educador pode ser pensada como um tipo singular de posição de um sujeito no interior de uma sociedade, relacionando-se direta e indiretamente com determinados dispositivos, táticas e estratégias de poder-saber, que fazem circular um conjunto de verdades. (CARVALHO, 2014a, p.80)

Gallo (2015) pensa a escola para além da sombra da vigilância, além do vigiar e punir. Faz esforços em colocar a possibilidade das *heterotopias* no ambiente escolar. Espaço e tempo heterotópicos. Ao observar a experiência *Horta da Vida* na Fundação CASA, pode-se

afirmar que ela constitui uma experiência *heterotópica*, uma prática criando um *fora* estando *dentro*. O autor comenta essa relação espacial com as heterotopias:

Foucault começa por colocar a questão do espaço e os modos pelos quais nós os vivemos. Faz uma distinção entre o espaço do ‘dentro’ e o espaço do ‘fora’; o primeiro é o espaço em que vivemos, o outro é o espaço que não vivemos. (GALLO, 2015, p. 439).

As utopias são espaços outros, mas da ordem do irreal. São posicionamentos sem lugar real (FOUCAULT, 2001, p.414). Já as heterotopias acontecem em lugares reais, precisam estar aí para existir, são espaços outros que se constituem no agora. São bolsões de fora que se criam dentro do dentro. Um alisamento de um território estriado. Comentam os autores sobre liso e estriado em relação à música.

Para voltar a oposição simples, o estriado é o que entrecruza fixos e variáveis, ordena e faz sucederem-se formar distintas, organiza as linhas melódicas horizontais e os planos harmônicos verticais. O liso é a variação contínua, é o desenvolvimento contínuo da forma, é a fusão da harmonia e da melodia em favor de um desprendimento de valores propriamente rítmicos, o puro traçado de uma diagonal através da vertical e horizontal. (DELEUZE e GUATTARI, 2012a, p.197)

Um efeito próximo ao que Deleuze chamou de gagueira em relação à linguagem e que produz:

É o que acontece quando a gagueira já não incide sobre palavras preexistentes, mas ela própria introduz as palavras que ela afeta; estas já não existem separadas da gagueira que as seleciona e as liga por conta própria. (...) Uma linguagem afetiva, intensiva, e não mais uma afecção daquele que fala. (DELEUZE, 2011, p. 138)

Uma espécie de uso menor da linguagem, de uso menor da prática educacional, da oportunidade do encontro. Também comentado em relação a Kafka por Deleuze e Guattari (2014):

Servir-se do polilinguismo em sua própria língua, fazer desta um uso menor ou intensivo, opor o caráter oprimido dessa língua a seu caráter opressivo, achar os pontos de não cultura e de subdesenvolvimento, as zonas de terceiro mundo linguísticas por onde uma língua escapa, um animal se enxerta, um agenciamento se instala. (DELEUZE E GUATTARI, 2014, p. 53).

Se as atividades desenvolvidas pelos professores dentro da FCASA, como observado e demonstrado ao longo do trabalho, servem a um Diagnóstico Polidimensional que determina um Plano Individual de Atendimento (ANEXO X), que por sua vez respalda a decisão judicial de manutenção ou extinção da pena, essas atividades fazem parte do polo de poder da instituição. Um polo de poder que funciona mais como uma caixa de ressonância que faz *conjurar* os fluxos e linhas segmentárias do atendimento socioeducativo. Sejam essas atividades promovidas por ideias socialistas, neoliberais ou tecnicistas, todas acionam parte

do dispositivo de reintegração, reinserção, reprogramação, reterritorialização, recodificação das crianças e adolescentes.

Poderíamos colocar a experiência da *horta da vida* como produtora de linhas de fuga nas relações entre os sujeitos deste campo; poderíamos analisar a experiência como parte de um fluxo *quanta* da máquina Fundação CASA.

Eis como se poderia distinguir a linha de segmentos e o fluxo de *quanta*. Um fluxo mutante implica sempre algo que tende a escapar aos códigos não sendo, pois, capturado, e a evadir-se dos códigos, quando capturado; e os *quanta* são precisamente signos ou graus de desterritorialização no fluxo descodificado. Ao contrário, a linha dura implica um sobrecodificação que substitui os códigos desgastados e os segmentos são como que reterritorializações na linha sobrecodificante ou sobrecodificada. (DELEUZE E GUATTARI, 2012b, p. 108).

Para além de conteúdos programáticos da escola regular e conhecimentos da agroecologia, estávamos mais interessados na constituição de nós mesmos, não como identidades, mas como uma maneira de estar no mundo, consigo e com os outros. Em ressonância ao pensamento de Foucault sobre a constituição de subjetividades “*uma ética de si, a possibilidade de ações pedagógicas como subjetivação, constituição de si mesmo.*” (GALLO, 2015, p. 435). Diferente da constituição de indivíduos, que “*em termos disciplinares, os indivíduos são preparados para se ajustar às funções sociais excludentes, mas que os inclui no rol dessas mesmas categorias excludentes.*” (CARVALHO, 2014b, p.196). A identidade é fruto do poder disciplinar que com as casernas, escolas, famílias, hospitais, prisões, fábricas, transformou cada um em um procedimento de individuação.

A horta da vida foi soterrada.

Novamente transformada em chão.

Uma sobrecodificação de um fluxo de *quanta*, que compõe as conjugações deste aparelho de Estado, a Fundação CASA. Suas reverberações e ressonâncias se prolongaram pelo ar até a escrita deste texto. A potência do encontro acontecido naquele período proporcionou as reflexões, análises, observações, memórias traçadas neste escrito.

Penso que a *horta da vida* operou uma amputação (DELEUZE, 2010, p.29) na superfície do pensável das ações pedagógicas e políticas na Fundação CASA Vila Leopoldina. Conexões inusitadas foram traçadas dentro da dinâmica esquadrinhada dos Planos de Atendimento Individuais (ANEXO VI) e da Matriz Multiprofissional (ANEXO VII). Sobretudo, inaugurou lugares ainda não povoados para os educadores, seguranças, técnicos e jovens experimentarem outro tipo de sociabilidade, uma sociabilidade outra.

Provocar e promover ações no espaço educacional que fomentem uma constituição de si como potência de invenção e criação em tensão com o assujeitamento dos processos de constituição de um sujeito subjetivado. Carvalho (2014a) questiona como descontinuar se sujeito já é um ser aí na história? E investiga a possibilidade de

Pensar como, no lugar do sujeito ser objetivado a partir de forças postas para a sua constituição, para a formação de sua subjetividade, ele poderia, ao contrário, tomar o seu próprio ser como transformação constituída a partir de si mesmo, sob o horizonte de outras ligações de forças. (CARVALHO, 2014a, p. 112).

A possibilidade de um *devoir palhaço* e uma poética-patética na educação (LIMONGELLI e CARVALHO, 2015) é uma tentativa de investigação para fomentar essas possibilidades de desvio em experiências educacionais. O palhaço é uma força aberta ao erro e produtora de deslizamentos e descontinuidades. Essa operação pode ser cultivada, por treinos afetivos (OLENDZKI, S/D, p. 4) e por variadas experiências de criação. Comenta Carvalho (2014a):

A criação é um constante macular no sujeito constituído para desconstituí-lo e novamente abrir outra constituição, não de reposição, mas de efetivação, cuja potência é elevada ao infinito; abertura plena para novas experiências: sujeito-educador ontogênese vinda-a-ser. (CARVALHO, 2014a, p. 115).

Em suma, esse texto é uma tentativa de colaborar para a invenção de novas conexões desvairadas dentro do edifício tão sólido e solidificado das práticas educativas e da filosofia da educação. No mais, é uma estranha canção ouvida de passagem cantada por passarinhos menores em constante migração para qualquer lugar.

6. REFERÊNCIAS

- AUGUSTO, Acácio. Política e Polícia. Cuidados, controles e penalizações de jovens. Ed. Lamparina, Rio de Janeiro, 2013.
- CARVALHO, Alexandre Filordi de. *Foucault e a função-educador*. São Paulo, Ed.Unijui: 2014a.
- _____. *Foucault e a crítica à institucionalização da educação: implicações para as artes de governo*. Revista Pro-Posições, vol. 25, n.2, pg. 103-120. 2014b.
- CARVALHO, Alexandre Filordi de. E GALLO, Silvio (org.). *Repensar educação: 40 anos depois de vigiar e punir*. São Paulo, Ed. Da Física, 2015.
- COSTA, S. S. G. Esquizo ou da educação: Deleuze educador virtual. In D. Lins (Org.), *Nietzsche e Deleuze: Intensidade e paixão* (pp.117-132). Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- DELEUZE, Gilles. *Francis Bacon: Logique de la sensation*. Paris, aux éditions de la difference, 1981.
- _____. *Post-scriptum sobre as sociedades de controle*. In Conversações, 1972-1990. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo, Ed. 34, 1992.
- _____. *Sobre teatro: um manifesto do menos; o esgotado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- _____. *Crítica e Clínica*. São Paulo, Editora 34: 2011.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* São Paulo, Editora 34: 1992.
- _____. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia Vol. 5*. São Paulo, Editora 34: 2012a.
- _____. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia Vol. 3*. São Paulo: Editora 34, 2012b.
- _____. *KAFKA, por uma literatura menor*. Belo horizonte, Autentica: 2014.
- FOUCAULT, Michel. *Nietzsche, a genealogia, a história*. in Microfísica do Poder. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1979.
- _____. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*, tradução de Maria Thereza da Costa Abulquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.
- _____. *A ordem do discurso. Aula inaugural do curso no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Ed. Loyola, 5ª Ed, São Paulo, 1999.
- _____. *Outros espaços*. In. *Ditos e Escritos – III*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2004.

_____. *Vigiar e Punir: nascimento das prisões*. Tradução de Raquel Ramallete. 38. Ed. Petrópolis : Vozes, 2010a.

_____. *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)*. 2ª ed. WMF Martins Fontes, São Paulo, 2010b.

GALLO, Silvio. *Pensar a escola com Foucault: além da sombra da vigilância*. In CARVALHO, Alexandre Filordi de. E GALLO, Silvio (org.). *Repensar educação: 40 anos depois de vigiar e punir*. São Paulo, Ed. Da Física, 2015.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Vozes, 12ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

HILST, Hilda. *Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão*. Ed. Globo, Rio de Janeiro, 1974.

HULSMAN, Louk. *Alternativas à justiça criminal*. In PASSETTI, Edson (org.). *Curso livre de Abolicionismo Penal*. Ed. Revan. São Paulo, 2004.

Hypomnemata 45 - Boletim eletrônico mensal do Nu-Sol - Núcleo de Sociabilidade Libertária do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP , janeiro de 2004 (<http://www.nu-sol.org/hypomnemata/boletim.php?idhypom=54>)

KASPER, Kátia Maria. *Entre educação, filosofia e arte clownesca*. GEPEF, 2007. <<http://www.gepef.pro.br/EGEPEF/TRABALHOS%20EGEPEF%202007/helio/Microsoft%20Word%20-%20artigo%20katia.pdf>>

KASTRUP, Virgínia. *O Funcionamento da Atenção do Trabalho do Cartógrafo*. Publicado na Revista Psicologia & Sociedade (UFRJ); 19, jan/abril, 2007.

KASTRUP, Virgínia e BARROS, Regina Benevides de. *Movimentos-funções do dispositivos na Cartografia*. In. PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (org.). *Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre, Sulina: 2015.

LECOQ, Jaques. *O corpo poético: uma pedagogia da criação teatral*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo: Edições SESC SP, 2010.

LIMONGELLI, Rafael e CARVALHO, Alexandre Filorde de. *Sobre infames – educadores e palhaços*. Revista TEXTURA, v.17, n.34, maio/agosto, 2015.

OLENDZKI, Luciane de Campos. *O Trágico e o Clown: por uma poética patética de afirmação de vida*. S/D.

<<http://www.portalabrace.org/vicongresso/territorios/Luciane%20Olendzki%20-%20O%20Tr%20e%20o%20Clown.pdf>>

OLIVEIRA, Salete. *Notas para abolição dos campos de concentração e extermínio*. Verve n.7, Revista do Nu-Sol - Núcleo de Sociabilidade Libertária do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. 2005.

RACIONAIS, MCs. *Tá na chuva*. São Paulo, 2009. 1 CD. Faixa 07.

SILVEIRA, Eduardo. *A escrita soberana de um palhaço*. S/D. <<http://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/viewFile/4/4> >

PASSETTI, Edson. Política Nacional do Bem-Estar do Menor. PUC –SP. 1982. Dissertação de Mestrado.

_____. *O que é menor?*. Brasiliense. São Paulo, Brasiliense, 1987.

_____. (Coordenador). *Violentados: crianças, adolescentes e justiça*. São Paulo, Ed. Imaginário, 1995.

TRAGTENBERG, Maurício. *Sobre educação, política e sindicalismo*. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

TÓTORA, Silvana. Uma pedagogia das sensações. In: Tótora, Silvana; Ottaviani, Edécio (Orgs.). *Educação e extensão universitária: Foco Vestibular – um experimento da diferença*. São Paulo: Ed. Paulinas; Educ, 2005: 215-227.

Documentos

Plano Político Pedagógico 2012 – CASA Leopoldina.

Documento da Supervisão da Fundação CASA São Paulo. In http://www.pucsp.br/ecopolitica/documentos/penalizacao_a_ceu_aberto/penalizacao.html (consultado 13/11/2015).

Estatuto da Criança e do Adolescente, 1990. (http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm última consulta em 19/11/2013).

Levantamento Nacional do Atendimento Socioeducativo ao Adolescente em conflito com a Lei 2011, <http://www.defensoria.sp.gov.br/dpesp/Repositorio/33/Documentos/LEVANTAMENTO%20ANUAL%20OFICIAL%202010.pdf> (consultado 13/11/2015)

Levantamento Nacional do Atendimento Socioeducativo ao Adolescente em conflito com a Lei 2011, <http://www.anajure.org.br/wp-content/uploads/2013/04/LEVANTAMENTO-NACIONAL-2011.pdf>

SINASE (Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo) (<http://www.conselhodacrianca.al.gov.br/sala-de-imprensa/publicacoes/sinase.pdf> consultado dia 17/08/2015)

Cadernos e Diários de Pesquisa

Anotações livres do autor em diários pessoais.

Anotações livres de jovens em diários pessoais que foram dados ao pesquisador como presente.

Cartas enviadas para o pesquisador.

Cadernos, trabalhos, desenhos, poemas, escritos, histórias dos jovens que foram entregues ao pesquisador como presente.

Sites

<http://passapalavra.info/2011/11/47896> (consultado em 11/08/2015).

<http://doutorkim.com.br/> (consultado dia 11/08/2015).

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112594.htm (consultado em 17/08/2015).

7. ANEXOS

ANEXO I – Levantamento Planialtimétrico (**PPP2012**).

ANEXO II – Planta do prédio administrativo da FCASA Leopoldina (Idem).

ANEXO III – Planta baixa do primeiro andar do convívio da FCASA Leopoldina (Idem).

ANEXO IV – Planta lateral do primeiro andar do convívio da FCASA Leopoldina (Idem).

ANEXO V – Minha carta de indeferimento para continuar lecionando na FCASA.

ANEXO VI – Plano de atendimento individualizado, FCASA.

ANEXO VII - Matriz Multiprofissional (Idem).

ANEXO VIII – Versão impressa pelo PPP2012 do quadro de programação de medida adotado na FCASA em 2012.

ANEXO IX – Instrumental pedagógico da FEBEM (Idem).

ANEXO X - Instrumental pedagógico da FCASA (Idem).

ANEXO XI – Caderno de anotações da *Horta da Vida*.

ANEXO I

LEVANTAMENTO PLANIALTIMÉTRICO

FOLHA

06/06

ASSUNTO : CONSTRUÇÃO DE UMA UNIDADE DE INTERNAÇÃO - FEBEM

PROPRIETARIO : FUNDAÇÃO DO BEM ESTAR DO MENOR
FEBEM/SP
MANSUETO HENRIQUE LUNARDI
VICE PRESIDENTE

CAT. USO : nR3

ZONA : ZM-3a/03

LOCAL : AV. NAÇÕES UNIDAS, S/No. - V. LEOPOLDINA - SÃO PAULO

CONTRIBUINTE : 097.001.0001-4

ESCALA : 1/500

SITUAÇÃO S/ ESCALA



AREAS (m2)

ÁREA DO TERRENO
R=E=17.471,60m2

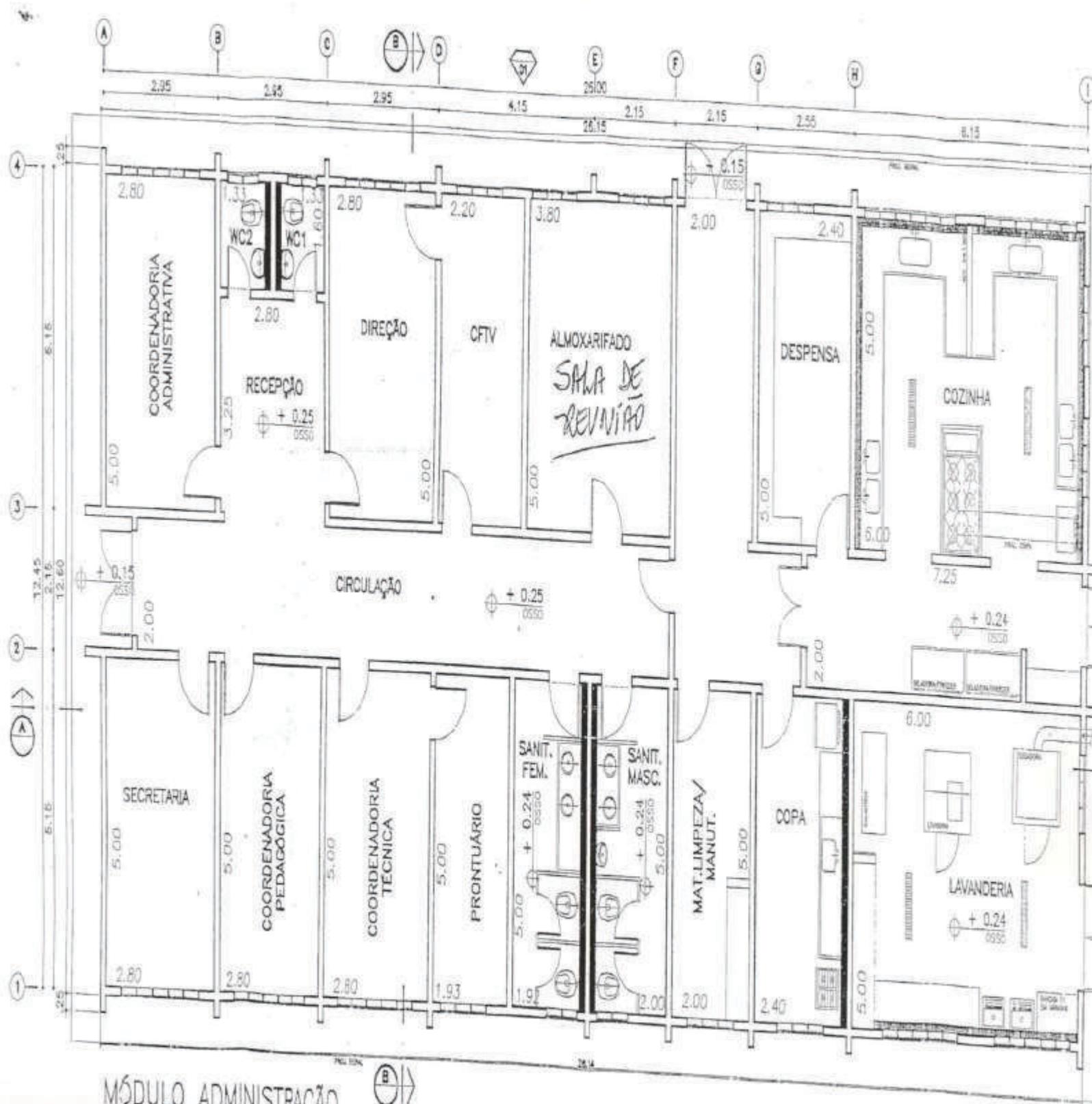
DECLARO QUE A APROVAÇÃO DO PROJETO NÃO IMPLICA NO RE-
CONHECIMENTO POR PARTE DA PREFEITURA DO DIREITO DE PRO-
PRIEDADE DO TERRENO.
NÃO CONSTAM OBRIGAÇÕES CONTRATUAIS NO REGISTRO DE IMOVEIS
CONFORME ARTIGO 39 DA LEI 8.001/73

PROPRIETARIO
FUNDAÇÃO DO BEM ESTAR DO MENOR - FEBEM/SP
MANSUETO HENRIQUE LUNARDI - VICE PRESIDENTE

AUTOR DO PROJETO
LUCIO GOMES MACHADO
CREA N.0600255676

CONSTRUÇÃO:
ETEMP ENGENHARIA INDUSTRIA E COMERCIO LTDA
CREA 0284952
RESPONSÁVEL TÉCNICO: ENG. ERIVELTO OCTAVIO PIRES
CREA 800727340

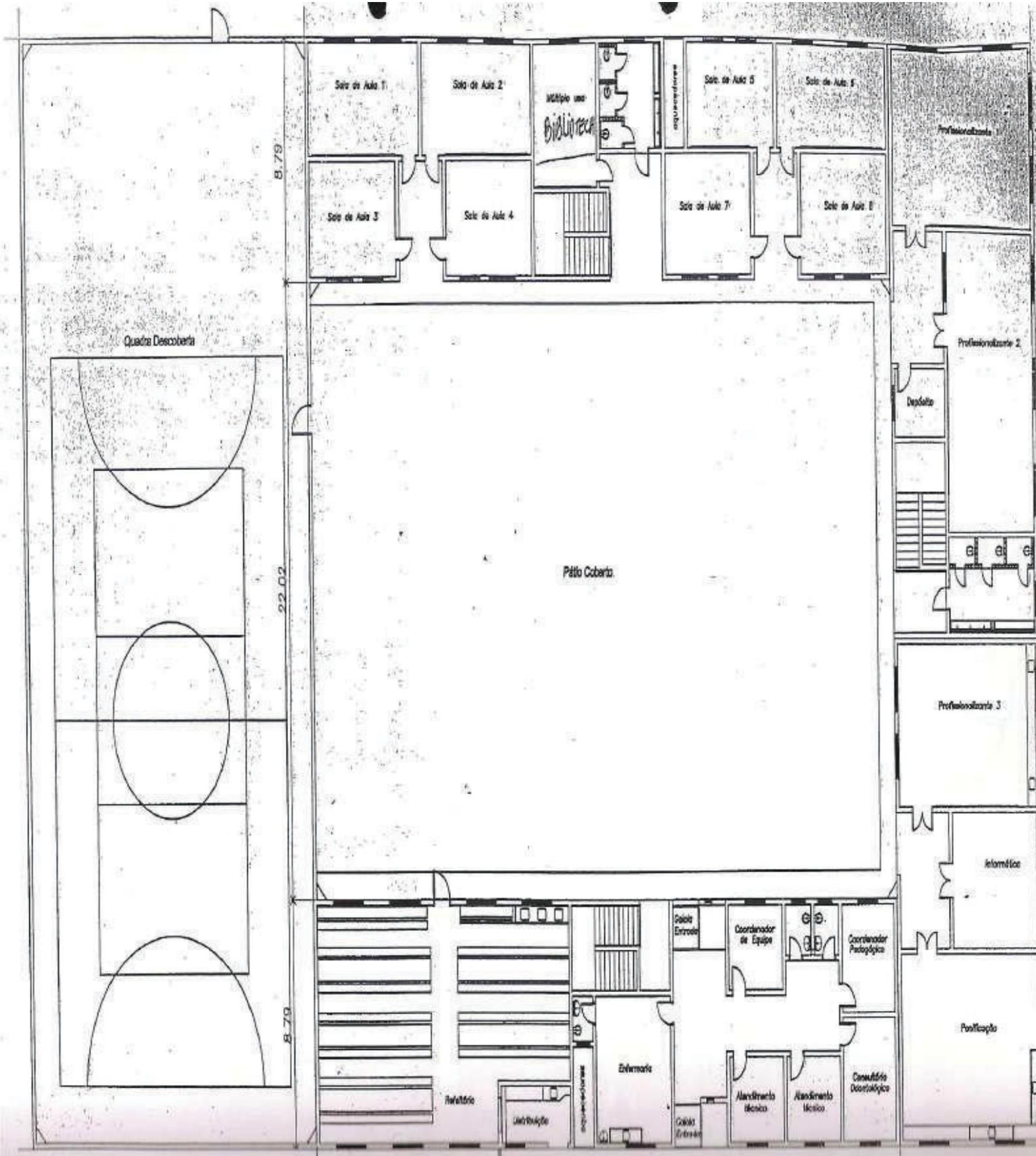
ANEXO II



MÓDULO ADMINISTRAÇÃO
PLANTA

ESC.: 1:100

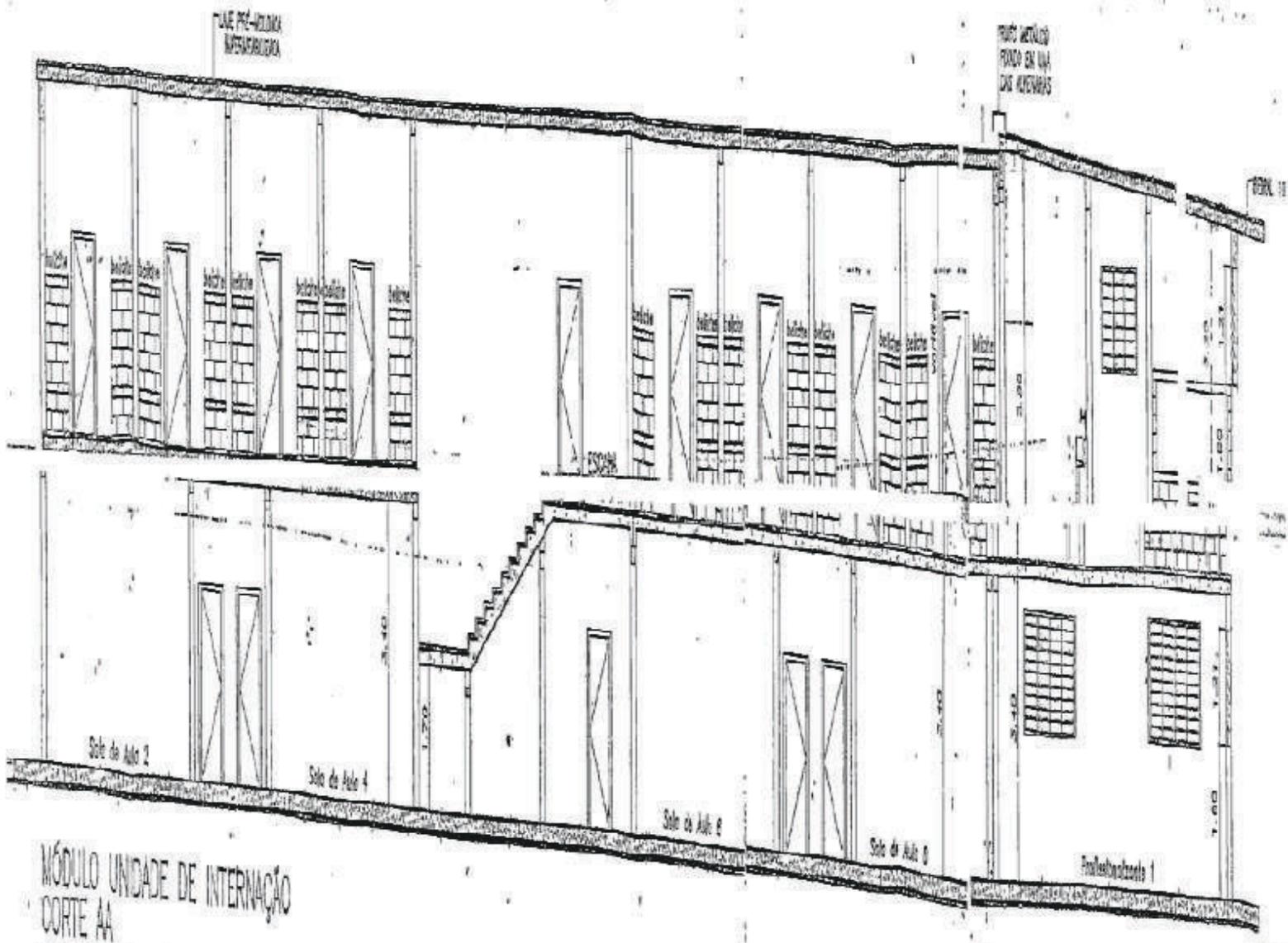
ANEXO III



ANEXO IV

MÓDULO UNIDADE DE INTERNAÇÃO
PLANTA DO PAVIMENTO TERREO

ESQ: 1:100



MÓDULO UNIDADE DE INTERNAÇÃO
CORTE AA

ESQ: 1:100

São Paulo, 07 de Janeiro de 2013.

Ofício - Casa Leopoldina nº 005 /13

Prezado (a) Sr (a)

Vimos pelo presente, solicitar a esta Diretoria de Ensino – Centro Oeste, a não recondução ao cargo do Professor “ Rafael Moraes Limongelli” para o ano de 2013, no CASA-Vila Leopoldina em função do professor não corresponder ao atendimento às normas da Fundação CASA no tocante à confidencialidade e imparcialidade no trato com os adolescentes em conflito com a lei. Também tem causado problemas de diversas ordens em razão do alegado descumprimento de normas, parcialidade das inter-relações pessoais com servidores da Fundação CASA, assim comprometendo a eficácia do cumprimento da medida socioeducativa.

Sem mais colocamo-nos à disposição para maiores esclarecimentos.

Atenciosamente,

Josué Dantas do Nascimento

Diretor do CASA

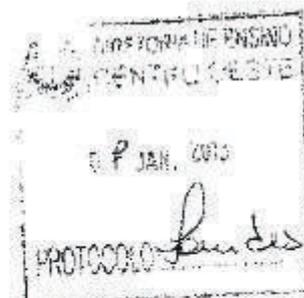
RE: 33.801-1

À

Diretoria de Ensino Centro-Oeste

Valter Dias Lopes

End.: Rua Dr. Paulo Vieira, 257 – Sumaré-SP



PLANO INDIVIDUAL DE ATENDIMENTO

ÁREA DE SEGURANÇA – OBSERVAÇÃO E AVALIAÇÃO DO ADOLESCENTE

GRUPO DE REFERÊNCIA : _____

1. Identificação:

Nome:.....PT.....

.....

Data de Nascimento:...../...../.....

Filiação:.....

.....

2. Vínculo Familiar:

Durante os momentos de visita, como se estabelece o relacionamento entre os familiares e o adolescente?

() Carinhoso () Distante
 () Interessado () Desinteressado
 () Queixoso

Qual a conduta dos familiares perante as regras da Unidade?

Respeitam regras estabelecidas: () Sim () Não

Acatam orientações da equipe: () Sim () Não

Comentário:.....

.....

3. O adolescente no Contexto Institucional:

Como está se desenvolvendo o processo de adaptação do adolescente, frente às regras, normas de convivência e dinâmica da Unidade?

.....

.....

Como o adolescente se relaciona com os demais internos de seu convívio?

() Distante () Mediador
 () Conflitivo () Influenciável
 () Amigável

Como se estabelece o relacionamento do jovem com os funcionários?

() Distante () Colaborador
 () Provocador () Educado
 () Ameaçador

Como é o comportamento do adolescente em sala de aula?

() Presente () Interessado
 () Faltoso () Descompromissado

Como se estabelece o desempenho do adolescente nas demais atividades?

() Colaborador () Conflitivo
 () Mediador () Descompromissado
 () Participativo

Qual a postura do adolescente nas saídas externas à Unidade?

Respeitam regras estabelecidas: () Sim () Não

Acatam orientações da equipe: () Sim () Não

No convívio com os demais, o adolescente apresenta um perfil:

() Positivo () De liderança
 () Agregador () Amigável

Comentário:.....

.....

Como o adolescente se apresenta com relação ao seu humor? Estável ou Oscilante?

Comentar.....

.....

.....

Quando advertido/orientado o adolescente: () Reconhece seu erro
() Nega participação

Comentário:.....
.....

Apresenta envolvimento em atos
indisciplinados?.....

Qual a
frequência?.....
.....

Que tipos de envolvimento? () Atrito com adolescentes
() **Desacato/desrespeito a funcionários**
() **Depredação de patrimônio Público**

O adolescente já recebeu algum tipo de sanção disciplinar, decorrente de participação e
envolvimento em situações de indisciplinas? () Sim () Não
Porque?

.....

DATA: ____/____/____ Coordenador de Equipe - RE _____

Agente socioeducativo RE
Agente socioeducativo RE

ANEXO VII

Matriz Multiprofissional (PPP2012: 117)

HORÁRIO	DIAS DA SEMANA					SABADO	DOMINGO
	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira		
05h30 as 07h00	DESPERTAR / HIGIENE PESSOAL / DESJEJUM						
07h00 as 12h00	SALA DE AULAS / PONTA DE AULA						
07h15 as 10h05	Estrutura Formam Níveis I (Ensino Fundamental I - 01 Turmas), II (Ensino Fundamental II - 05 Turmas) e III (Ensino Médio - 02 Turmas)						
06h00 as 08h00							DESPERTAR / HIGIENE PESSOAL / DESJEJUM
10h00 as 10h08							DESPERTAR / HIGIENE PESSOAL / DESJEJUM
08h45 as 10h05	INTERVALO / LANCHE						
10h05 as 11h45	Estrutura Formam Níveis I (Ensino Fundamental - Ciclo I - 01 Turmas) e II (Ensino Fundamental II - 05 Turmas)						
10h20 as 12h35	Estrutura Formam Níveis III (Ensino Médio - 02 Turmas)						
12h00 as 13h00	HORARIO DE REFEICAO / HIGIENE BUCAI						
12h35 as 13h00	HORARIO DE REFEICAO / HIGIENE BUCAI						
13h00 as 21h00	ATENDEMENTO MULTIPROFISSIONAL						
14h00 as 16h00							Atividades recreativas e de lazer desenvolvidas pelo grupo de Apoio Psicopedagógico
13h45 as 15h00	Grupos	Grupo de Yobs Atividades de Iniciação em Pesquisa	Grupos	Treino de Vôlei Atividade de Educação Física	Equipes de Esportes: Futebol, Basquete, Vôlei, Badminton, etc.		Atividades recreativas e de lazer desenvolvidas pelo grupo de Apoio Psicopedagógico
14h15 as 15h45	Clube de Esportes	Atividades de História Decorativa	Clube de Esportes	Atividades de Dança			
15h55 as 16h00	Atividades de Artes e Atividades de Apoio Psicopedagógico	Atividades de Artes e Atividades de Apoio Psicopedagógico	Atividades de Artes e Atividades de Apoio Psicopedagógico	Atividades de Artes e Atividades de Apoio Psicopedagógico			
16h00 as 17h00							
16h00 as 18h00	Condicionamento Físico	Condicionamento Físico	Condicionamento Físico	Condicionamento Físico	Oficina do Café		
18h00 as 19h30	INTERVALO / HORARIO DE REFEICAO / HIGIENE PESSOAL						
19h30 as 21h00	Treino de Futebol de Campo	Treino de Futebol de Campo	Treino de Futebol de Campo	Treino de Futebol de Campo	Clube de Futebol de Campo		
19h30 as 21h00	Quilite Cor - Tênis, Futebol Rápido	Quilite Cor - Tênis, Futebol Rápido			Clube de Futebol de Campo		
19h30 as 21h00	Grupo de Estudos de Matemática e Português				Clube de Estudos de Matemática e Português		
19h30 as 21h00		Assistência Religiosa - Denominação SCOS Jesus	Assistência Religiosa - Denominação Assembleia de Deus	Assistência Religiosa - Denominação Universal do Reino de Deus			
21h30 as 22h00	HIGIENIZACAO BUCAI E REPOUSO						

5. AGENDA MULTIPROFISSIONAL

HORÁRIO	DIAS DA SEMANA						SÁBADO	DOMINGO														
	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira																	
05h30 às 07h00	DESPERTAR / HIGIENE PESSOAL/ DESJEJUM																					
07h00 às 22h00	ATENDIMENTO E PRESCRIÇÃO MÉDICA																					
07h15 às 10h05	Ensino Formal: Níveis I (Ensino Fundamental I – 01 Turma), II (Ensino Fundamental II – 05 Turmas) e III (Ensino Médio – 02 Turmas)																					
06h00 às 08h00							DESPERTAR / HIGIENE PESSOAL/ DESJEJUM															
08h00 às 10h00							DESPERTAR / HIGIENE PESSOAL/ DESJEJUM	Plantão Psicossocial/Plantão Pedagógico/Atividades recreativas e de lazer														
09h45 às 10h05	INTERVALO / LANCHE						Higienização do Centro															
10h05 às 11h45	Ensino Formal – Níveis I (Ensino Fundamental – Ciclo I – 01 Turma) e II (Ensino Fundamental II – 05 Turmas)							Atividades recreativas e de lazer acompanhadas pela Equipe de Agentes de Apoio Socioeducativos														
10h20 às 12h35	Ensino Formal: Níveis III (Ensino Médio – 02 Turmas)																					
12h00 às 13h00							HORÁRIO DE REFEIÇÃO / HIGIENE BUCAL															
12h35 às 14h00	HORÁRIO DE REFEIÇÃO / HIGIENE BUCAL																					
13h00 às 21h00	ATENDIMENTO PSICOSSOCIAL																					
14h00 às 16h00					Equipes de Referência e Grupos Temáticos: Júpiter, Mercúrio, Netuno, Saturno e Urano	Palestras (Trimestral)	Atividades recreativas e de lazer acompanhadas pela equipe de Agentes de Apoio Socioeducativos	Atividades recreativas e de lazer acompanhadas pela equipe de Agentes de Apoio Socioeducativos														
13h45 às 15h50	Garçom	Treino de Vôlei	Garçom	Treino de Vôlei			Equipes de Referência e Grupos Temáticos: Júpiter, Mercúrio, Netuno, Saturno e Urano	Palestras (Trimestral)														
	Chapeiro	Atendente de Farmácia	Chapeiro	Atendente de Farmácia																		
	Informática Básica	Panificação	Informática Básica	Panificação																		
14h15 às 15h45		Artes Plásticas		Artes Plásticas							Equipes de Referência e Grupos Temáticos: Júpiter, Mercúrio, Netuno, Saturno e Urano	Palestras (Trimestral)										
		Capoeira		Capoeira																		
		Hip Hop		Hip Hop																		
15h55 às 18h00	Manutenção e Montagem de Micros	Operador de Telemarketing	Manutenção e Montagem de Micros	Operador de Telemarketing											Equipes de Referência e Grupos Temáticos: Júpiter, Mercúrio, Netuno, Saturno e Urano	Palestras (Trimestral)						
	Assistente de Vendas em Automóveis e Autopeças	Entalhe em Madeira	Assistente de Vendas em Automóveis e Autopeças	Entalhe em Madeira																		
16h00 às 17h30		Artes Plásticas		Artes Plásticas															Equipes de Referência e Grupos Temáticos: Júpiter, Mercúrio, Netuno, Saturno e Urano	Palestras (Trimestral)		
		Capoeira		Capoeira																		
		Hip Hop		Hip Hop																		
16h00 às 18h00	Condicionamento Físico	Condicionamento Físico	Condicionamento Físico	Condicionamento Físico	Equipes de Referência e Grupos Temáticos: Júpiter, Mercúrio, Netuno, Saturno e Urano	Palestras (Trimestral)																
	Treino de Tênis de Mesa	Treino de Futebol de Campo	Treino de Tênis de Mesa	Treino de Futebol de Campo																		
18h00 às 19h30	INTERVALO / HORÁRIO DE REFEIÇÃO / HIGIENE PESSOAL																					
	Treino de Futebol de Campo	Escolinha de Futebol – Turma A	Treino de Futebol de Campo	Escolinha de Futebol – Turma B							Treino de Futebol de Campo											
19h30 às 21h00	Quesito Cor – Eixo Étnico Racial	Quesito Cor – Eixo Étnico Racial									Equipes de Referência e Grupos Temáticos: Júpiter, Mercúrio, Netuno, Saturno e Urano	Palestras (Trimestral)										
	Grupo de Estudo de Matemática e Português/Letramento																					
19h30 às 21h30		Assistência Religiosa Denominação SOS Jesus	Assistência Religiosa Denominação Assembleia de Deus	Assistência Religiosa Denominação Universal do Reino de Deus											Equipes de Referência e Grupos Temáticos: Júpiter, Mercúrio, Netuno, Saturno e Urano	Palestras (Trimestral)						
21h30 às 22h00	HIGIENIZAÇÃO BUCAL E REPOUSO																					

ANEXO VIII

(PPP2012: 125)

		MÉTODOS E TÉCNICAS SOCIOEDUCATIVAS	CASA VILA LEOPOLDINA Divisão Regional Metropolitana Oeste - DRM-IV
TERCEIRA FASE - CONCLUSIVA			
V E R D E	PLENITUDE HUMANA	→	ENCONTRO DO SER COM O QUERER SER
	AUTO REALIZAÇÃO	→	CADA PASSO DADO NA DIREÇÃO DO SEU PROJETO
	RESILIÊNCIA	→	RESISTIR À DIVERSIDADE E UTILIZÁ-LA PARA CRESCER
	AUTODETERMINAÇÃO	→	ASSUMIR A DIREÇÃO, O CONTROLE DE SUA PRÓPRIA VIDA
SEGUNDA FASE - INTERMEDIÁRIA			
A Z U L	SENTIDO DA VIDA	→	É A LINHA, A ESTRADA, O CAMINHO QUE LIGA O SER AO QUERER SER
	PROJETO DE VIDA	→	É QUERER ALGO E SABER O QUE É NECESSÁRIO PARA CHEGAR LÁ
	QUERER SER	→	DESEJAR ARDENTEMENTE SER ALGUMA COISA (SONHO)
	VISÃO POSITIVA DO FUTURO	→	OLHAR O FUTURO SEM MEDO
PRIMEIRA FASE - INICIAL			
V E R M E	AUTOCONFIANÇA	→	APOIAR-SE PRIMEIRO EM SUA PRÓPRIA FORÇA
	AUTOCONCEITO	→	TER UMA IDÉIA BOA A RESPEITO DE SI MESMO
	AUTOESTIMA	→	GOSTAR DE SI PRÓPRIO, AUTO ACEITAR-SE
	IDENTIDADE	→	COMPREENDER-SE E ACEITAR-SE



AVALIAÇÃO PEDAGÓGICA

Mês / ano

Nome				Sexo	
N.º PT	N.º Proc.	Data Nasc.	Unid.	Série	

DESENVOLVIMENTO DE ATITUDES, HABILIDADES E INTERESSES

A - INDIVIDUAL	Nunca	Às vezes	Sempre
01 - Desenvolve as atividades com interesse?			
02 - Completa as atividades em tempo razoável?			
03 - Desenvolve as atividades independentemente?			
04 - Reconhece e respeita a propriedade alheia?			
05 - Partilha o material é cooperador?			
06 - Espera sua vez de falar?			
07 - É organizado?			
08 - É esforçado?			
09 - É criativo?			
10 - Apresenta aproveitamento compatível aos objetivos propostos?			
B - EM GRUPO	Regular	Bom	Ótimo
01 - Capacidade de se relacionar com o grupo			
02 - Organização no grupo			
03 - Capacidade de liderança do grupo			
04 - Capacidade de manter diálogo com os colegas			
05 - Recepividade à conteúdos novos			
06 - Capacidade de discutir os problemas com o educador			
07 - Capacidade de atendimento aos colegas que necessitam de ajuda			
08 - Colaborar com o crescimento do grupo			
09 - Capacidade de compreensão das relações sociais no grupo que o cerca			

Curso que frequênte

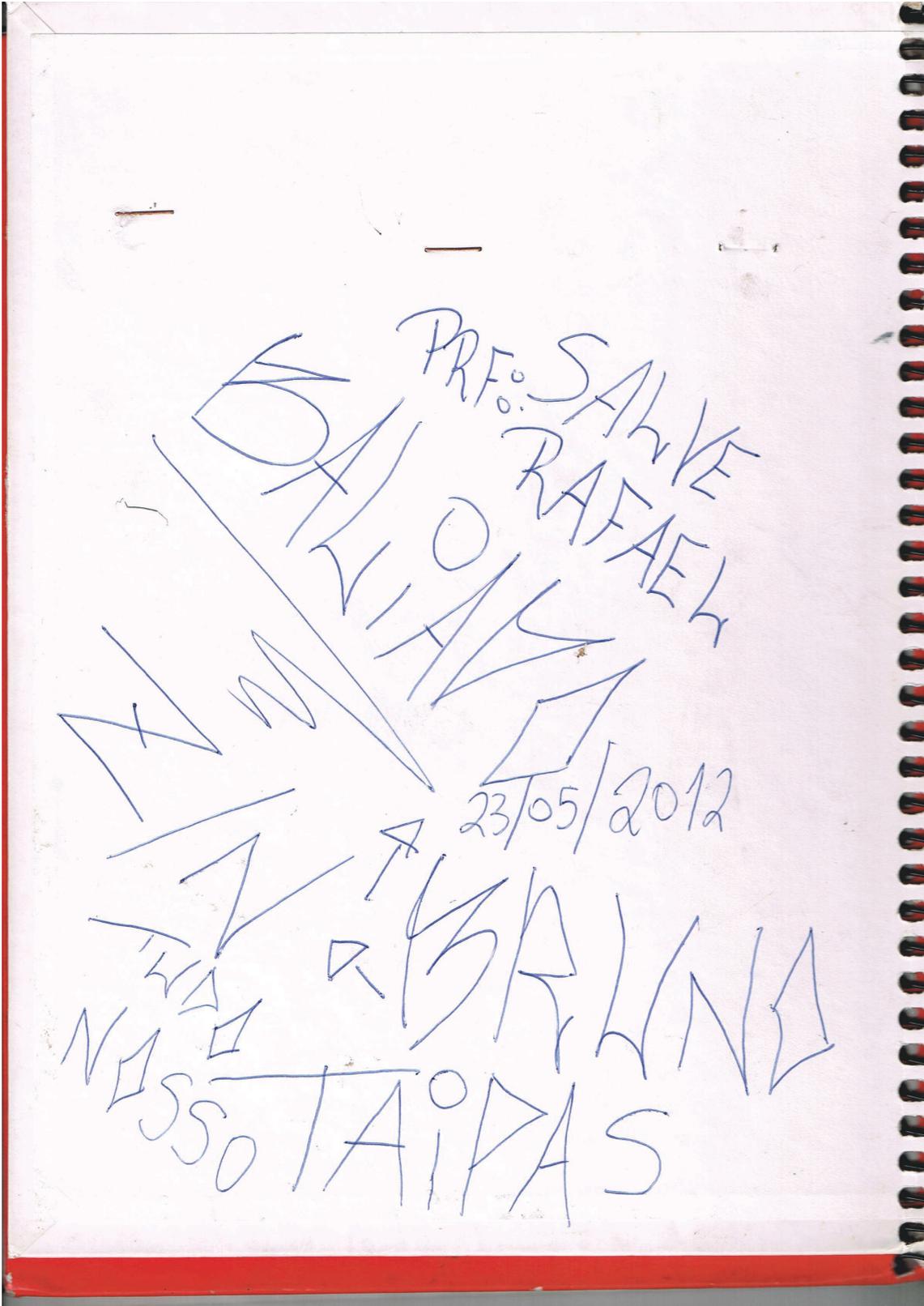
Cursos que frequêntou

Professor(a)

Coordenador(a) Pedagógico(a)

ANEXO XI

Caderno de anotações da *Horta da Vida*.



①

- ARRANCAMOS AS GRAMINEAS E TIRIRICAS QUE ESTAVAM SE COM-
PORTANDO REITO PRAGA;

- PLANTAMOS AS ESTACAS DE BOLDO;

- COBRIMOS COM COBERTURA MORTA (PALHA SECA);

- PERIODICAMENTE ESTAMOS ARRANCANDO AS "PRAGAS" E ELABORANDO
O SEGUINTE PROCEDIMENTO:

I RETIRAR A INFLORESCENCIA DA GRAMINIA E A BATATA
(RAIZ) DA TIRIRICA

II DEIXA-LAS AO SOL PARA SECAR;

- PERIODICAMENTE ESTAMOS RETIRANDO AS PEDRAS DO CANTEIRO E
COLOCANDO NO CAMINHO;

- Repel 19/03

②

(Quando retiramos ~~das~~ plantas dominantes de um canteiro,
costumamos cobri-lo com um lençol, p/ sombreá-lo e conservar
sua umidade.)

Hoje plantamos amarantos bem pequenininhos em vários lugares dos
canteiros: ao lado da estaca deitada de boldo e no 3º canteiro
(de cima pra baixo) em 4 pontos diferentes. Bem perto do muro, 4 ama-
rantos protegidos por um copo transparente. Uns 70 centímetros
em direção ao centro, mais uns 4, protegidos por uma grade de
plástico (daquelas que ficam embaixo das cadeiras); mais 1m em dire-
ção ao centro, outros 4 também protegidos por uma dessas grades.
Mais 1m, idem. Plantamos também plântulas (mudinhas) de
bertalha em todos esses pontos. O desenho abaixo ilustra o 3º canteiro:

/ /

Plantamos também bertalhas da variedade trepando em
todas as estacas de boldo que estão em pé.
Semearmos betas em todos os cantos no primeiro metro desde o muro.

Ana Terra, 19.03

③ 26.03

juventes livres Publio
tiramos tirão e ~~o~~ gramínia manualmente
C para sair com a raiz.

Luiz Eduardo tiramos tirão e gramínia manual-
mente C para sair com a raiz. fizemos recubertas
das plantas: boldo, arralho, bertalho, amarantho, pinel,
terromissino, bebrinho etc de leite cozido.

26.03

④ Eu achei muito legal mexer com
horta foi a minha 1 vez gostei
muito Chris Almeida (3A)

26.03

⑤ Eu achei muito legal mexer com
horta foi a minha vez eu gostei
muito de mexer com erva
e eu foiz muito tempo que eu não
comia a roscaria e eu gostei e quando
eu sair eu vou voltar pra terra
trabalhar que isso é a minha vida etc.

spiral

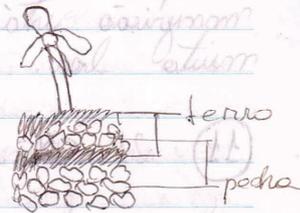
Diego 3B

⑥ Leopoldina 28, uli marco uli 20K

Eu Murilo eo Wallace fizemos um Primoedial,
Aerificamos Tierica e Graminia que se comportam
como pragas que roubam nutrientes das plantas.

E também plantamos uma clama da noite que
é uma selva de flores.

E fizemos ~~contorno~~ caminho
entre os dois primeiros contornos
caçamos e fizemos um caminho com
pedras e só.



Murilo Miguel Lima Soares

Wallace Lima

⑦ 2 de Abril de 2012

Aprendemos HOJE eu Rafael e Wan-
der, sobre as plantas os nomes
as que podem comer e as que não
podem e tivemos pragas.

Bem di começa pela primeira impresão tivemos hoje uma atirada
de com plantas medicinais e populares e analisamos as pragas
que impedem o crescimento delas.

⑧ Eu Leonardo Roberto gostei de ido na Norta
da Fundação pois essa foi uma experiência boa
pra mim pois eu até coloquei palha na terra.

⑨ Wellington Bispo teve uma experiência de espanta
um pouco de matéria orgânica sobre a terra
para os plantio não morre tão fácil.

⑩ 11-04-12

Wesley William Pires da Silva.

Eu achei interessante pois, foi a primeira vez que vi a horta depois do dia que ajudei a plantar.

Cruzaram, estão forte e já estão dando frutos, por exemplo o tomate, ajudei a regar a horta, a manjeriça está muito grande e cheirosa. A horta está muito boa.

⑪ 21-04-2012.

Dimicius Santos Oliveira de Paula.

Foi bem interessante o que fizemos no sábado, pois não era um dia normal de ir para a horta mas o Rafael escolheu 5 adolescentes para respirar um ar diferente, lá nós arrancamos tirinhas e gramíneas para essas plantas não prejudicarem as outras plantas, o rpi de manjeriça está bastante grande e um cheiro estará pronto para quem gosta de comer degustar e tem um cheiro bem agradável. Depois um deve visitar a horta novamente, é sempre bem daí da vitória e respirar um ar diferente.

Boa Fortalce...

Agradece!

Dimas. Helipolis. Zona Sul

12) 24-04-12

Guilherme Teodoro do Carmo Santos

"PRA mim foi um dia bem diferente, pois nunca tive experiência e nem contato com horta nenhuma, isso foi legal, nós semearmos na terra, comemos algumas plantas comestíveis, era um pouco ardida mais gostosa, gostei muito de ir pra horta, acho que não vou mais pra horta pois eu to quase indo embora, mas se eu tiver aqui na próxima vez que forem na horta, gostaria muito de ir, agradeço muito por essa oportunidade que o senhor Rafael nos concedeu de termos conhecendo plantas novas, obrigado por tudo!"

21/04/12

Sei agradecer a experiência aqui a volta com o contato
 a natureza fideia a horta medicinal e alimentares da casa por mais
 uma vez nos acompanhar a observarmos as plantas.
 Mandei trazer para fazer "um Beijo nas plantas"

14) 24-04-12 Piérin Cavê Henrique

Foi muito bom a experiência de mexer em uma horta, e coisas que aprendi aqui comigo vou levar pra sempre, aqui tenho competência de falar que meu futuro esta no caminho certo e é pessoas como o sr Rafael que encimam levar a vida de um jeito diferente do jeito que a vida quer. Diversidade essa horta foi representada como minha vida deis de semente até agora somos iguais as plantas precisamos de alguém que cuide de nós como se fazem nossa

família, hoje tenho um objetivo ser feliz ao lado de minha família como uma planta ao lado de outras plantas. E nós seu Rafael Beijo nos poupa RSRS.

15

família: Diego Rodrigues Gonçalves
 Eu fui lá na frente e eu ~~comecei~~
 arrisquei os projetos e arrisquei
 as pedras e comi serradão e eu
 gostei de mecher na horta porque
 na cidade eu moro é mais
 essas coisas que tem para
 trabalhar e horta e mais parentalção
 e café e é mais na hora de ir embora
 com a minha família
 muito obrigado senhor Rafael
 por ter me levado na certa fala

16 - Wesley Vicente

HOJE GRAÇAS A DEUS EU PODI SAIR LA PARA FORA
 NA HORTA E PODI RESPIRAR UM AR DIFERENTE
 GRAÇAS AO PROFº RAFAEL ELE MOSTROU PARA MIM
 E PARA O GUILHERME DIFERÇAS COISAS ~~DIFERENTES~~
 MOSTROU UMAS FOLHAS COMESTIVEIS E EU COMI
 UMA DELAS FOI GRATIFICANTE POIS EU NUNCA
 TIVE CONTATO COM UMA HORTA E ISSO FOI
 DIFERENTE ENTÃO AGRADEÇO AO PROFESSOR RAFAEL
 PELA OPORTUNIDADE DE ME LEVAR PARA HORTA.
 FORTE ABRAÇO FU!!!

spiral

17- no dia 25/04/12 eu Rodrigo mas um preso, fui para
 ortã sobre o ar livre conheci sobre a vegetação
 foi bom por que viu o céu pode respirar o cheiro
 das plantas, foi um trabalho que achei durante
~~uma~~ toda minha caminhada uma experiência que
 podemos dizer que a natureza tem vida ela é vida
 se não fosse por ela nós não existiríamos.

18- meu nome é Lucas Chaves dos Santos
 e há sensação de olhar o sol sem grade foi muito
 bom e sentir o jeito das folhas verdes e muito gratificante.

19 mateus de do hora, lebrando e céu me
 senti senti
 sendo lá fora. gostei das plantas
 e comer a mangueira.
 Foi bom sentir o cheiro da terra

Duras

- ① Vinícius Santos e Wallace Lima
- ② Rober Alves e Lucas Maciano
- ③ Cássio Henrique e Murilo Myllan
- ④ Jones Pecher e Bruno Borres
- ⑤ NATHAN Honorato e Fredson
- ⑥ Lucas Chaves e Wallace Farias
- ⑦ Elvis e Diego
- ⑧ Vinícius Ribeiro e Rodrigo Mendes
- ⑨ Wander e Wellington
- ⑩ Jefferson e Wesley Willian
- ⑪ Cristiano e Danilo do Silve
- ⑫ Jonathan e Leo de B
- ⑬ Jefferson Bruno.

SALA IIIA

1. Rodrigo Mendes Lima
 2. Elvir Almeida Silva
 3. CRISTIANO AP. PINA JUNIOR
 4. Wallace Farias Almeida
 5. Bruno Barros Pereira
 6. Leonardo Roberto / LEO DA B
 7. Murilo Mota Lima Gomes
 8. Inathon Honorato Basso dos Santos.
 9. Vivicius Ribeiro da Silva
 10. Jefferson Bruno Prado dos Santos.
 11. Jonathan de Souza Santana
 12. Danilo da Silva Santos
 13. Jefferson Santana Ferreira
 14. Gredson Adriano Menconder
 15. Rafael Alves Gomes - RAFAEL ALVES GOMES.
 - 16 X. ~~Elvir~~ Vivicius Santos Oliveira de Paula
1. Lucas Chaves
 2. Diego Rodrigues Gerolami
 3. Lucas Marciano Vieira
 4. Wesley W.
 5. Wander Káikyl Dias.
 6. Wallace Lima de Almeida
 7. WELLINGTON BISTO
 8. Jonas Pedro dos Santos
 9. Cassi Henrique

Wallace

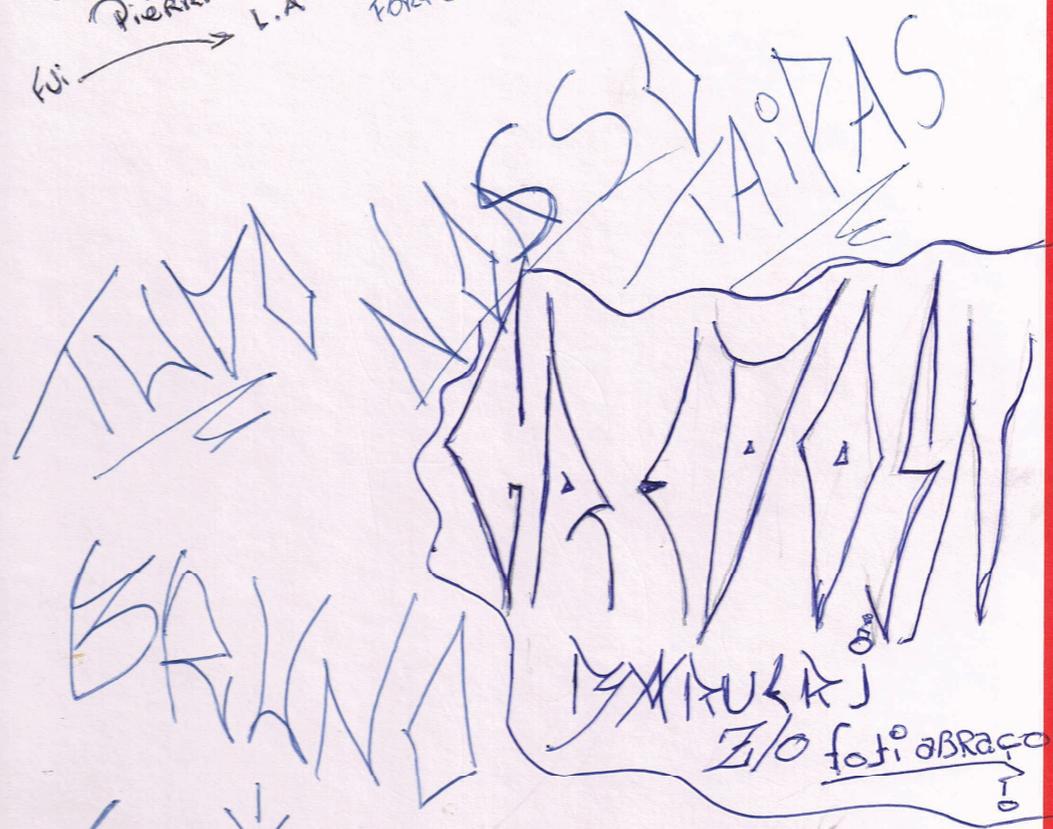
Hoje dia 09 de maio 2012 eu Wallace
 Lima de Oliveira mais um menor travado
 privado da sua liberdade vim na horta
 regar os plantas e que eu chei de bem
 hoje foi que eu pude ver o sol sem grades
 e pude desfrutar minha mente e que eu tava
 bradando mais um dia a liberdade tanta
 e ja estou 9 meses 10 meses eu to na tua
 experiência de vida, de vida travada!

Uniclus Santos Oliveira de Paula

Hoje dia 09 de maio de 2012, estou morando
 aqui na horta, isto é uma experiência muito boa,
 pois tenho contato com a natureza, aprendo a cuidar
 de plantas, uma vez e outra é sempre bom estar na
 natureza, eu nunca esperi em ter esta experiência, é
 bem legal mesmo.

Aqui a Casa Vila Leopoldina é boa, infelizmente
 me encontro nada longe da minha família, porém
 fazer a minha e ir embora, pois meu lugar é
 ao lado de meus familiares, aqui tem menores
 do boca que sabem tirar umas ideias de
 dinheiro, tem outros que é moleque, mais
 vou levando firme e forte no cotidiano.

S P-10-05+11
 H-25-04-12
 Pierrri
 fui → L.A → é más seu
 Rafael
 forte abraço



BALIO
 WIAK
 TAIPAS
 ZONA NOROESTE
 157